



UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Centro de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado Acadêmico em Psicologia

CÂNDIDA MARIA FARIAS CÂMARA

ENTRE ARTE E SENTIDOS:
UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS EMERGENTES NO PROCESSO DE UM
GRUPO DE ARTE-IDENTIDADE

FORTALEZA-CE
2011



UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Centro de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado Acadêmico em Psicologia

CÂNDIDA MARIA FARIAS CÂMARA

ENTRE ARTE E SENTIDOS:
UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS EMERGENTES NO PROCESSO DE UM
GRUPO DE ARTE-IDENTIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis

FORTALEZA-CE
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- C172e Câmara, Cândida Maria Farias.
Entre arte e sentidos : um estudo sobre os sentidos emergentes no processo de um grupo de arte-identidade / Cândida Maria Farias Câmara. – 2011.
127 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2011.
Área de Concentração: Psicologia.
Orientação: Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis.
- 1.Arte e doença mental – Bom Jardim(Fortaleza,CE). 2.Identidade social na arte. 3.Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim. I. Título.

CDD 362.22098131

CÂNDIDA MARIA FARIAS CÂMARA

**ENTRE ARTE E SENTIDOS:
UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS EMERGENTES NO PROCESSO DE UM
GRUPO DE ARTE-IDENTIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Data da Aprovação: ___/___/_____

Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis – UFC
Orientador

Prof^a. Dr^a. Ana Luisa Teixeira de Menezes - UNISC
Membro da Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Ercília Maria Braga de Olinda– UFC
Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

À vida que, em sua bondade e sabedoria, me permitiu iniciar e terminar essa obra.

Aos meus pais, Câmara e Jovita, pela minha criação, em todos os sentidos da palavra.

Ao meu bem, Waldyr, pelos dias de compreensão, colaboração e imenso amor.

Aos meus irmãos, Ciro e Cristiano, que contagiam com sua amizade e carinho.

Ao orientador e amigo, Cezar Wagner, pelos longos anos de ensinamentos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos e apoio financeiro.

Aos participantes do grupo de arte-identidade, que tanto me ensinaram, minha eterna gratidão.

"Ainda que eu falasse a língua dos homens

*e falasse a língua dos anjos, sem amor
eu nada seria" (Apóstolo Paulo)*

RESUMO

A presente pesquisa surge do engajamento da autora no Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ), organização não governamental que atua em Fortaleza, no bairro do Bom Jardim. Nossa prévia inserção na instituição desenvolvendo trabalhos em grupo com a arte-identidade garantiu o desdobramento do processo de pesquisa. Nosso objetivo é compreender os sentidos que emergem no processo criativo por participantes de um grupo de arte-identidade do MSMCBJ verificando a direção que aponta na construção da identidade. Especificamente, identificar os sentidos expressos pelos participantes a partir da arte-identidade; verificar os aspectos da expressão da identidade presentes nesses sentidos construídos e analisar a contribuição da utilização da arte para o fortalecimento da identidade. Para tanto, utilizamos o método facilitar-pesquisando e realizamos com os participantes do grupo, adultos na faixa etária de 21 a 59 anos, duas intimidades verbais e registros fotográficos como instrumentos para coletar os dados, os quais foram submetidos à análise de conteúdo. Nossa pesquisa verificou a presença de cinco unidades de sentido: medos e resistências à criação; processos de criação; polaridade existencial dos eixos libertação/nascimento e prisão/bloqueios; natureza e sentimento de grupo e de gratidão. Concluímos que os sentidos identificados revelam o processo criativo mediado pela arte como forma de fortalecer a identidade nas transformações necessárias e no desenvolvimento da sua criatividade e coragem de criar. Mesmo diante da repressão e desvio da noção de criatividade, os fatores de vínculo do grupo e contato com a natureza, mediados pela arte, podem favorecer sua superação. A arte tem aqui seu papel fundamental: propiciar a emergência da identidade-amor.

Palavras-chave: Sentido, Arte e Identidade

ABSTRACT

This research comes from the commitment made by its author in the Movement of Community Mental Health of Bom Jardim (MCMHBJ), a nongovernmental organization that acts in Fortaleza into the neighbourhood named Grande Bom Jardim. Our previous integration in this institution is to develop team works with the identity art setted down the deployment of the research process. Our aim is to understand the senses that comes out from those ones involved, in the creativly process, in an art identity group of MCMHBJ, checking the direction which points in identity building. Specifically, identifying the senses expressed by the participants from the art identity; checking the aspects from the identity expression that exists in these built senses and analysing the contribution of art utilization to the fortifying of identity. For that, the methodology ease-searching was utilized and it was carried out with the ones involved in the group, adults from 21 to 59 years old, two verbal closeness and photography registration as instruments to collect datas that were submitted to the content analysis. Our research ascertained the presence of five units of sense: fears and resistances to creation; processes of creation; existential polarity of the axis liberation/borning and prison/banings; nature and feeling of group and gratitude. And it's concluded that the identified senses reveal that the creative process mediated by art as a form to fortify the identity in the necessary transformations and in the developing of their creativity and courage to create. Even ahead of repression and shifting of the creativity notion, the factors of group bond and nature contact mediated by art can provide to insert these difficulties to get them over. The art has its fundamental rule which is to provide the emergence of the love-identity.

Key-words: Sense, Art and Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Foto das facilitadoras no São João do grupo.....	34
Figura 02 – Grupo na maratona na Taíba	36
Figura 03 – Grupo na festa de São João na telhoça	36
Figura 04 – Salão da maratona na praia da Taíba.....	37
Figura 05 – Telhoça do Siqueira	37
Figuras 06 e 07 – Círculo de cultura com texto-gerador “Permissão para criar”	37
Figura 08 – Intimidade verbal na maratona	38
Figura 09 – Intimidade verbal na telhoça	38
Figura 10 – Dança livre com tecidos	39
Figura 11 – Elasticidade Integrativa.....	39
Figura 12 – Roda de Integração	39
Figura 13 – Dança de personagens.....	39
Figuras 14 e 15 – Modelagem com argila	40
Figuras 16 e 17 – Contato individual com argila	41
Figuras 18 e 19 – Contato em grupo com argila	41
Figuras 20 e 21 – Pintura em aquarela	42
Figuras 22 e 23 – Pintura em cerâmica com giz de cera derretido	42
Figura 24 – Pintura coletiva com tinta guache	43
Figura 25 – Mandala feita com lápis de cor	43
Figuras 26, 27 e 28 – Colagem com figuras de revistas	45
Quadro 1 – Esquema do método Facilitar-Pesquisando.....	49
Quadro 2 – Esquema de retroalimentação.....	50
Figuras 29 e 30 – Grávida modelada com argila pela participante 01	55
Figura 31 – Cenário da infância modelada com argila pela participante 07	55
Figura 32 – Mandala feita pela participante 02	56
Figura 33 – Mandala feita pela participante 09	56
Figura 34 – Aquarela feita pela participante 01	57
Figura 35 – Modelagem com argila feita pela participante 03.....	58
Figura 36 – Dança de elasticidade integrativa	60
Figura 37 – Mandala feita pela participante 06	60
Figura 38 – Mandala feita pelo participante 05	62
Figura 39 – Modelagem com argila feita pelo participante 02.....	64
Figuras 40 e 41– Modelagem com argila feita pelo participante 01.....	65
Figuras 42 e 43 – Modelagem com argila feita pelo participante 03.....	65

Figura 44 – Mandala feita pelo participante 16	66
Figura 45 – 1ª Mandala feita pelo participante 07.....	67
Figura 46 – 2ª Mandala feita pelo participante 07.....	68
Figura 47 – 3ª Mandala feita pelo participante 07.....	68
Figura 48 – 1ª Mandala feita pelo participante 09.....	69
Figura 49 – 2ª Mandala feita pelo participante 09.....	70
Figura 50 – 1ª Mandala feita pelo participante 15.....	71
Figura 51 – 2ª Mandala feita pelo participante 15.....	72
Figura 52 – 1ª Mandala feita pelo participante 03.....	73
Figura 53 – 2ª Mandala feita pelo participante 03.....	73
Figura 54 – 1ª Mandala feita pelo participante 04.....	74
Figura 55 – 2ª Mandala feita pelo participante 04.....	75
Figura 56 – 3ª Mandala feita pelo participante 04.....	75
Figuras 57 e 58 – Modelagem com argila feita pela participante 13.....	77
Figura 59 – 1ª mandala feita pela participante 02.....	78
Figura 60 – 2ª mandala feita pela participante 02.....	78
Figura 61 – 3ª mandala feita pela participante 02.....	79
Figura 62 – 1ª mandala feita pelo participante 16.....	80
Figura 63 – Contato em grupo com argila	81
Figuras 64 e 65 – Modelagem com argila feita pelo participante 01.....	83
Figura 66 – 1ª mandala feita pelo participante 12.....	84
Figura 67 – 2ª mandala feita pelo participante 12.....	84
Figura 68 – 3ª mandala feita pelo participante 12.....	85
Figura 69 – 1ª mandala feita pelo participante 14.....	86
Figura 70 – 2ª mandala feita pelo participante 14.....	87
Figura 71 – Modelagem com argila feita pelo participante 11	88
Figura 72 – Aquarela feita pelo participante 04	89
Figura 73 – Pintura em cerâmica com giz de cera derretido feito pelo participante 04..	90
Figura 74 – Modelagem com argila feita pelo participante 04.....	90
Figura 75 – Aquarela feita pelo participante 07	92
Figura 76 – Aquarela feita pelo participante 05	93
Figura 77 – Modelagem com argila feita pela participante 08	94
Figura 78 – Pintura em cerâmica com giz de cera derretido feito pelo participante 10..	96
Figura 79 – Modelagem com argila feita pelo participante 09.....	97
Figura 80 - Roda de celebração	104

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 EM BUSCA DE SENTIDO E DA ARTE-IDENTIDADE	15
2.1 Significado e sentido	15
2.2 Arte-Identidade	18
2.2.1 <i>Biodança</i>	18
2.2.2 <i>Educação biocêntrica</i>	22
2.2.3 <i>Arte e identidade</i>	27
3 METODOLOGIA	24
3.1 Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ)	24
3.2 O Grupo da “telhoça”	26
3.2.1 <i>Dança</i>	28
3.2.2 <i>Modelagem com argila</i>	40
3.2.3 <i>Pintura</i>	41
3.2.4 <i>Poesia</i>	43
3.2.5 <i>Colagem</i>	45
3.3 Pesquisa qualitativa	46
3.4 Facilitar-pesquisando	47
3.5 Análise de conteúdo temática	52
4 ENTRE ARTE E SENTIDOS	54
4.1 Medos e resistências à criação	54
4.2 Processos de criação	61
4.3 Polaridade existencial – libertação/renascimento x prisão/bloqueios	67
4.4 Natureza	91
4.5 Sentimento de grupo e de gratidão	100
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICES	112
ANEXOS	125

1 INTRODUÇÃO

Essa obra é repleta de personagens cujas vidas se entrelaçaram no curso da história. Sentada a pensar essa dissertação, minha vontade é imprimir todas as sensações revividas agora ao lembrar de toda a caminhada para que o leitor a compreenda desde as entranhas. Ser superficial não basta e, caso aconteça, me perdoem, pois as palavras e exigências acadêmicas pecam nesse aspecto. Introduzo minha história com alguns versos:

Foi assim...
Ela cresceu no interior,
Foi lá que viveu e aprendeu:
Sem frescura a vida é meiô.

Muitos provérbios ouviu,
Água mole, pedra dura
De seus pais, seus mestres
Tanto bate até que fura.

Foi assim...
Para ela só importa,
Evoluir, cuidar e amar.
E essa obra apresentada?
Entenda, felicidade só existe
Quando compartilhada.

Cândida Câmara (06.02.2011)

Acrescento alguns comentários e fatos que contribuíram para a construção dessa dissertação. Primeiramente, a entrada, em maio de 2003, no Núcleo de Psicologia Comunitária (N Ψ COM), da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenado pela Prof^a. Dr^a Verônica Morais Ximenes, este núcleo de ensino, pesquisa e extensão desenvolve ações no campo da Psicologia Comunitária em bairros de Fortaleza e de outros municípios do Ceará. Aos poucos adentrando nesse novo mundo não tão desconhecido, pois recordava minha infância interiorana, foi que conheci e vivi a arte em todos os âmbitos do núcleo: planejamento estratégico, grupo de estudo, nas comunidades facilitando encontros, reuniões etc.

A possibilidade de encontro entre psicologia, comunidade e arte me fascinava, principalmente depois de conhecer o Sistema Biodança em fevereiro de 2004. A biodança foi criada pelo chileno Rolando Toro e compreende um sistema de desenvolvimento humano que promove a integração do ser por meio da unidade movimento-música-vivência. A partir de

então, essa caminhada pessoal e profissional construiu novo rumo, semeando a criatividade e a arte em terreno fértil que conduziu até esta pesquisa.

Citamos uma facilitadora que fez parte dessa trajetória, Cássia Regina, que me convidou para trabalhar em sua companhia na organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP) Instituto Nordeste Cidadania (INEC), contribuindo com a assessoria às comunidades e municípios do Ceará e com a realização de vários cursos de arte-identidade no âmbito da geração de emprego e renda.

Importante, também, a participação no trabalho realizado pelo psicólogo sergipano Aldo Rezende de Melo, denominado *Corpus Poyesis*, compreendendo um método terapêutico, alicerçado pelas abordagens psicoterápicas corporais, transpessoais e psicodramática, que pressupõe a produção de saúde dos sujeitos através de dispositivos coletivos de expressão das emoções, dos sentimentos e dos afetos, em forma de esculturas poético-corporais dinâmicas.

Cabe, ainda, ressaltar a passagem breve e marcante pelo projeto de extensão de dança contemporânea, intitulado “Vixe! Grupo de dança”, coordenado pela Prof^a Dr^a Ângela de Alencar Araripe Pinheiro. E a escrita e leitura poéticas, as apresentações artísticas vistas e das quais participei e, acima de tudo, a arte de criar em cada gesto cotidiano.

Nessa história, é preciso dizer claramente que o interesse pela arte foi construído pelo envolvimento em trabalhos comunitários. A orientação e incentivo do Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis e a companhia da psicóloga Geísa Sombra Castro foram imprescindíveis na implementação de vários projetos, como: Vida(s) em Movimento(s), em parceria com a Clínica de Psicologia e com o Laboratório de Estudos sobre a Consciência (LESC), ambos da UFC. Seu objetivo era criar um espaço para a expressão integral do movimento existencial dos participantes utilizando-se da dança.

E o Projeto Desabrochar com Arte, também em parceria com o LESC e com a organização não governamental Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ), buscou facilitar, mediante o uso de recursos artísticos, a expressão da identidade de jovens do bairro do Bom Jardim. Cabe ressaltar o aspecto acolhedor do MSMCBJ, que sempre foi um parceiro aberto às nossas propostas. Lá iniciamos não somente este, mas outro grupo de adultos para o trabalho com arte-identidade (GÓIS, 2005), no qual realizamos a presente pesquisa.

Foi, entretanto, durante a realização desses projetos, com a observação e acompanhamento dos grupos e o compartilhar de falas profundas, que percebi questões

importantes e possíveis de investigação. Dentre elas, uma particular chamou atenção, em certo momento, no projeto citado, Desabrochar com Arte. Enquanto se discorria sobre o tema “arte”, um dos integrantes do grupo referiu-se a ela explicando “ah, a arte, arte é tudo que a gente faz, não só no grupo, mas também em casa, no dia a dia, tudo é arte”. Naquele momento, ficamos a refletir sobre a afirmativa.

A primeira certeza que emergiu foi saber que havia algo a ser dito sobre a arte e suas vidas e, assim, poderíamos atribuir valor terapêutico, pedagógico e/ou criativo a seu trabalho. Supusemos, também, que esses trabalhos, assim como qualquer vivência em grupo, produzem efeitos nos participantes: conceitos, pensamentos, emoções e sentimentos. Então, perguntamos: quais sentidos são constituídos nesse processo de grupo mediado pela arte? Quais dimensões da identidade eles expressam? Contribuem para fortalecer e/ou negar essa identidade?

Corroboramos com a mesma sensação traduzida por Severo Júnior (1999) em sua dissertação de mestrado, “Criatividade, identidade e arte: descobrindo caminhos no trabalho em saúde mental numa perspectiva existencial fenomenológica”, quando destaca que, entre as modalidades de trabalho em grupo,

[...] aqueles que se utilizam de recursos artísticos sempre me chamaram atenção pelo seu poder mobilizador e integrador dos grupos e da comunidade, pela possibilidade de se trabalhar com grupos heterogêneos, e pela sua natureza interdisciplinar (SEVERO JÚNIOR, 1999, p. 06).

Pesquisas desta natureza destacam a relevância de estudar grupos com propostas artísticas e sua possibilidade de utilização nas diversas dimensões sociais, como a saúde mental, o uso na clínica, comunidades, organizações etc. A articulação entre arte e identidade no processo criativo é problema de pesquisa relevante em psicologia e nas diversas abordagens que a constituem.

Tal fato foi constatado em um estudo realizado por Zanella e Titon (2005) sobre a produção científica com o tema criatividade nas teses e dissertações de programas de pós-graduação em Psicologia no Brasil, no período entre 1994 e 2001. Suas principais considerações revelam que o interesse em pesquisas sobre criatividade tem crescido, principalmente, a partir de 1999. Comparada à outra pesquisa e aos dados de Santos (1995) nas áreas de Psicologia e de Educação, as autoras ressaltam que,

[...] evidencia-se o aumento significativo de produções científicas sobre criatividade, considerando-se que Santos (1995) encontrou 59 teses/dissertações no período de 1970 a 1993, enquanto de 1994 a 2001 foram encontrados 68 trabalhos **apenas** na área da Psicologia (ZANELLA E TITON, 2005, p. 310, grifo do autor).

Outro fato intrigante da pesquisa se refere à vinculação desses estudos, aproximadamente 50%, com as tradicionais abordagens psicométrica e psicanalista, mesmo sendo acompanhados de uma mudança do lugar de investigação. Até 1993, priorizava-se o contexto escolar, enquanto “na última década constata-se uma diversificação considerável quanto ao lócus da pesquisa, o que de certa forma expressa o interesse e inserção de psicólogos em contextos sociais variados” (ZANELLA E TITON, 2005, p. 311).

Isso nos faz pensar sobre as concepções de sujeito, criatividade e arte que estão sendo produzida diante das diversas áreas de atuação profissional.

Acompanhando essa tendência, uma proposta recente de compreender a saúde no livro “Saúde comunitária: pensar e fazer” (GÓIS, 2008) repensa o lugar da arte na comunidade. Este é um novo lugar a partir do qual as políticas públicas e a sociedade convocam os profissionais de psicologia a participarem. Pensamos nutrir nossas concepções nesse lugar vivo da arte, no contato direto com seus moradores, suas histórias e retratos do viver com a facilitação de um grupo comunitário.

A dissertação em psicologia “Diálogos e vivências com Arte(e)identidade”, de Castro (2009), segue nesta nova problemática e foi fruto da caminhada em Psicologia Comunitária ao encontro da abordagem da arte-identidade. Seu objetivo foi problematizar o movimento da identidade, das personagens em metamorfose, constituintes dos jovens participantes do Projeto Desabrochar com Arte. Suas análises indicam que o trabalho com arte-identidade fortalece os aspectos saudáveis da identidade, o poder pessoal e valor pessoal, assim como facilitam o vínculo consigo, com outros e com a realidade.

Da mesma e de outra forma, diferente da pesquisa de Castro (2009), cujo foco centraliza-se no movimento de cada identidade, alargamos nosso estudo para a ênfase nos sentidos que emergem no trabalho com um grupo de adultos mediado pela arte e suas relações com a identidade. Com essa preocupação, novamente trazemos as nossas perguntas principais: quais sentidos são constituídos no processo de grupo mediado pela arte? Quais dimensões da identidade eles expressam? Contribuem para fortalecer e/ou negar essa identidade?

Nutridos dessas perguntas, procuramos suas possíveis respostas com o principal objetivo de compreender os sentidos que emergem no processo criativo por participantes de um grupo de arte-identidade do MSMCBJ, verificando a direção que aponta para a construção

da identidade. Especificamente, identificar os sentidos expressos pelos participantes a partir da arte-identidade; verificar os aspectos da expressão da identidade presentes nesses sentidos construídos; e analisar a contribuição da utilização da arte para o fortalecimento da identidade. Imaginamos, entretanto, que o leitor possa estar confuso ou tenha se perguntado, mas o que é definido como identidade? Sentido? Arte-identidade? Como este trabalho foi desenvolvido? Além de sua experiência, de quais autores e teorias ela partiu para fazer essas perguntas?

No primeiro capítulo, temos uma breve apresentação de nosso referencial teórico, a partir do qual discorreremos sobre as noções de significado e sentido com base nos estudos da psicologia Histórico-Cultural, reportando à importância desses conceitos no estudo da consciência e, conseqüentemente, da identidade. A abordagem da arte-identidade também é explicitada dando ênfase em pontos principais para seu entendimento, como o sistema biodança e educação biocêntrica, e conceitos principais de identidade e processo criativo. Logo após, no segundo capítulo, surgem as questões de ordem metodológica. Compreendendo nossa pesquisa de ordem qualitativa, relatamos a jornada do grupo e nossa escolha pelo método facilitar-pesquisando; por fim, apresentamos a análise temática e as unidades de sentidos com as quais nos depararemos na análise e discussão dos dados. Neste terceiro capítulo são apresentadas, analisadas e discutidas as unidades: medos e resistências à criação; processos de criação; polaridade existencial dos eixos libertação/nascimento e prisão/bloqueios; natureza e sentimento de grupo e de gratidão. Para concluir, no último capítulo traçamos as considerações finais refletindo sobre os objetivos alcançados na pesquisa, as principais dificuldades enfrentadas e as repercussões para futuros estudos e intervenções com a arte-identidade.

2 EM BUSCA DE SENTIDO E DA ARTE-IDENTIDADE

Porque um estudo sobre sentidos? Que ele revela da identidade? Não há como uma identidade ser igual à outra, nem gêmeos univitelinos são idênticos em singularidade e os sentidos possuem uma função específica para essa diferenciação. Cada ato criativo carrega um sentido básico para a individualidade, no entanto, se encerra dentro de um significado coletivo, pois senão correria o risco de não existir. O sentido só se faz compreender dentro de um campo de significado. Por meio deles, temos acesso aos processos da identidade.

2.1 Significado e sentido

Como aponta Luria em seus estudos de semiótica, “junto ao conceito de significado utiliza-se, na psicologia contemporânea, o conceito de sentido, importante para a análise dos aspectos fundamentais do problema da linguagem e da consciência” (1986, p. 44). Para ele, qualquer palavra ou termo utilizado por um grupo se caracteriza, fundamentalmente, pela presença de significados e possibilita que o sentido se expresse.

“Por significado, entendemos o sistema de relações que se formou objetivamente no processo histórico e que está encerrado na palavra” (LURIA, 1986, p. 45). Dessa forma, a palavra é introduzida num sistema de enlaces e relações objetivas que carrega em si a experiência social, permanecendo igual para todas as pessoas por se apresentar como um sistema estável de generalização e com um núcleo permanente.

O significado é um ponto imóvel e imutável da palavra, elaborado a partir de um consenso histórico que permite a absorção do conteúdo cultural indispensável para a comunicação humana. Por trás de todo significado, entretanto, existe o sentido. Ambos são inseparáveis, ao mesmo tempo em que distantes. Segundo Góis (2005b, p. 98),

[...] a consciência social é uma consciência de significações, enquanto a consciência pessoal é uma consciência de sentidos. Isso não implica a separação de ambas, pois no significado o sentido se objetiva por meio da fala.

O desenvolvimento léxico da palavra revela que ela possui apenas um significado. “O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido” (VIGOTSKI, 2000, p. 465).

Enquanto esse núcleo estável e permanente se consolida, o sentido flui e muda de acordo com o contexto. Essa mudança de sentido é fundamental na análise semântica da linguagem, pois aponta para a inconstância do verdadeiro sentido de uma palavra. Em dado momento, apresenta-se com um sentido, enquanto em nova circunstância adquire outro.

Assim, o sentido revela-se como um fenômeno constituído na interação social e expressa uma atitude para com o mundo e para consigo mesmo que carrega fortemente a marca da história de vida de cada indivíduo e de suas vivências afetivas.

[...] o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada (VIGOTSKI, 2000, p. 465).

Nesta perspectiva, a análise do sentido é o processo no qual a experiência humana, mediada pela linguagem e significação coletiva (significado), adquire um sentido peculiar e próprio do sujeito.

Para ilustrar esses conceitos, vejamos uma passagem da história do *Pequeno príncipe* (SAINT-EXUPÉRY, 1985, p. 89-90), no momento em que a personagem deixará o planeta Terra e, como forma de consolar seu amigo piloto na despedida, presenteia-o com a imortalidade de seu riso:

As pessoas têm estrelas que não são as mesmas. Para uns, que viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes. Para outros, os sábios, são problemas. Para o meu negociante, eram ouro. Mas todas essas estrelas se calam. Tu, porém, terás estrelas como ninguém [...] Quando olhares o céu de noite, porque habitarei uma delas, porque numa delas estarei rindo, então será como se todas as estrelas te rissem! E tu terás estrelas que sabem rir!

Nesse trecho, é explícita a relação sentido-significado. A palavra “estrela” possui um significado único e permanente para a cultura, possui uma forma léxica consensual para aqueles que se referem a ela numa conversação, por exemplo. Caso contrário, em um diálogo, sempre um indivíduo necessitaria explicar o que constitui uma estrela, suas características e propriedades para, então, ser compreendido.

Por outro lado, cada pessoa possui um sentido de estrela (“Para uns, que viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes”) que lhe é particular, mesmo que ligados somente a um significado. Esses sentidos estão sempre se confirmando, se destruindo e se renovando em meio às interações e experiências dos sujeitos. Assim, o sentido (“estrelas que sabem rir!”) só se constitui porque se liga ao significado (estrela) e se realiza

por meio da fala.

Para Vigotski, “os sentidos mudam as palavras” (2000, p. 466), quer dizer que o sentido se distancia da palavra para aproximar-se do contexto e de seu conteúdo intelecto-afetivo estabelecendo outros enlaces e relações que transformam a palavra. O sentido é uma fonte inesgotável, um fenômeno complexo que muda constantemente, pois a palavra só adquire sentido quando inserida na frase, a própria frase no contexto do parágrafo, este no contexto do livro para, enfim, ganhar compreensão no conjunto de obras do autor.

Assim, na palavra encontramos seu significado histórico-cultural com suas características de referência, generalização e inclusão em um sistema de categorias junto ao sentido individual. Como vimos, esse sentido é a reelaboração do significado em um processo de separação dos enlaces construídos pela cultura e a introdução de novas características a partir das relações vivenciadas no atual momento do sujeito.

A simples condição de referência do significado da palavra não é capaz de completar a função social da linguagem: sua dimensão social-comunicativa. A presença do sentido individual é esta unidade fundamental da comunicação, pois nele encontramos “a percepção do que precisamente quer dizer o falante e quais são os motivos que o leva a efetuar uma alocação verbal. O sentido é o elemento fundamental da utilização viva, ligada a uma situação concreta afetiva, por parte do sujeito” (LURIA, 1986, p. 46).

Este enriquecimento das palavras conferidas pelo sentido em determinado contexto corresponde a uma lei da dinâmica do significado das palavras que proporciona a criação e ampliação do pensamento e da linguagem. A palavra simboliza a contradição de ser mais e menos: mais, porque o círculo de sentidos se expande, sendo preenchido por novos conteúdos; menos, porque o significado abstrato da palavra se limita e se restringe àquilo que ela significa apenas em um determinado contexto. “O sentido real de cada palavra é determinado, no fim das contas, por toda a riqueza de momentos existentes na consciência e relacionados àquilo que está expresso por uma determinada palavra” (VIGOTSKI, 2000, p. 466).

A constituição desses conceitos possui um caráter construído e inacabado. Apesar de compor-se das experiências particulares e se constituir subjetivamente para o indivíduo, qualquer ação humana encontra-se no contexto histórico-cultural carregado de linguagem e seus significados. Nossa condição humana é social e individual, imersa numa trama de significados e sentidos, composto do externo e do interno, todos inseparáveis como os dois lados de uma moeda.

[...] os sentidos, assim como os signos, não estaria nem na mente, nem na natureza, nem em instâncias transcendentais aprioristicamente. O “sentido” se produziria nas práticas sociais, através da articulação dialética da história de constituição do mundo psicológico com a experiência atual do sujeito. Assim, abrem-se vias para que se admita a polissemia da linguagem e, conseqüentemente, para que se pense em múltiplas construções de sentidos. (BARROS et al, 2009, p. 179).

Em nosso estudo, analisar os sentidos implica na compreensão de que esses são processos inesgotáveis permeados de vivências afetivo-volitiva dos sujeitos e situados em determinado contexto. Eles não são dados naturais ou incapazes de mudança, ao contrário, eles seguem entrelaçados ao desenvolvimento humano que caminha descobrindo constantemente a si mesmo e ao mundo.

Dessa forma, não pretendemos captar um único sentido sobre o que nossos pesquisados possuem sobre a arte, mas fazê-los experimentar, brincar, revelar e construir esses sentidos no ato de falar sobre si mesmo e suas vivências que emergem do campo significativo. Por isso, a importância de esclarecer sobre as nuances da arte-identidade.

2.2 Arte-identidade

Como explicamos inicialmente, no encontro entre psicologia, arte e comunidade entramos em contato com a proposta da Arte-Identidade durante nossa permanência no Núcleo de Psicologia Comunitária e na Escola de Biodança do Ceará. Antes, entretanto, de adentrar a arte-identidade, cabe apresentar primeiramente as duas principais teorias que balizam sua existência: biodança e educação biocêntrica.

2.2.1 Biodança

A explicitação do termo “biodança” é o início do entendimento desse sistema de desenvolvimento humano criado pelo chileno Rolando Toro em 1965. Sua elaboração semântica traz imbricada uma ideia nova, diferente das disciplinas até então estudadas, que ligavam a dança aos conceitos antropológicos, psicológicos ou filosóficos, os quais dariam ênfase aos termos como “antropodança”, “sociodança” ou “psicodança”. Aboliu-se o termo “psicodança”, por exemplo, por causa da etimologia de *psychké* como “alma”, que supõe um ser dividido entre corpo e alma, razão e emoção e apresenta-se associada a um enfoque psicoterápico, o que vai de encontro com a proposta de biodança.

A compreensão de desenvolvimento humano nesse sistema, ao contrário, formula sua raiz nos processos biológicos da vida em movimento, na dança cósmica. Por isso, então, chamou-se biodança.

Essa idéia se aproximava claramente do conceito de ‘dançar a vida’ proposto por Roger Garaudy. A partir desta reflexão, em 1976 decidi chamar de ‘biodanza’ o método que havia idealizado: o prefixo ‘bio’ deriva do grego bíos, que significa ‘vida’. O sentido primordial da palavra ‘dança’ é ‘movimento natural’, ligado às emoções e pleno de significado. A metáfora estava formulada: ‘Biodanza, a dança da vida’. (TORO, 2005, p. 37).

Nesse sentido, dizemos que biodança se orienta através do princípio biocêntrico. Compreendido como o ponto de partida para estruturar um futuro com novas percepções e novas ciências relativas à existência, propõe um novo olhar sobre a vida. Assim, o universo é concebido como um sistema vivo que abrange muito mais que os reinos vegetais, os animais e o homem, pois em “tudo que existe, dos neutrinos ao quasar, da pedra ao pensamento mais sutil, faz parte desse sistema vivo prodigioso. Segundo o princípio biocêntrico, o universo existe porque existe a vida, e não o contrário” (TORO, 2005, p. 51).

A referência imediata da biodança é a vida inspirada nas leis universais que conservam os sistemas vivos, essa estrutura guia da construção do universo. A totalidade do universo é concebida como um organismo criador da vida na qual esta se expressa com infinitas formas. Ao contrário do pensamento tradicional, que a destaca como consequência da combinação de processos atômicos e químicos, das várias combinações de seus elementos em certas condições de temperatura e pressão.

Por esse enraizamento na vida, a base de seus estudos enfoca uma perspectiva transdisciplinar e pedagógica de ser humano. Dessa forma, esse sistema o compreende como unidade biológica e cultural integrado aos processos organizativos da vida e compostos de potencialidades (TORO, 1991).

Para tanto, o sistema biodança desenvolve sua metodologia de desenvolvimento das potencialidades humanas a partir da unidade “música-movimento-vivência”. Esse conjunto organizado requer a participação simultânea de seus elementos, tornando-os indissociáveis. É essa coerência que garante sua eficácia metodológica.

Cada exercício de biodança implica uma música em sintonia com o movimento corporal, além de voltar-se à indução de uma vivência específica. “Os exercícios de Biodanza constituem modelos indutores de vivência, e podem ser realizados sem qualquer dificuldade, qualquer que seja a capacidade motora do indivíduo” (TORO, 2005, p. 121).

A música em biodança nasce da percepção do universo como uma sinfonia na qual o ser humano é participante e espectador. Nele, as forças harmoniosas mantêm a unidade dentro da mais extraordinária diversidade. Essa musicalidade percebida na origem da história humana e traduzida em lendas e mitos arcaicos manifesta a consciência de ser parte integrante de um universo musical. Nesse estado de graça, hoje perdido nas civilizações ocidentais, inseriam-se as atividades humanas no seu ritmo corporal e da natureza.

O vôo dos pássaros, as migrações de certas espécies eram expressão de ritmo e harmonia. No próprio corpo havia ritmo: a batida do coração, a cadência do caminhar, o ritmo respiratório, a oscilação do sono e da vigília. Tal musicalidade induzia o homem a perceber um tipo de força ordenadora admirável; toda a criação era uma lição de música. (TORO, 2005, p. 123)

A biodança busca reestabelecer essa percepção musical humana por meio de sua vivência da dança, na qual o dançarino torna-se a música. O movimento, nessa perspectiva, apresenta um modelo sistêmico que busca recuperar essa integração psicofísica e afetivo-motora com movimentos ligados à emoção.

Nesse modelo, os movimentos podem ser de três tipos: movimentos naturais (caminhar, saltar, espreguiçar-se etc.), os gestos culturais (dar a mão, abraçar, acariciar) e os gestos arquetípicos (posição de valor, intimidade etc.). O importante, no entanto, em cada movimento, é que seja concebido num modelo natural (TORO, 1991) e realizado com músicas que intensifiquem as categorias motoras de ação e tornem-se dança como movimento de vida.

Na estruturação do exercício em biodança, a aplicação do modelo natural do movimento humano proposto por Rolando Toro (1991) propõe que a maioria desses exercícios seja executada com música. Em alguns deles, diferentemente, a expressão ocorre mediante o canto e o silêncio. Ou, quando em ambiente natural, a música é substituída pelos sons da natureza.

Por fim, da tríade unitária música-movimento-vivência explicitamos que este último elemento foi debruçado por alguns filósofos, como Dilthey (1978) e Merleau-Ponty (2004). Rolando Toro se nutre da compreensão desses autores e acrescenta conceituando vivência como a intensidade vivida em determinado instante. Ocorre quando um indivíduo encontra-se mergulhado intensamente no momento presente, envolvendo “a cenestesia, as funções viscerais e emocionais. A vivência confere à experiência subjetiva a palpitante qualidade existencial de viver o ‘aqui e agora’” (TORO, 2005, p. 30).

Segundo o autor, a vivência possui algumas características essenciais, como: experiência original (unicidade), anterioridade à consciência (imediatez), espontaneidade, subjetividade (intimidade), intensidade variável, temporalidade (efêmera), emocionalidade, dimensão cenestésica (envolve todo o organismo), dimensão ontológica (percepção de estar vivo) e dimensão psicossomática (integração psíquico-orgânico).

Estas características constituem a vivência biocêntrica por gerar vínculos e ser integradora, pois “surge da intensificação sensível e amorosa do corpo, de uma relação íntima corpo-mundo, uma corporeidade amorosa pulsando a partir de um mundo instintivo, pré-reflexivo, orgânico e relacional” (GÓIS, 2002, p. 76). Situa-se no âmbito fenomenológico e imediato da emocionalidade.

Essa vivência é evolutiva e integradora visto que permite a expressão natural do potencial humano ativando processos autorregulatórios biológicos da identidade em permanente construção e que, no instante, se faz presença inteira e total, seja em sua dor ou em sua alegria.

Em vez de uma totalidade em degradação, onde o ser perde energia vital, uma totalidade que abarca cada vez mais novos circuitos energéticos, totalidades maiores e que, aumentando de complexidade a cada encontro, aumenta sua autonomia, vinculação e abrangência no mundo (GÓIS, 2002, p. 77).

Toro (1991) examina as vivências desde a vida instintiva, passando por canais biológicos como expressão evolutiva inerente aos seres humanos. Elas se apresentam como potenciais genéticos¹ e originam-se de instintos que podem ser modificados pelas condições histórico-culturais e particulares da história de vida de cada indivíduo. O autor apresenta, então, cinco linhas de vivências: vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência.

A linha de **vitalidade** refere-se à capacidade de movimento no mundo com potência e coragem, ao impulso vital para expressar-se no mundo. A ênfase ocorre na sobrevivência, na força, no ímpeto, na energia vital e no vigor. Toro (1991) considera índices de vitalidade: tolerância ao esforço, vitalidade do movimento, estabilidade neurovegetativa, potência dos instintos, resposta imunológica, resistência ao stress, elasticidade das artérias, plenitude de onda respiratória, estado nutricional, respiração, temperatura corporal, capacidade de luta (ataque e fuga), dentre outros.

¹ Os potenciais genéticos “podem ser considerados como elementos altamente determinados que são dotados de uma grande estabilidade (*a inteligência, o tom de voz, a sensibilidade sinestésica*), cuja expressão dependera das condições oferecidas seja pelo ambiente externo, seja pelo próprio organismo” (TORO, 2002, p. 81)

A linha de **sexualidade** diz respeito à garantia da continuidade da espécie, além do prazer em toda sua amplitude sensual, genital e a possibilidade de amar e ser amado. No índice de sexualidade, podemos citar: eros indiferenciado, capacidade de oferecer e buscar contato, ausência de culpabilidade, sedução, expressão do desejo, sensibilidade às carícias, sensualidade, erotismo diferenciado, capacidade de obter prazer, dentre outros.

A linha de **criatividade** surge da exploração, da criação, da transformação e da mudança de si e do mundo. O processo criativo ocorre desde o universo em evolução, passa pela divisão celular e sua renovação, assim como perpassa toda a inovação tecnológica atual. “Autopoiese particular de uma autopoiese Universal” (GÓIS, 2002, p. 91). O desenvolvimento desta linha de vivência passa por quatro etapas: expressão primal pela liberação da voz e do movimento, integração Yin-Yang, comunicação expressiva e elaboração criativa plena.

A linha de **afetividade** nasce da proteção da espécie e instinto gregário, expressando-se em forma de carinho, ternura, amizade, intimidade com o outro, proteção e solidariedade, além de constituir a fonte da ética e do compromisso humano.

Por fim, temos a linha de **transcendência**, que representa a capacidade de sentir-se totalidade, criador e criatura que vai além de seus limites imediatos para aumentar a permeabilidade Eu-Universo.

Com essa compreensão do sistema biodança e suas principais concepções, seguiremos adiante com o estudo da Educação Biocêntrica para tentar visualizar de forma coerente a construção teórico-metodológica da arte-identidade.

2.2.2 *Educação Biocêntrica*

O termo Educação Biocêntrica surge em meados dos anos 80, mas esta se constitui como preocupação de Rolando Toro desde a década de 50, quando atuava na educação básica. Passando pelos termos Educação Holística e Educação Selvagem, o mesmo ponderou, junto às reflexões da pedagoga Ruth Cavalcante, sobre a terminologia Educação Biocêntrica por se fundamentar no princípio biocêntrico. Do mesmo criador, biodança e essa teoria pedagógica apresentam aproximações teóricas propondo, no entanto, a atuações específicas e diferentes.

Ambas se estabelecem com base no Princípio Biocêntrico, como já explicitamos, e no modelo de desenvolvimento por meio das linhas de vivências. A Educação Biocêntrica,

diferente da biodança, é aplicada ao contexto educacional, uma abordagem que enfoca os processos de aprendizagem voltados para a vida. Atualmente, nessa perspectiva de educação, observamos uma ampliação de seu campo de atuação para além do âmbito da escola, como ao universo comunitário (DINO, 2007) e das organizações (ANDRADE, 2003). Sua maior influência, entretanto, cabe ao âmbito pedagógico.

No estudo da história e filosofia da educação, a Educação Biocêntrica é uma proposta recente. De acordo com a classificação de Libâneo (1990), as tendências pedagógicas brasileiras se dividem em dois grupos: liberais e progressistas. No pensamento de Cavalcante (2007), contudo, deve-se acrescentar uma terceira: evolucionária, na qual se insere a Educação Biocêntrica. A tendência pedagógica devidamente diferenciada permite ao profissional como “a cada professor situar-se teoricamente sobre suas opções, articulando-se e autodefinindo-se” (LUCKESI, 1994).

As principais características desta última tendência são: o compromisso com a vida; a solidariedade como nova visão ético-política; busca de integração do ser humano com o Universo; reeducação afetiva da vida; elevação do nível de consciência e desenvolvimento moral e ético; integração da ciência com as tradições, a arte e a filosofia; integração da mente ao coração, à sensação, à intuição, ao pensamento e ao sentimento; diálogo e problematização da situação para a compreensão crítica da realidade; cultivo das energias organizadoras e conservadoras da vida; aceitação e superação do conflito e da mudança.

A Educação Biocêntrica preocupa-se com a reeducação afetiva da vida através do vínculo; desenvolvimento da inteligência afetiva; aprendizagem dialógica e vivencial; cultivo das energias organizadoras e conservadoras da vida. Em seu principal horizonte de realização, encontra-se a vida como referência para a construção do conhecimento através do vínculo consigo mesmo, com o outro e com o ambiente.

Observamos aproximações com a Educação Dialógica (FREIRE, 2005), que se fundamenta na ação coletiva e no diálogo; com o Holismo (WEIL, 1991; CREMA, 1991), na busca da consciência ecológica e na visão integral do ser; e com o Construtivismo (PIAGET, 1993; VYGOTSKY, 1989), que compreende a relação direta e intrínseca ente desenvolvimento do sujeito e sua interação com o meio, dotando suas experiências e “erros” como fatores de aprendizagem. O que as une é a concepção de que o conhecimento se desenvolve em uma rede comunicativa e não de forma linear e excludente. “Não existindo um centro, cada ponto é fundamental, pois os conceitos e as teorias estão em interconexão e são

trabalhados vivencialmente, tendo como referencial o respeito à vida” (CAVALCANTE, 2007, p. 77).

A Educação Biocêntrica acrescenta a noção do princípio biocêntrico, já explicitado, e outros aspectos, dos quais destacamos: a inteligência afetiva, aprendizagem norteada pelas linhas de vivência e o papel do grupo.

Para Rolando Toro (2007), a inteligência tem sua base estrutural na afetividade. Ela não é um tipo especial de inteligência (exemplo: motora, espacial, social etc.), mas é a fonte e o fator permanente de integração da inteligência como função global. Todo o processo de adaptação inteligente ao meio ambiente e a construção do mundo se organiza em torno das experiências primais da relação afetiva, o que podemos legitimamente nomear de “Inteligência Afetiva”. Assim, ato amoroso e ato de conhecimento não se separam, pois pensamos com todo o corpo-mente, com sensibilidade e não somente com o cérebro. O fator mais importante nessa compreensão diz respeito ao educando estabelecer uma relação dinâmica, prazerosa e integradora no ato de conhecer-se, conhecer o outro e o mundo, tanto por meio do intelecto como pelos sentidos e afetos.

A inteligência afetiva constitui-se com base no fortalecimento desses vínculos, entendidos também como conhecimentos, que correspondem à formação de um núcleo existencial capaz de nos impulsionar com coragem e com capacidade de discernir as nossas reais necessidades, reconhecer caminhos e realizar escolhas assentadas nas emoções, sentimentos e na racionalidade. Nesse ato permanente de aprender a viver com vínculo, afeto e compromisso, nasce também a consciência ética.

Na realidade, a inteligência forma parte de todas as nossas funções e de nossa história existencial. Pensamos não só com o cérebro, mas com todo o nosso corpo; [...] Penso que o fator permanente que integra e dá estrutura à inteligência como função global é a afetividade. [...] A inteligência afetiva não é um tipo especial de inteligência. Todas as formas diferenciadas de inteligência: motora, espacial, mecânica, semântica, social etc, têm uma fonte comum: a afetividade. (TORO, 1991 citado por CAVALCANTE, 2007, p. 58).

A inteligência afetiva se origina de uma concepção de desenvolvimento norteado por linhas de vivência. Esse segundo aspecto relevante da Educação Biocêntrica também se aproxima da biodança quando aborda as 5 linhas de vivências anteriormente referidas.

Em suma, a linha de vivência da afetividade se encontra enraizada em processos de sobrevivência da espécie e da vida (como impulsos biológicos ou gregários de cooperação e solidariedade dentro da espécie) na forma de necessidade biológico-emocional de proteção e

de nutrição (CAVALCANTE, 2007). Ou seja, sua gênese biológica da linha afetiva se relaciona com o instinto de solidariedade intra-espécie, impulsos gregários, tendências altruístas e rituais de vínculo. “A afetividade humana, ou vivência da afetividade, surge dessa instância primal, [...] para tornar-se expressão humana de carinho, ternura, amizade, intimidade com o outro, proteção e solidariedade” (GÓIS, 2002, p. 91-92).

A Educação Biocêntrica prioriza a expressão amorosa nessa linha de vivência. A afetividade, no entanto, entendida como expressão da identidade humana, pode se apresentar debilitada quando se encontra incapaz de amar, medrosa diante da diversidade e quando se constitui nas relações de forma defensiva. Ou, então, integrada quando se encontra encharcada de amor, capacidade empática e compreensiva.

Por ‘afetividade’ entendo um estado de afinidade profunda para com os outros seres humanos, capaz de originar sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade, solidariedade. Sem dúvida, também sentimentos opostos como a ira, o ciúme, a insegurança e a inveja podem ser considerados componentes desse complexo fenômeno (TORO, 2005, p. 90).

Nesse estado de afinidade entre os seres, a afetividade pode ter a dimensão do “amor diferenciado”, dirigido a uma só pessoa; e a do “amor indiferenciado”, dirigido à humanidade.

Desenvolvemos teoricamente essa linha de vivência por relacionar-se à concepção de Inteligência Afetiva. As quatro restantes - vitalidade, sexualidade, criatividade e transcendência - já foram brevemente explicitadas no item anterior sobre biodança.

Tentamos apenas apresentar esse modelo de aprendizagem, com base na educação das linhas de vivência e dos instintos que lhes correspondem, entendendo que cada educando faz de si mesmo seu principal instrumento de aprendizagem mediado pelo contexto educativo voltado para a construção do conhecimento orientado para a vida.

A aprendizagem norteada pelas Linhas de Vivências aumenta a auto-regulação, a vitalidade geral, a descoberta do prazer, a exaltação criativa, a capacidade do vínculo amoroso e a integração com a totalidade, processo este que induz a estados de plenitude. Esse sistema se propõe a integrar os potenciais genéticos advindos da identidade biológica, para promover uma forma de desenvolver criativamente o mundo na medida de suas necessidades profundas para uma cultura de vida (CAVALCANTE, 2007, p. 67).

Por último, o terceiro aspecto apontado refere-se ao papel do grupo na construção da aprendizagem. Tanto biodança como educação biocêntrica são abordagens grupais que priorizam as atividades da coletividade, com a presença de membros da mesma espécie.

Parte-se da concepção de que a identidade humana se faz em permanente contato com o outro e necessita dele para se constituir. Essa construção ou desconstrução do sujeito é influenciada pela qualidade de suas interações e dos grupos ao qual pertence, seja a família, a escola etc. Todo grupo é, ao mesmo tempo, matriz biológica e uma instituição social.

O ser humano, por ser um animal político, sobrevive e evolui mediante instituições sociais, as quais surgem da vida instintiva, como a ética e o amor, antes de serem expressões normativas; surgem de uma tendência biológica à interação, à imitação, à identificação e à coesão e integração (GÓIS, 2002, p. 105).

Utilizando a mesma proposta da tríade música-movimento-vivência, essa proposta aponta para quatro etapas para o desenvolvimento do grupo. De acordo com Cavalcante (2007), a primeira etapa pretende gerar um clima de grupo, vivenciar a integração ao todo que é o grupo e promover uma familiarização com os exercícios e a dança. A segunda consiste em conseguir respostas corpóreo-existenciais precisas e maior domínio de movimentos com coordenação e controle. Na terceira, o educando segue do ritmo controlado para a etapa melódica, “movendo seu corpo numa melodia, ele está introduzindo emoções na resposta motora” (CAVALCANTE, 2007, p. 84).

Por fim, a quarta representa a expressão criativa em que o educando realiza a integração do seu movimento-dança com a expressão de suas emoções e de movimentos coordenados, sensíveis e expressivos. Nessa fase, atinge-se a integração auditivo-motora e afetivo-motora, condições básicas para o desenvolvimento do educando e do grupo. “Se o processo de socialização se realiza com amor e cuidado, torna o educando integrado, não apenas no aspecto afetivo e social, mas também no aspecto cognitivo. O desenvolvimento da afetividade pode integrar etapas do processo cognitivo” (CAVALCANTE, 2007, p. 82).

Nesse sentido, a Educação Biocêntrica é uma proposta pedagógica fundamentada no princípio biocêntrico, que prioriza o fortalecimento dos vínculos mediante a vivência e o movimento dança. Seu objetivo maior é a conexão com a vida e o despertar da inteligência afetiva, integrando-a com todos os outros tipos de inteligência, inclusive a cognitiva. Segundo Toro (2007, p. 05)²,

A Educação Biocêntrica parte de um novo paradigma das Ciências Humanas que é o Princípio Biocêntrico. Seu objetivo é a conexão com a vida. Sua metodologia é a vivência. A Educação Biocêntrica não tem como prioridade a formação intelectual ou tecnológica mas o desenvolvimento de pautas internas para viver.

² Todas as referências citadas em língua espanhola foram livremente traduzidas por nós.

Seu método constitui-se de dois pólos. Por um lado, a vivência biocêntrica como mediadora da aprendizagem proporciona a formação de vínculos intensos em três níveis: consigo mesmo, com o outro e com a totalidade. A vivência não possui o objetivo de conhecer ou construir um conhecimento, “ela tem um sentido em si mesma e traz em si a possibilidade de formar uma nova atitude frente ao aprender; [...] é um instante em que a pessoa se expressa e o processo se imprime nela” (CAVALCANTE, 2007, p. 69).

Por outro, o diálogo e a reflexão que aumentam a permeabilidade à diferença, promovem a capacidade questionadora e crítica da realidade, a possibilidade de escutar ativamente o outro e ser ouvido com o mesmo respeito e, também, reorganizar as estruturas cognitivas. Impulsionado pela vivência, por meio do diálogo ressignificamos e revalorizamos o ato de aprender, desenvolvendo novas posturas e atitudes orientadas por nossas emoções e sentimentos.

A educação biocêntrica, através de seu método reflexivo-vivencial, tem necessariamente que se envolver em um pensamento mais complexo que abarca os aspectos históricos, ecológicos além dos cerebrais, dando início a um grandioso movimento evolutivo (CAVALCANTE, 2007, p. 77).

Esses dois polos compõem a unidade humana indissociável: razão-emoção, sensibilidade-razionalidade, ampliando o processo pedagógico para um processo de vida integrada. Mais uma vez, a Educação Biocêntrica, com sua preocupação em integrar os processos humanos aos processos orgânicos e naturais de vida, trabalha conceitual e metodologicamente nessa busca da coerência dentro da complexidade do ser humano e da vida.

Finalmente, com essa breve apresentação da Educação Biocêntrica e da Biodança, podemos articular os principais elementos de construção da Arte-Identidade.

2.2.3 *Arte e Identidade*

A biodança se constitui, ao mesmo tempo, como genitora e propriamente a grande arte-identidade. Enfatiza a dança como, especificamente, a arte-identidade da qual falamos. Prima por outras formas de expressão, como: canto, poesia, pintura, colagem, dança, teatro, argila etc.

As principais influências das duas teorias acima explicadas situam a arte-identidade como um processo que se constitui dentro da linha de vivência de criatividade numa perspectiva pedagógica e com efeitos terapêuticos.

A primeira fonte para o estudo da arte-identidade segue no livro “Noções de Psicologia Comunitária”, de autoria de Góis (1993), com a primeira citação do termo Arte-Identidade. O autor apresenta, a partir de um texto com as considerações de Ana Luísa de Menezes e Altamir Aguiar, as experiências comunitárias como abordagem de grupo que facilita o modo de vida comunitário.

Somente com a publicação do artigo “Arte-Identidade” se esclarece a origem do termo, como cita o autor: “adotei a expressão Arte-Identidade em 1990, a partir dos trabalhos de criatividade que realizava em Biodança, como a Coragem de Criar e a Dança das Máscaras” (GÓIS, 2005a, p. 47). Em sua última produção, o autor atualiza seu pensamento sobre a Arte-Identidade enfatizando sua prática no âmbito da atenção primária em saúde no livro “Saúde Comunitária: pensar e fazer” (GÓIS, 2008). Segundo o autor, a arte-identidade é uma:

[...] abordagem expressivo-evolutiva (pedagógica e terapêutica), que parte da arte em sua função mediadora da relação indivíduo-mundo, para facilitar a expressão do potencial de vida inerente a todo ser humano, o qual, por muitos caminhos anseia expressar-se, fazer-se singularidade com os outros no mundo (GÓIS, 2008, p. 117).

Analisemos, primeiramente, o aspecto evolutivo e depois o expressivo. O termo utilizado se refere a uma sequência evolutiva da criatividade humana que se inicia nos instintos e culmina em seu desenvolvimento junto à cultura. De forma clara, é visto que esse aspecto retrata a influência de uma visão biológica (evolutiva).

Segundo a concepção da biodança, que influencia sobremaneira no entendimento da identidade e do potencial criativo que lhe é inerente, todo ser humano apresenta potenciais genéticos³ e instintos. Estes se transformam, a partir do nascimento, em linhas de vivências e podem ser modificadas pelas condições histórico-culturais e particulares da história de vida de cada indivíduo. O autor apresenta, então, cinco linhas de vivências, dentre as quais a de criatividade mais interessa, pois origina a concepção da arte-identidade.

³ Os potenciais genéticos “podem ser considerados como elementos altamente determinados que são dotados de uma grande estabilidade (*a inteligência, o tom de voz, a sensibilidade sinestésica*), cuja expressão dependerá das condições oferecidas seja pelo ambiente externo, seja pelo próprio organismo” (TORO, 2002, p. 81)

A linha de criatividade, como já explicitamos, encontra sua gênese no instinto de exploração, na capacidade e predisposição biológica dos animais para explorar o ambiente, os outros, o contexto envolvendo objetos e pessoas. Seguindo um processo evolutivo, há uma complexificação do fenômeno com a chamada “protovivência”⁴ de expressão na criança (TORO, 2005). Espontânea e expressiva, a criança se aproxima do mundo natural e inocente, são gestos simples de sorrir, chorar, emitir e criar sons, pegar objetos, olhar as pessoas, brincar com adultos e outras crianças, possibilitando que ela se expresse, investigue e se oriente no mundo, criando-o e ocupando seu modo particular de estar nele (GÓIS, 2002).

Sendo assim, temos nos primeiros gestos a expressão de um potencial que segue durante todo o desenvolvimento humano, podendo ser cultivado ou reprimido em função das condições e história de cada indivíduo. Aqui, compreendemos que o aspecto evolutivo existe e emana do mundo biológico, por isso nos revela um potencial inerente, mas que não pode ser separado da cultura e de aspectos singulares de cada ser. Podem ou não serem desenvolvidos, mas suas sementes estarão sempre armazenadas na nossa inteligência biológica.

O potencial criador elabora-se aos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida. Os caminhos podem cristalizar-se e as vivências podem integra-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência se refaz sempre. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se, se amplia (OSTROWER, 2007, p. 27).

Passamos, agora, para o outro aspecto expressivo. Primeiramente perguntamos: expressão de quê? De quem? Ora, acabamos de explicitar que é a expressão da criatividade e o potencial criativo da identidade que seguem uma forma evolutiva.

Nestes aspectos, a arte-identidade se constitui como pedagógica e terapêutica, como assinalado pelo autor na citação que analisamos. O aspecto evolutivo nos garante sua potência como fonte biológica, claro que interligada aos fatores psicológicos. Quando vistos em arte-terapia (PAIN, 1996), seu foco é a doença ou o trauma, o processo criativo é utilizado para liberar esse drama atual da vida do cliente.

Não estamos propondo a atividade criativa como um modo de psicoterapia, na maneira da arte terapia, dança terapia ou musicoterapia, senão o desenvolvimento natural da função biológica. Mesmo que eventualmente produzem efeitos terapêuticos reconhecidos, seus objetivos se restringem aos enfermos. Uma

⁴ Segundo TORO (2005, p. 92), a protovivência tem “sua origem na experiência original, intrauterina, definida por Jung como ‘experiência oceânica’ [...] isto é, nas experiências do recém-nascido durante os seis primeiros meses iniciais de vida, caracterizados pelas primeiras respostas aos estímulos internos e externos. Tais respostas são aprendidas, e deixam uma impressão sobre a qual se desenvolvem as vivências posteriores”. Denominada por Toro de “vivência primal”.

concepção biológica da criatividade se aproxima do tema da inocência criadora, no sentido de permitir o surgimento, a nível individual, do gênio da espécie. Se trata de facilitar e não reprimir o ato de frutificar. Nossa proposta é permitir a expressão dos impulsos naturais criativos. A criação é como a função sexual ou da autotranscendência, extensão do processo de viver (TORO, 1991, p. 389).

Dessa forma, a arte-identidade busca facilitar a expressão dos impulsos inatos e fortalecer a identidade em seu processo de desenvolvimento total. Seu objetivo é simplesmente: permitir à identidade se expressar. Assim, produz efeitos tanto terapêuticos como pedagógicos, pois não há como separá-los no ser que se expressa. Diferencia-se, também, da arte-educação (GLAUCE et al., 2006), pois não possui uma localização definida como a escola e um objetivo pedagógico definido a ser trabalhado com a arte, por exemplo: estudos sobre artistas e história da arte; ensino das artes plásticas, literatura, atuação teatral, coral aos alunos de ambientes escolares, universitários etc.

Relembremos, a arte-identidade é uma abordagem que facilita o desenvolvimento evolutivo da expressão criativa inerente à identidade por meio da arte. Compreendemos que esta proposta possui seu foco na identidade (CASTRO, 2009; CIAMPA, 2001) e no processo criativo mediado pela arte (OSTROWER, 2007; PINHO, 2003; VYGOTSKY, 1999; TORO, 1991; GÓIS, 2008).

A identidade é entendida como um processo de metamorfose (CIAMPA, 2001) porque falar de identidade significa remeter-se ao próprio processo de produção da identidade (*autopoyesis*), não como produto ou como algo dado, mas “se dando num contínuo processo de identificação” (CIAMPA, 2001, p. 66). Ocorre, inicialmente, com a atribuição de papéis sociais estabelecidos em direção ao sujeito antes mesmo de nascer, como o nome, por exemplo. No entanto, ao crescer, o indivíduo modifica o que lhe foi atribuído, passando por uma série de significações e, ao se tomar essa posição diante daquilo que lhe foi posto, o conteúdo compartilhado no plano intersíquico se transpõe para o intrapsíquico. Esse conteúdo, constantemente, sofre ressignificação e adquire um sentido singular para, então, ser repostado no mundo. Nesse processo criamos e destruimos personagens de acordo com as formas de interação que são estabelecidas.

Dessa forma, a identidade envolve duas dimensões: identidade como noção de si e identidade como sentimento de si. É noção de si na medida em que revela a representação sobre si mesmo no decorrer de sua história. Este é um processo de consciência, de produção de sentidos e significados.

Por outro lado, é sentimento de si por ser deflagrada pelo sentimento de estar vivo, como presença corporal e visível, totalidade vivida aqui e agora. É um processo de vivência (GÓIS, 2002; ALMEIDA, 2007) e *autopoiesis* (MATURANA, 1998).

O processo criativo mediado pela arte, como entendemos, deflagra o sentimento de si mesmo e repercute na representação de si mesmo (sentidos e significados). É uma extensão do princípio de que o universo move-se em função da vida (TORO, 1991), pois se encontra em direção à vida como criação, transformando-se para permanecer os mesmos (e já outros) em nossa caminhada. É transformação permanente da vida que há em nós e fora de nós, interagindo na constituição da teia da vida que compreende desde a formação das primeiras células, das conexões atômicas, dos rudimentos de sistema nervoso até da construção da tecnologia mais atual.

Da atividade natural e cósmica para a atividade cultural e humana, a arte facilita o processo criativo quando possibilita ao indivíduo expressar-se mediando sua relação com o mundo e consigo mesmo. A arte é uma atividade que revelou a natureza criativa e consciente do homem, capacitando-o imaginar outras atividades além de seus limites espaciais e temporais a partir das pinturas nas cavernas. Segundo Góis (2008, p. 217-218),

[...] Ela marca o momento da grande mudança, quando o *homo*, além de representar em sua mente o que via e vivenciava, passou a traduzir isso exatamente na forma de desenho nas cavernas. Aí se revela com todo o seu poder a imaginação humana. Nesse instante, o *homo sapiens* deu o salto em direção ao humano atual. Podemos dizer que três grandes instantes nos fizeram: o bipedalismo, o uso do fogo e a pintura nas cavernas – a arte. A imaginação surge com o gesto tosco de riscar e este riscar vira pintura, que cria a imaginação que transborda como arte, como expressão do si-mesmo em sua forma primitiva nascente e vinculada ao mundo circundante.

Arte, imaginação e expressão misturam-se no si-mesmo como reflexo da grande criação universal. Estes três instantes correspondem ao momento em que a natureza olha para si mesma, criando o reflexo consciente como um potencial altamente criativo e imaginativo que anseia por expressar-se não somente como reflexão, mas como sensibilidade, como arte. Segundo o autor, esse é o ponto de partida no processo de constituição humana. Percorremos o caminho das estrelas aos povos primitivos para chegar ao homem cultural.

Como atividade humana, a arte possibilitou o desenvolvimento de nossa potencialidade consciente e imaginativa. Nisso consiste sua importância histórica. A arte ocupa lugar central nesse momento por constituir-se, também, trabalho.

O homem elabora seu potencial criador através do trabalho. É uma experiência vital.

Nela o homem encontra sua humanidade ao realizar tarefas essenciais à vida humana e essencialmente humanas. A criação se desdobra do trabalho porquanto este traz em si a necessidade que gera as possíveis soluções criativas. Nem na arte existiria criatividade se não pudéssemos encarar o fazer artístico como trabalho, como um fazer intencional produtivo e necessário que amplia em nós a capacidade de viver. Retirando à arte o caráter de trabalho, ela é reduzida a algo de supérfluo, enfeite talvez porém prescindível à existência humana (OSTROWER, 2007, p. 31).

Com essa concepção, não podemos separar a arte do fazer humano. Não podemos separar a arte da vida, nem mesmo o autor de sua obra, pois cada um é a sua grande e maior obra-prima, condição de criadores e de criaturas. Segundo Pinho (2003, p.124), “a arte não é passatempo, é a vida acontecendo intensamente!”. Ela não pode ser descartada com risco do homem sucumbir.

Vygotsky (1999, p. 329), em seu livro *Psicologia da Arte*, no capítulo “Arte e Vida”, brinda-nos com suas conclusões de que:

[...] a arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, que é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida.

Sob determinadas condições, a arte potencializa o perceber/viver a vida como arte sensível, em cada ato, em cada gesto, em cada suspiro sagrado. Expressar e realizar o caminho natural de nosso canal criativo é possibilitar, por meio da arte, a sensação de estar vivo que nos projeta em múltiplas possibilidades.

A identidade que se faz sentir viva “revela a identidade como presença, como expressão natural e espontânea da vida, acontecendo como singularidade [...] do sentir-se vivo é que surge a percepção de si mesmo, de um sentimento de vida” (GÓIS, 2005). Na arte, vemos a possibilidade de acessar esse profundo e comovedor sentimento que alimenta e preservar a saúde de nossos passos, ponto de partida estruturador da identidade do qual nasce a noção e as representações sobre si mesmo.

A identidade, vista a partir da vivência e não do significado, é arte-identidade, um processo de recriação permanente de si-mesmo a partir de sua possibilidade e multiplicidade de manifestação mediante a expressão artística. Por meio da arte é possível a renovação existencial do indivíduo, a superação do seu medo e da angústia, de sua destrutividade e ansiedade. Ela nos traz, dentro de determinadas condições pedagógicas/terapêuticas, a oportunidade para abriremos sensivelmente nossa interioridade e deixarmos fluir o potencial de vida e beleza inerente a cada um de nós (GÓIS, 2008, p. 221).

Se cuidadas e preservadas determinadas condições, a identidade renova-se, supera seus medos e ansiedade. A criação é o processo criativo ocorrendo incessantemente, no qual os recursos artísticos estão disponíveis e integrados na autoprodução do ser. Este não possui um fim em si mesmo (vivência ontológica), mas pode tornar-se uma via para conhecer a si e o mundo (vivência epistemológica) ⁵.

Assim como a biodança, em arte-identidade

[...] a vivência tem prioridade metodológica, ainda que não se excluam a função cognitiva, a consciência e o pensamento simbólico: os exercícios são destinados primordialmente a induzir vivências e, só posteriormente, caberá à consciência registrar e denotar os estados internos evocados. (TORO, 2005, p. 30).

A vivência ontológica é prioridade, visto que essa experiência inevitável ativa a sensação intensa de viver o “aqui e agora”, o sentir-se vivo e comunica um conteúdo de sensações e percepções que anula a distância entre aquilo que se sente e a observação do próprio sentir. Esse momento totalizante favorece intensos processos de autorregulação orgânico-existencial (STÜCK; VILLEGAS, 2008).

Como dito, posteriormente, através do diálogo, os relatos de vivência nos ajudam a compreender, enriquecer e ampliar a consciência sobre os fatos e nós mesmos (ALMEIDA, 2007). Os sentidos são uma dimensão da identidade que nos ajuda a melhor compreendê-la como representação de si mesma.

Nossa iniciativa com esta dissertação refere-se justamente a compreender os sentidos que podem surgir no ato criativo, verificando de que maneira atuam na construção da identidade. Com outras palavras, o que nos interessa é essa fala sobre os sentidos dados à criação e para qual direção aponta na compreensão da identidade.

⁵ A diferença entre a vivência epistemológica e a vivência ontológica é feita pelo autor destacando que “a primeira refere-se à possibilidade da vivência de levar ao conhecimento ou fazer-se conhecer, enquanto a outra trata da vivência mesma do Ser” (GÓIS, 2002, p. 69). Ambas são necessárias à existência e se articulam como uma pulsação.

3 METODOLOGIA

O grupo de arte-identidade teve seu início em 19 agosto de 2009 e permaneceu até o dia 24 de novembro de 2010. Neste período, as indagações da autora ganharam colorido especial, pois cruzou com outras personagens, a história do grupo de adultos de arte-identidade realizada na “telhoça” do Siqueira. O grupo foi conduzido por duas facilitadoras, que, como já dissemos, possuem uma história de inserção nos trabalhos no Bairro Bom Jardim.

Figura 01 - Foto das facilitadoras no São João do grupo



Fonte: Arquivo da autora

3.1 Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim – MSMCB

Escolhemos realizar a pesquisa no MSMCBJ haja vista nossa prévia inserção na comunidade e na instituição como voluntários e a afinidade com sua proposta de ação. Como dito na introdução, a realização de trabalhos com arte encontrou na ONG um parceiro aberto e receptivo, é este o solo em que plantamos a arte-identidade. Apresentaremos, de forma geral, a história e os principais objetivos e atividades dessa instituição.

O MSMCBJ se insere na região do Grande Bom Jardim, uma das mais populosas de Fortaleza, com aproximadamente 220 mil habitantes. De forma geral, a situação dessa população se assemelha a outros grandes bairros do país, problemas com moradia, emprego, segurança, educação, transporte e saúde, além de possui um índice significativo de pessoas abaixo da linha da pobreza (RIBEIRO, 2008).

Denominada de “Grande Bom Jardim” por se constituir pela proximidade de vários bairros como: Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira. E as comunidades: Parque Santo Amaro, Jardim Jatobá, Parque Jary, Parque São João, Parque

Nazaré, Jerusalém, Parque São Vicente, Nossa Senhora Aparecida, Belém, Santa Cecília, Valverde, Marrocos, Nova Canudos, Granja Lisboa e Palmares.

Essa região, pelo que nos conta seus moradores, foi habitada em consequência do êxodo rural, principalmente nas décadas de 70 e 80, quando ocorreu um aumento populacional considerável. Com isso, as reivindicações pelo planejamento da ocupação em diversas dimensões, como serviços públicos e instalação elétrica, fortaleceram as formas de organização comunitárias na região.

Destacamos entre essas iniciativas as contribuições das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que auxiliaram esse processo de ação popular. A paróquia Santa Cecília, criada em 1980, agregava a população, tornando-se núcleo para reuniões e formando lideranças. Dessa história viva e marcante da população, temos frutos que repercutem na atualidade, como o caso do MSMCBJ.

Este “movimento” de saúde tem como influência a teologia da libertação atrelada às CEBs e à atuação de missionários da congregação dos combonianos. Assim, em 1996, o padre e psiquiatra Ottorrino Bonvini liderou essa iniciativa, que permanece até hoje. Sua missão consiste em realizar o acolhimento humano, entendido em suas dimensões bio-psico-sócio-espiritual, que promova o desenvolvimento de seu potencial, resgatando seus valores e cultura e favorecendo a qualidade de relações pessoais, interpessoais e comunitárias saudáveis (DINO, 2007).

Dentre as atividades promovidas pela instituição, temos: grupos de terapia comunitária; grupos de autoestima; grupos de biodança; atendimento em massoterapia; atendimento psicológico individual; acompanhamento de crianças e adolescentes (Projeto Sim à Vida Não às Drogas); formação profissional de jovens e adultos (Casa de Aprendizagem Ezequiel Ramin); horta comunitária; Casa AME (Arte, música e espetáculo); cursinho pré-vestibular popular (CABJ – Casa de Aprendizagem do Bom Jardim); promoção de cursos diversos na área de práticas de cuidado e parceria com a unidade do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) II do Bom Jardim.

Dentre todas essas atividades, o grupo de arte-identidade foi vinculado à coordenação de grupos de biodança.

3.2 Grupo da “telhoça”

Este grupo, formado com adultos com faixa etária entre 21 e 59 anos, foi pensado em função da demanda da comunidade. O grupo contou com a presença de moradores da comunidade, pessoas de outros bairros, outros foram encaminhados pelo CAPS e, também, trabalhadores do próprio MSMCBJ. Estabelecemos como único critério para participar da pesquisa: integrar o grupo de arte-identidade, compreendendo todos como os sujeitos construtores de nossa pesquisa. Totalizamos 16 sujeitos participantes e pesquisados.

Figura 02 - Grupo na maratona na Taíba



Fonte: Arquivo da autora

Figura 03 - Grupo na festa de São João na telhoça



Fonte: Arquivo da autora

Mas o que acontecia nesse grupo? O leitor deve se perguntar. A arte-identidade pode ser realizada de duas formas: no grupo regular, onde ocorrem encontros semanais com média de duas horas de duração; e na forma de maratona, em intensivos de finais de semana.

Durante a existência do grupo, tivemos 58 encontros na telhoça e uma maratona nos dias 20, 21 e 22 de agosto de 2010, todos devidamente registrados em anotações da facilitação.

Os registros por meio de fotografias foram realizados principalmente na maratona localizada na praia da Taíba, a 76 km de Fortaleza, no município de São Gonçalo do Amarante. Tivemos dificuldade de fotografar na telhoça por conta dos encontros realizarem-se à noite. Tanto a falta de iluminação adequada atrapalhava esse tipo de registro como o *flash* da câmera interferia de forma significativa no processo do grupo.

Figura 04 - Salão da maratona na praia da Taíba



Fonte: Arquivo da autora

Figura 05 - Telhoça do Siqueira



Fonte: Arquivo da autora

Importa saber que a arte-identidade utiliza-se do método dialógico-vivencial (GÓIS, 2008). No direcionamento metodológico, temos uma sessão organizada em dois momentos, respectivamente: a fase verbal e a fase vivencial.

O primeiro momento é verbal e gira em torno de alguma temática, da arte ou das sessões vividas, constando de círculos de cultura ou intimidade verbal. O círculo de cultura (FREIRE, 1980) é um espaço onde os sujeitos compartilham ideias e sentimentos sobre temas geradores, ressaltando os aspectos existenciais, sociais, políticos e outros em que o grupo busca um entendimento global do tema em pauta. “O momento é de aprofundamento da consciência (conscientização) frente à realidade histórico-social e ecológica dos participantes” (GÓIS, 2002, p. 108).

Figuras 06 e 07 - Círculo de cultura com texto-gerador “Permissão para criar”



Fonte: Arquivo da autora

Já a intimidade verbal é o compartilhar das vivências ocorridas em sessões anteriores ou de momentos da história pessoal do participante. São relatos de situações vividas no próprio grupo ou fora dele, carregadas de emoção, podendo ser de descobertas existenciais, mudanças, alegrias ou medos que retratam a identidade em construção. Nesse

momento, “não é estimulado o trabalho psicoterápico. Ouve-se atenta e profundamente o relato, com empatia. Depois se incentiva o grupo a fazer comentários compreensivos a respeito do exposto pela pessoa” (GÓIS, 2002, p. 108).

Figura 08 - Intimidade verbal na maratona



Fonte: Arquivo da autora

Figura 09 - Intimidade verbal na telhoça



Fonte: Arquivo da autora

A fase vivencial ocorre quando, após o diálogo, os participantes são convidados a participar da criação com arte e da expressão de seus potenciais, seja dança, modelagem com argila, pintura, colagem, poesia, dentre outros.

3.2.1 Dança

A dança tem origem antiga e nasce junto com o universo, que até hoje perdura com sua musicalidade, dando movimentos aos corpos celestes. Todo corpo que se movimenta, dança. E como na natureza não há estagnação, mas sempre movimento, tudo vive, tudo dança. Antropologicamente, todos os povos dançam, seja para celebrar, ritualizar ou para divertir-se. “Os homens dançaram em todos os momentos solenes de sua existência: a guerra e a paz, o casamento e os funerais, a sementeira e a colheita” (GARAUDY, 1980, p. 13).

A etimologia da palavra dança, nas línguas européias (dance, danza, tanz), deriva da raiz “tan”, que significa tensão. Compreendemos essa tensão como a dança exprimindo a vivência humana com o máximo de intensidade. Em todas as formas de relação do homem com o mundo, com a natureza, com seu passado e futuro, com sua sabedoria e divindades. Estabelecer essa relação ativa, essa dança, é “participar do movimento cósmico e do domínio sobre ele” (*Id.*, p. 14).

Para as dançarinas de Isadora Duncan (1985), permanecem ainda suas orientações vivas sobre a dança da vida.

Seus estudos e observações não se deviam limitar às formas manifestadas pela arte, mas antes e preferentemente, ir buscar lições nas fontes vivas da natureza. O movimento das nuvens tocadas pelo vento, as árvores que se agitam, os pássaros que cantam, as folhas que turbilhonam -, tudo deveria ter para elas um sentimento especial. Competia-lhes aprender a observar a *qualidade* particular de cada movimento. Precisavam sentir na alma uma ternura íntima, desconhecida dos outros, e capaz de iniciá-las no segredo das coisas, pois qualquer parte dos seus corpos ágeis, treinada como se achava, deveria corresponder à melodia da natureza e cantar em uníssono com ela. (DUNCAN, 1985, p. 144).

No grupo de arte-identidade, foi marcante a influência da dança contemporânea inspirada em Isadora Duncan e a presença de exercícios da biodança. Contemplamos danças livres e semiestruturadas, variando na dimensão individual e coletiva. Nas danças, podemos utilizar, também, além da música, alguns objetos, o canto e o silêncio para fazer vibrar o corpo em movimento.

Figura 10 - Dança livre com tecidos



Fonte: Arquivo da autora

Figura 11 - Elasticidade integrativa



Fonte: Arquivo da autora

Figura 12 - Roda de Integração



Fonte: Arquivo da autora

Figura 13 - Dança de personagens



Fonte: Arquivo da autora

3.2.2 Modelagem com argila

A argila é um material que remonta à origem do homem, nascido do *húmus*, que significa terra fértil (BOFF, 1999). Por isso, o contato com ela é deflagrador de emoções, sentimentos e da verdade do ser sensível e que se expressa naquele instante. Também conhecida como barro, cujo elemento terra prevalece, vincula fortemente o homem com sua realidade primitiva, revelando uma intimidade entre ambos, via de acesso arquetípico. Segundo Góis (2008, p. 221), esse tipo de vínculo é

[...] transcendental que remete às bases primeiras da espécie humana. Acontece aí uma forte vivência arquetípica. Nesse vínculo, as pessoas mexem com a argila e a argila mexe com elas. Um movimento que é integrado, dinâmico, dialético e profundamente sensível. A pessoa transfigura-se em arte, em criação de si mesma.

Dessa forma, com o trabalho de modelagem da argila emergem imagens e esculturas arquetípicas e simbólicas que expressam não somente a história da cultura humana, mas o sentido existencial retrata o momento único vivido e expressado pelo ser. É o retrato de sua transformação constante, criador e criação. Dessa forma, sabemos que a argila “está ligada a nosso universo cotidiano. Ela é símbolo de nascimento, de vida, de morte. Por isso, nossos afetos nela se projetam muito mais espontaneamente que em qualquer outro material modelável” (PAIN, 1996, p. 106).

Podemos modelar a argila ou deixar que a argila nos modele. Dessa forma, utilizamos transformando-a em objetos e imagens que podem ser individuais ou coletivas, assim como deixá-la moldar nosso corpo.

Figuras 14 e 15 - Modelagem com argila



Fonte: Arquivo da autora

Figuras 16 e 17 – Contato individual com argila



Fonte: Arquivo da autora

Figuras 18 e 19 – Contato em grupo com argila



Fonte: Arquivo da autora

3.2.3 Pintura

O primeiro traço, gesto do humano impresso nas cavernas, surge da necessidade de expressar a vida humana, a organização social, a vivência diária. Registrar externamente o que se organiza internamente. “Partindo da necessidade de deixar uma marca, de apropriar-se de um objeto, de fazê-lo seu ‘duplo’, o homem, no curso de sua história, nunca cessou de pintar. É exatamente essa continuidade que nos espanta” (PAIN, 1996, p. 77).

A pintura expressa a capacidade de representação, ao mesmo tempo em que a reorienta. Pintar significa mudar, criar, pois, quando pinto, já sou outro que deixo minha marca, uma nova marca. O ser humano, em sua individualidade, anseia por mostrar-se singular, luta bravamente contra qualquer forma de homogeneização, de perder aquilo que lhe faz único. Como a criança que, em seu processo de desenvolvimento, precisa apropriar-se de si mesma e do mundo, dos seus objetos e significados procurando deixar sua impressão. Para isso, utiliza-se dos seus materiais, de areia, terra, vidro, pinta a casa, o sofá e a si mesma.

Em arte-identidade, podemos explorar a criação com pintura, diversificando nas técnicas, como aquarela e mandala (MATOS, 1995), utilizando materiais diferentes para colorir, tais quais giz de cera, lápis de cor, tintas, carvão e outros. Pode haver, também, variações no tipo de material que será pintado, como: papéis de diferente tamanhos e texturas, cerâmica, parede, tecido, o próprio corpo etc.

Figuras 20 e 21- Pintura em aquarela



Fonte: Arquivo da autora

Figuras 22 e 23 - Pintura em cerâmica com giz de cera derretido



Fonte: Arquivo da autora

Figura 24 - Pintura coletiva com tinta guache



Fonte: Arquivo da autora

Figura 25 - Mandala feita com lápis de cor



Fonte: Arquivo da autora

3.2.4 Poesia

Para pensar a poesia, trazemos um questionamento: “não seria melhor transformar a vida em poesia que fazer poesia com a vida? E a poesia não pode ter como objeto próprio, mais que a criação de poemas, o de instantes poéticos?” (PAZ, 1998, p. 07). A poesia abrange a própria vida, é a autenticidade que justifica cada conceito dado a ela e, ao mesmo tempo, os transcende. É a arte de falar em uma linguagem superior quando encarnados na vida, no mundo. Ao poeta cabe apenas traduzir expressões de algo vivido. Ela se nutre dos opostos, contraditórios, irregulares, belos, sentimentos, pensamentos, imaginação, fantasia, paisagens, lugares, cheiros, corpo e alma.

A poesia difere-se do poema, pois uma obra dentro dos padrões da lei métrica não garante que contenha poesia. Poemas são formas literárias, artefatos artísticos, didáticos ou retóricos. Não se pode reduzir a poesia a algumas formas: épicas, líricas, dramáticas, novelas, prosas etc. Um soneto, por exemplo, é composto por rimas, estrofes e métrica, mas somente quando está contido de poesia torna-se uma verdadeira obra. Nesse sentido, nem todo poema é poesia e nem toda poesia é um poema. “Tem poesia sem poema; paisagens, pessoas e fatos são seres poéticos: são poesia sem ser poemas” (PAZ, 1998, p. 14).

Ao poeta, cabe ser fio condutor e transformador da corrente poética que revela a vida como obra ou poema. O poema torna possível o encontro entre o homem e a poesia. A criação poética é uma parte do todo poético, uma unidade autosuficiente e não a soma de todos os poemas. Cabe ressaltar que o poeta transcende esse tipo de linguagem literária,

apesar de estar nele muitas vezes. Ele penetra no mundo dos sentidos, cores, sons e imagens que transformam a matéria-prima da vida em obra poética que gera mais vida. “Esse elemento distintivo é a poesia. Somente ela pode mostrar-nos a diferença entre criação e estilo, obra de arte e utensílio” (PAZ, 1998, p. 21).

No grupo de arte-identidade, a poesia brotou incessante e foram sempre expressas livremente, sem seguir uma estrutura orientada. No processo de criação individual, elas foram escritas.

“Sou passarinho no ninho,
que quer aprender a voar...
A poesia fala
A voz do coração,
Da canção, do sentimento
Escondido na ‘escuridão’...
Como é bom ser poeta
Deixar a voz do coração
Falar, expressar-se,
Como uma canção...”

Sabrina (participante 03)

“Saudade do meu pé
Enfiado na areia
Do cheiro de chuva
Caindo na minha cabeça
Saudade do sol
Que nunca mais vi
Com os olhos de quem promete
(e cumpre) que vai ser muito feliz.
Não é a tristeza que me abate
Mas a solidão de mim
Onde foi que eu deixei e
Me perdi e perdi o calor do coração batendo
A fogueira no peito
A energia
A própria luz
Se há propósito certo na minha
Vida será de achar esse tesouro
E segurá-lo
E protegê-lo
E, se perdido,
Incessantemente buscá-lo.
Chamá-lo com música e poesia,
Segurá-lo com fé.
E alimentá-lo com afeto”.

Liana (participante 13)

No momento coletivo, a poesia foi formada quando os integrantes complementavam a fala uns dos outros de forma inspirada e sensível até que todo o grupo permanecesse mergulhado e envolvido na expressão que nascia espontaneamente.

3.2.5 Colagem

A colagem é uma forma de criação muito comum, principalmente nas escolas e também nos trabalhos com grupos terapêuticos, pela riqueza simbólica evocada pelas diversas palavras e imagens. Podemos rasgar, recortar, colar, sobrepor figuras e frases, além disso, os materiais podem variar, como: revistas, jornais, tecidos, cortiça, folhas e outros elementos da natureza. Na colagem, assim como as peças de um quebra-cabeça, formamos uma nova *gestalt* a partir dos pedaços aparentemente desconexos e separados. A obra pode mudar de sentido a cada mudança no olhar do criador ou espectador, a riqueza simbólica e de tom emocional é infinita.

O caminho que conduz a organização de pedaços escolhidos e recortados em função de uma imagem é cheio de armadilhas: o sujeito vê algumas formas desaparecerem ao lado de elementos mais vistosos que, pode ser, ele quisesse que fossem menos significativos. Um plano de fundo, às vezes, escorrega estranhamente para o primeiro plano. Na colagem, duas folhas invertem-se de maneira a misturar pistas da compreensão. (PAIN, 1996, p. 189).

Figuras 26, 27 e 28 - Colagem com figuras de revistas



Fonte: Arquivo da autora

3.3 Pesquisa qualitativa

Continuamos esse trajeto, agora com o desafio de traçar um caminho metodológico da pesquisa coerente com nosso objeto de estudo. Sabemos que a escolha do método científico corresponde a uma forma organizada de sistematizar e compreender os fenômenos de maneira tanto qualitativa como quantitativa (RICHARDSON, 1999). A tensão entre o qualitativo e o quantitativo é o primeiro passo do qual se parte para discutir metodologia. São muitos os autores que problematizam os fundamentos para tal escolha em pesquisa.

Por um lado, temos quem considere essa escolha como produto de um referencial epistemológico que reflete a natureza do conhecimento. De radicais diferentes, o qualitativo representaria o enfoque compreensivo e emancipatório por ouvir os sujeitos da pesquisa, e o quantitativo como enfoque quantificador do comportamento, quantificado e enquadrado estatisticamente. Seguir essa perspectiva, sob a influência positivista, seria condenar a separação na forma de produzir ciência, no entanto, pressupomos a metodologia como um contínuo e que ambos podem complementar-se (GOODE; HATT, 1973; LATORRE; DEL RINCÓN; ARNAL, 1996).

A escolha do método e as técnicas representa, primeiramente, a decisão de como se gera e analisa os dados para, e em segundo plano, retratar o delineamento da pesquisa e a forma de conceber o conhecimento. Somente a escolha não garante a solidez científica, ética e comprometida do pesquisador, pois enquadrar como qualitativo ou quantitativo só faz sentido de acordo com o problema estudado.

Dessa forma, a metodologia torna-se apropriada com relação ao tipo de problema específico da pesquisa, ou seja, não existe uma receita correta e única para a definição metodológica. O que se faz questão, então, é como produzir um enfoque que permita a coerência epistemológica e metodológica de acordo com o objeto de estudo traçado.

De acordo com Bauer *et al* (2008, p. 35), a atitude do pesquisador para produção da ciência merece destaque:

A prontidão dos pesquisadores em questionar seus próprios pressupostos e as interpretações subseqüentes de acordo com os dados, juntamente com o modo como os resultados são recebidos e por quem são recebidos, são fatores muito mais importantes para a possibilidade de uma ação emancipatória do que a escolha da técnica empregada.

Seguindo com a perspectiva de compreender os sentidos produzidos na vivência da arte, escolhemos adotar uma abordagem qualitativa e comprometida em questionar a própria pesquisa em função da ética para com os sujeitos participantes. Primar pelo qualitativo, nesse momento, significa que pesquisador e pesquisados interagem na construção do conhecimento, pois “o objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (CHIZZOTTI, 2001, p. 79).

Nessa interação, são construídas novas formas de conhecer e transformar a realidade, novas percepções sobre si mesmo, o outro e a comunidade em que se inserem. Dessa forma, entendemos que a pesquisa e a própria atuação sobre dado fenômeno são inseparáveis. Ao estarmos em comunidade, mediados por outras pessoas e pelo ambiente, qualquer fato se torna objeto de pesquisa. A realidade é sempre problematizada e nesse ato torna-se objeto de estudo e meio de facilitação do processo de conscientização dos seus moradores (FREIRE, 1980). Vejamos esse método, denominado de facilitar-pesquisando.

3.4 Facilitar-Pesquisando

Diante das vivências e de toda caminhada do grupo, gostaríamos de traçar um paralelo com nossa opção metodológica de pesquisa. Como vimos, a metodologia desenvolvida com o grupo mistura-se à própria pesquisa. O facilitador torna-se também pesquisador. Que limite separa, então, essas duas personagens? Percebemos, ao longo do grupo, que o facilitador conduz e é conduzido pelo grupo, faz parte do mesmo e é responsável por mergulhar e captar esse processo de desenvolvimento. Ao pesquisador cabe também o papel de afastar-se momentaneamente para estranhá-lo, questioná-lo e realizar uma releitura dinâmica do que acontece, além de preocupar-se com a sistematização de todo processo.

Dessa forma, compreendemos que o termo facilitar-pesquisando traduz uma exigência de indissolubilidade desses dois personagens em qualquer condução de processos pessoais e de grupo. O facilitador-pesquisador é tão importante quanto os participantes-pesquisados, sua vivência também deve ser considerada e está presente em todo o texto. Nossa proposta, no entanto, foca o olhar de pesquisador no grupo e nos sentidos constituídos por meio da arte, não se trata de um olhar para si mesmo como facilitador-pesquisador, por mais que saibamos que essa dimensão está presente. Esta seria matéria para outra dissertação.

Para esclarecer ainda mais, Góis (2008) explicita sua origem na contramão da lógica de estabelecer um grupo para pesquisar. Não formamos o grupo para pesquisar, não

nos servimos de um grupo para satisfazer as necessidades da ciência, mas é preciso fazer do trabalho em realização o seu próprio objeto de estudo, ao mesmo tempo em que atua na realidade.

É um método que se aproxima da pesquisa-ação e pesquisa participante, mas que também se diferencia em alguns aspectos:

A pesquisa-facilitação aproxima-se da pesquisa-participante no tocante à busca em aliar a investigação científica com a intervenção pedagógica, no entanto não nasce dos movimentos sociais e, diferentemente da pesquisa-ação, não busca uma solução técnica para um determinado problema (CASTRO, 2009, p. 88).

Que seria, então, facilitar-pesquisar? É uma forma de aliar a investigação científica e atuação profissional sem, necessariamente, apresentar um resultado determinado para um problema comunitário. A primeira e basilar compreensão desse raciocínio é considerar a realidade local e grupal (profissionais e moradores) como a fonte da pesquisa. “A pesquisa faz parte da facilitação por exigência da própria prática facilitadora, do diálogo-problematizador entre profissional e morador” (GÓIS, 2008, p. 145).

Quando a facilitação se estabelece de forma comprometida e dialógica, exige-se uma postura questionadora diante da realidade em questão. O termo facilitação, dessa forma, foi proposto com uma intenção. Ao contrário de intervenção, o termo facilitar nos remete ao processo e não à técnica, ao compromisso e não à neutralidade.

A facilitação possui uma dimensão comunicativa e interativa explícita, estabelece um princípio democrático na construção do saber, de forma crítica e que proporcione o desenvolvimento humano, social e ambiental. Esse termo é compreendido como promotor de saúde, como uma “ação baseada em processos grupais dialógicos e vivenciais, que facilite a comunicação e a interação social e afetiva entre os que estão no campo da ação” (GÓIS, 2008, p. 145).

O método facilitar-pesquisando, dessa maneira, se constitui na trama comunitária no encontro dialógico e afetivo entre profissionais e moradores que transformam objetivamente e subjetivamente sua realidade. Em grupo, essa proposta de problematizar e vivenciar constitui-se de forma participativa e com a colaboração de todos os envolvidos.

Nesta proposta, os próprios instrumentos de facilitação serão aqueles que nos fornecerão as informações necessárias sobre os sentidos construídos no grupo, ou seja, não introduzimos questionários, entrevistas ou qualquer outro instrumento de pesquisa que não façam parte da própria metodologia do grupo ao qual já estão familiarizados.

Quando atentamos para a importância de integrar as duas dimensões, a da pesquisa e da facilitação, percebemos que os instrumentos não podem diferir dos instrumentos de facilitação, uma vez que a pesquisa-facilitação busca acima de tudo atuar de forma positiva na transformação da realidade, enxergar em que direção essa(s) mudança(s) está(ão) se dando e promover novos processos no próprio ato de pesquisar (CASTRO, 2009, p. 88).

É preciso que estes façam parte do próprio processo do grupo e da realidade por ele vivida, evitando a intervenção de instrumentos externos, desconhecidos e fora do contexto do grupo.

Entendemos, dessa forma, que o método facilitar-pesquisando envolve duas linhas de desenvolvimento: uma referente ao processo de mudança pessoal e do grupo, enquanto a outra diz respeito ao processo de construção da pesquisa. Em nosso caso, vejamos o esquema abaixo.

Quadro 1 - Esquema do método Facilitar-Pesquisando



Fonte: Góis (2010, n. p.)

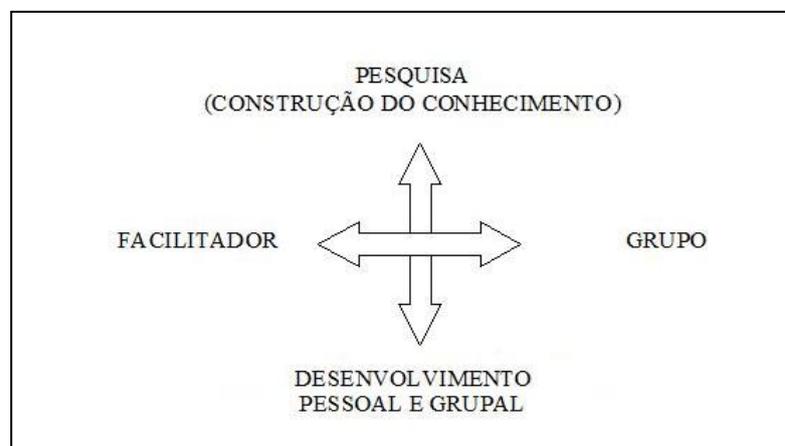
Seguindo a linha do tempo, temos a utilização do método no período de agosto de 2009 a agosto de 2011. A linha 01 implica na mudança pessoal-grupal dos sujeitos participantes, tanto nas dimensões pedagógicas e psicológicas individuais quanto o desenvolvimento do clima dialógico, a vinculação e a condição da matriz do grupo. A linha 02 refere-se à construção do conhecimento, em nosso caso, da dissertação de mestrado. Esta linha está intimamente ligada aos processos científicos e acadêmicos de produção do conhecimento.

O que une as duas linhas é o próprio processo de facilitação. O encontro entre facilitador e grupo alimenta tanto o processo de mudança pessoal-grupal como o modo de

construção da pesquisa. Por isso dizemos que o facilitador também se modifica no processo e participa junto com o grupo ativamente da produção de um novo conhecimento, tornando-se também pesquisador.

Assim, essas linhas, apesar de específicas em seu curso, mantêm a comunicação, se retroalimentam constantemente, seguindo um curso mais espiralado e crescente do que mesmo paralelo, em que é difícil representar graficamente. Quer dizer que o processo do grupo orienta e organiza a pesquisa da mesma forma que o modo de pensar a pesquisa e seus questionamentos retorna ao grupo em forma de facilitação. Segue o esquema de retroalimentação.

Quadro 2 - Esquema de retroalimentação



Fonte: Góis (2010, n. p.)

Esse esquema é constituído por dois eixos: facilitador-grupo e pesquisa-desenvolvimento. O encontro entre facilitador e grupo no primeiro eixo alimenta a pesquisa da mesma forma que produz a mudança pessoal-grupal. O segundo eixo se modifica na medida em que interage e ocorrem transformações no eixo horizontal, assim como as modificações na pesquisa retornam para o grupo, o grupo e seu processo de desenvolvimento reorienta a pesquisa.

O eixo facilitador-grupo inclui a metodologia das sessões e a relação dos participantes entre si, individualmente e com o facilitador. Verticalmente, a pesquisa-desenvolvimento representa o resultado e discussões da pesquisa, passando ao grupo por meio de uma nova forma de condução do grupo, um novo modo de facilitar, participar, olhar e interferir nele. O contrário também acontece, o desenvolvimento de cada participante do processo modificando os resultados e discussões na pesquisa.

Outra dimensão desse esquema refere-se às fases do desenvolvimento da facilitação-pesquisa: fase 01, preparação; fase 02, apropriada; fase 03, finalização. Esses três momentos estão presentes nas duas linhas de desenvolvimento. Podemos rever o esquema novamente.

A fase de “preparação”, na linha do desenvolvimento humano, refere-se à ambientação do grupo entre si, com o facilitador e com local onde ocorrerão os encontros, além da familiarização com a metodologia da arte-identidade. Essa fase corresponde ao período inicial do grupo, acompanhado pelos registros de facilitação. Ainda nesta fase de preparação, mas agora direcionada à linha da construção do conhecimento, voltamo-nos para concluir o projeto de pesquisa partindo de sua viabilidade e relevância no grupo em questão. Em nosso caso, essa fase ocorreu no período de agosto de 2009 até maio de 2010.

A fase 02 é denominada “apropriada”, pois é o momento adequado para os registros de pesquisa e coleta de dados da pesquisa. Tendo em vista a apropriação do grupo de seu próprio processo, há o aprofundamento das vivências. Os critérios a serem observados para demarcar esta fase iniciam com a conclusão do corpo teórico-metodológico da pesquisa, assim como o grupo deverá apresentar sua matriz grupal (regularidade dos participantes, abertura para viver o processo grupal e vínculo com facilitador e grupo), a concordância e o compromisso com a realização da pesquisa.

Na fase inicial, observamos que a fala do grupo permanece periférica e muitas situações são ditas de forma indireta e sem a referência ao nome de outros participantes. Na fase “apropriada”, as barreiras da vergonha e timidez são quebradas pela confiança conquistada e estabelecida no grupo, por isso a tendência da parte verbal da sessão se estender, caso o facilitador permita. O grau de abertura dos participantes para compartilhar os sentidos que emergem nas vivências aumenta. Percebemos, no grupo, que essa fase permaneceu de junho a outubro de 2010, incluindo a maratona como o auge do aprofundamento da intimidade do grupo.

Escolhemos duas (2) intimidades verbais circunscritas nesta fase para o registro de pesquisa por meio de gravação de voz, ambas versaram sobre a arte com mandalas. O outro momento registrado foi a intimidade verbal final da maratona, na qual cada participante compartilhou os diversos momentos da maratona em que trabalhamos com a dança, pintura em aquarela, pintura com giz de cera derretido em cerâmica e modelagem com argila. Além disso, realizamos outras vivências na natureza, tendo em vista o ambiente favorável, uma casa em frente ao mar e próxima a uma lagoa.

A última fase, de finalização, é estabelecida quando o grupo se aproxima de seu término, sendo retroalimentada pelos resultados da pesquisa, de suas discussões e análises, que seguem paralelamente. Algumas características dessa fase são decisivas para determinar sua continuidade ou término: (ir)regularidade dos participantes, a permanência ou saída de participantes por motivos diversos, a disponibilidade do facilitador, a disponibilidade dos participantes. Pode ocorrer de forma mais previsível, por exemplo, o fechamento do ciclo de um ano ou um período combinado desde o início do grupo. Em nosso caso, as facilitadoras prepararam a finalização do grupo em novembro de 2011, tendo em vista os aspectos: aprofundamento do processo do grupo satisfatório, aproximação do final do ano e a reduzida disponibilidade de tempo das facilitadoras após esse período.

Este formato permite, ainda, que os resultados e discussões da pesquisa retornem ao grupo, que seguem paralelamente na fase final. Assim, estimula sua condução e reorienta a facilitação do próprio grupo pesquisado.

3.5 Análise de Conteúdo Temática

Em posse das falas gravadas na fase apropriada, utilizaremos, para compreendê-las, a análise de conteúdo temática. Esta é uma forma qualitativa de lidar com os dados que se encaixa com os propósitos de nossa pesquisa, compreendendo a construção humana por meio do estabelecimento de significados e sentidos.

Segundo Quivy (1992),

a análise de conteúdo (ou pelo menos, algumas de suas variantes) permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis (p. 225).

A análise de conteúdo possui vantagens, limites e problemas. Verificamos que a vantagem que lhe aproxima de nosso estudo refere-se aos temas estabelecidos. Em nosso caso, chamaremos de unidades de sentido.

A análise de conteúdo por temas, temática ou categorial consiste em destacar temas de um texto, extraindo as partes relevantes para o problema estudado. Essas unidades de sentido se referem às significações que sobressaem no texto, articuladas à teoria que baliza a pesquisa (BARDIN, 1977). Nesse sentido, sua principal meta é encontrar essas unidades e identificar quais valores os referenciam e quais sentidos e significados estão presentes nos

discursos. Precisamente, a análise temática “consiste em isolar temas de um texto e extrair as partes utilizáveis, de acordo com o problema pesquisado, para permitir sua comparação com outros textos escolhidos da mesma maneira” (RICHARDSON, 1999, p. 198).

Segundo Minayo (1993), a análise temática divide-se em etapas: pré-análise, exploração do material obtido, tratamento de seus resultados, inferência e interpretação. A primeira etapa se refere ao retorno para elementos importantes na pesquisa, ou seja, é preciso retomar os objetivos do estudo e escolher documentos a serem analisados para reconfigurá-los diante das informações dadas e do material produzido no processo.

Explorar o material significa sistematizar os acontecimentos da pré-análise, incluindo a codificação, categorização e quantificação que transformam os dados brutos para compreender o núcleo central do texto. No tocante aos resultados obtidos e à interpretação, temos os dados iniciais transformados em elementos significativos para a pesquisa. Estes, então, são organizados segundo as regras de codificação em quadros relativos às unidades de sentido. Em nossa análise, verificamos a presença das seguintes unidades:

- a) **Medos e resistências à criação** - unidade de sentido que retrata os medos e resistências que os participantes enfrentam no processo de criação. Surgiram frases de negação, como “eu não sei fazer isso”, “eu não consigo”, “é difícil” e sentimentos como “tive medo”, “tive raiva”, entre outros.
- b) **Processos de criação** - são as explicações sobre o próprio processo de criação, o sentido do ato de criar para cada um ou fatos que destacam como importantes no momento da criação.
- c) **Polaridade existencial – Libertação/Nascimento x Prisão/Bloqueios** - abrange as sensações e sentimentos de liberdade, (re)nascimento, voar e soltar-se, ao mesmo tempo em que surge, no polo oposto, o aprisionamento existencial, obstáculos que impedem de ser livre.
- d) **Natureza** - unidade de sentido que expõe a presença do vínculo com a natureza. Diversos elementos que a constituem surgem nas obras e falas dos participantes.
- e) **Sentimento de grupo e de gratidão** - remete ao sentimento de pertença ao grupo, proteção, vínculo e gratidão ao grupo ou qualquer participante em especial.

4 ENTRE ARTE E SENTIDOS

Nesta seção, estabelecemos um diálogo com os participantes do grupo, suas obras e sentidos, ilustrando o processo de desenvolvimento de cada unidade de análise.

4.1 Medos e resistências à criação

Nossa primeira unidade de sentido retrata algumas sensações e pensamentos que os participantes enfrentam no processo de criação e no desenrolar das atividades. Emergiram frases de resistência, medo e impotência ao deparar-se com a possibilidade de criar algo novo a partir do material disponibilizado pelas facilitadoras.

Resolvemos iniciar com essa primeira unidade, pois retrata ansiedade, angústia e negação que surgem com a possibilidade de enfrentar e criar algo novo. Entendemos que o potencial criativo, força propulsora de vida, intuitiva e instintiva nos seres, com o contexto cultural e emocional do indivíduo, pode ser favorecido a desenvolver-se ou ser reprimido. De acordo com Alencar (1990), são esses dois tipos principais de barreiras: emocionais e culturais.

Na primeira, temos as emoções e expressões de apatia, insegurança, inferioridade, medo do ridículo, medo do fracasso, autoconceito negativo e autocensura excessiva. Culturalmente, a ênfase ocorre na normatização do indivíduo, falta de estímulo para correr riscos, resistência à mudança, destaque na resposta correta ou solução conhecida, expectativas com relação ao papel sexual, valorização da lógica e raciocínio em detrimento do sentimento e da intuição.

Para May (1982), a sociedade, de modo geral, é um sistema fechado que não aceita as mudanças e transformações que contrariam suas normas. Com isso, afirma que “o problema é que qualquer tipo de ‘sistema fechado e exclusivo’ destrói a poesia e a arte” (MAY, 1982, p. 75).

A criatividade do espírito ameaça e deve ameaçar a estrutura e os pressupostos da nossa sociedade e do nosso modo de vida, racionais e ordenados. Os impulsos irracionais do inconsciente, por sua própria natureza, são uma ameaça à racionalidade, e a ansiedade é uma decorrência inevitável (MAY, 1982, p. 71)

Sua noção de inconsciente difere-se do conceito freudiano para contemplar aqui o lugar do não consciente, do espontâneo e criativo, lugar onde habita a verdadeira coragem de criar e a criatividade do espírito (MAY, 1982).

Em nossa pesquisa, observamos algumas falas importantes. Explicitamos, também, as obras resultantes da vivência a que o participante se refere, pois essas obras e seus sentidos específicos poderão ou não ser retomados posteriormente, de acordo com nossos objetivos:

[...] aí depois você disse assim: “olhe, não imagine nada, não fique pensando no que você vai fazer não, deixe vir né, a criatividade, espontâneo”. “Vish, é agora, eu não sei fazer nada”. Eu só sabia fazer as florzinhas mesmo que era o que tava na minha cabeça. [Participante 1] [IV.1 – P.1 – L.12-16]

Figuras 29 e 30 – Grávida modelada com argila pela participante 01



Fonte: Arquivo da autora

*[...] **Eu tive um medo** tão grande quando vocês falaram de fazer argila né, eu também tive a mesma sensação... as mesmas, já veio a imagem das panelinhas né. **Também senti muito pavor** quando vocês disseram “não pode fazer o que já tá né, tem que ir criando”. Aí comecei a fazer, amassei, amassei, pensei “ai meu Deus, o que eu vou fazer?” [Participante 7] [IV.1 – P.10 – L. 31-36]*

Figura 31 – Cenário da infância modelada com argila pela participante 07



Fonte: Arquivo da autora

[...] *E foi a primeira vez, não só aqui, a primeira vez que, talvez, fazendo uma atividade assim de desenho me veio de fazer pessoas, mesmo porque eu não sei desenhar... assim, gente.* [Participante 2] [IV.2 – P.6 – L.7-9]

Figura 32 – Mandala feita pela participante 02



Fonte: Arquivo da autora

[...] *eu também, como sempre, não pejo pra desenhar, eu sou assim, gosto muito de pintar, mas desenhar eu não sou muito... a não ser que eu veja alguma coisa, então eu faço quase igual mas, pra mim, expressar no desenho é difícil, entendeu? Assim, na minha cabeça é muito difícil...* [Participante 9] [IV.3 – P.4 – L. 40-44]

Figura 33 – Mandala feita pela participante 09



Fonte: Arquivo da autora

Nestes trechos, verificamos a dificuldade de expressão criativa diante daquilo que já é previamente estabelecido pelo indivíduo. É mais fácil construir “florzinhas” ou

“panelinhas”, ou, mesmo desenhando, afirmar sua dificuldade em quebrar os esquemas de “figuras humanas” pré-estabelecidos.

Verificamos a ansiedade, o “pavor”, o “medo”, o esforço racional: “na minha cabeça é muito difícil” ou “eu não sei fazer nada”. São frases e palavras fortes que traduzem mecanismos de desvio da função criativa, como afirma Toro (1991): a mecanização, na qual “o indivíduo se move a partir de padrões impostos de fora e repete seqüências de movimentos sem sentido, alheios a sua vida” (TORO, 1991, p. 390), por exemplo, repetir o padrão de sempre construir flores ou panelas.

Toro fala ainda de outro mecanismo, a despersonalização:

[...] a expressão do criativo na versão do gênio da espécie, é um modo de relação entre a identidade e alteridade. A função criadora é aquela que perfila a existência individual. A repressão da criatividade, portanto, tem efeito de despersonalização do indivíduo, o que projeta na percepção despersonalizada do outros (TORO, 1991, p. 390).

Nesse momento, o gênio da espécie ou a singularidade, com toda sua carga peculiar, é reduzida e despersonalizada, ou seja, deixa de ser única para tornar-se normatizada e homogênea em criação. O indivíduo acaba por distanciar-se cada vez mais de sua potência criadora, negando sua própria identidade de criador e criatura.

Com isso, em geral, são produzidos sentimentos de impotência e insegurança:

*[...] já no desenho não marcou tanto **porque eu não sei desenhar muito, eu não sei criar muito**, então, eu tô aprendendo com as minhas crianças, eu sinceramente, eu tô pra ensinar, mas eu aprendo muito mais do que ensino, com os meninos, com a minha turminha. [Participante 1] [IV.1 – P.1 – L.37-41]*

Figura 34 – Aquarela feita pela participante 01



Fonte: Arquivo da autora

[...] o trabalho com a argila foi o mais forte mesmo pra mim porque... **eu fiquei até assustada** porque quando vocês disseram que ia trabalhar com argila, pra produzir alguma coisa, ai eu **“valha me Deus, o que é que eu vou fazer se eu não sei fazer nada?”** [Participante 3] [IV.1 – P.3 – L.25-29]

Figura 35 – Modelagem com argila feita pela participante 03



Fonte: Arquivo da autora

Segundo Toro (1991), a repressão da função criativa ocorre em vários níveis - educacionais, sociais e políticos - e tem sua principal origem na distorção e distanciamento do criador e de sua obra. É também o que May (1982) denomina de ansiedade pelo sujeito não conhecer e saber orientar a própria vida. “A ansiedade está condicionada à distância que existe entre a visão ideal que o artista tenta reproduzir e os resultados objetivos” (MAY, 1982, p. 85). Por isso, o desenho criado na citação acima não marca, pois está longe do ideal formulado, traduz a percepção de falta de criatividade “não sei criar muito” ou “não sei fazer nada”.

Tais relatos referiram-se aos momentos iniciais dos trabalhos, quando se gerava uma expectativa da vivência, uma antecipação daquilo que poderia ocorrer no processo criativo ou mesmo a desvalorização do processo após a própria criação, como: “eu desenhei, mas não sei desenhar”. Outros casos apresentaram uma forma de potencializar a identidade diante da dificuldade, a citar o caso da argila, no qual o participante se descobre criando novas formas apesar do susto inicial. É o fazer-se criador mesmo com o medo e a resistência, como veremos nas próximas unidades de sentido.

Verificamos que o processo criativo é espontâneo, fluido, intuitivo e requer a presença da identidade no aqui-e-agora como possibilidade de nos atualizarmos quando nos liberamos do apego às ideias ou referências pré-estabelecidas. É um encontro entre eu, grupo e arte.

Essa incapacidade de entregar-se ao instante vivido foi identificada pelos próprios participantes como fonte de resistência à criação. Vejamos,

[...] Muitas vezes eu tô, ainda divago muito, mas assim, eu fiz muito assim, um esforço muito grande em vários momentos desses dias, teve uma hora que até eu tive raiva de mim mesma: “meu, como é que eu não consigo?” Eu... mas “você está aqui, você está aqui”. Eu acho que em algum momento, não sei, mas pra mim esse é um esforço muito grande. [Participante 2] [IV.1 – P.2 – L.3-8]

[...] tudo que eu fui vivendo esses dias, de todas as vivências eu acho que pra mim tem momentos que eu acho que eu não me entrego. Eu às vezes falo com a Viviane, com o Marcos que eu partilho com elas, com as brincadeiras dela, que eu sou muito besta pra rir né, e às vezes eu começo a rir.... [Participante 12] [IV.1 – P.26 – L. 43; IV.1 – P.27 – L. 2]

Aqui, temos a dispersão da identidade do momento presente e o riso que distancia do momento e da conexão com o outro. Consideramos que não há como forçar o indivíduo para criar, a arte-identidade propõe criar as condições necessárias para que isto aconteça, mas somente cada um é capaz de abrir a porta para expressão de sua criação. As condições para que ocorra o processo criativo, segundo Toro (1991), são: o relaxamento das defesas psicológicas, o abandono da rigidez, estabelecimento da fluidez corporal-existencial, capacidade de flutuar dentro da própria gravitação emocional, sensibilidade e receptividade.

Cada momento, no entanto, de acordo com essas características está imbuído de níveis diferentes de intensidade. A criatividade perdura a níveis de intensidade não controlados diretamente pela vontade, mas indiretamente, quando envolvemos nossa dedicação ao instante do encontro.

Não podemos querer a criatividade. Mas podemos usar a vontade para conseguir o encontro, intensificando a dedicação e o compromisso. A ativação dos aspectos mais profundos da percepção relaciona-se diretamente com o grau de compromisso da pessoa com o encontro (MAY, 1982, p. 44.).

De forma geral, também percebemos outro mecanismo consequente da repressão da criatividade, a dissociação afetivo-prática, em que o “o indivíduo está impedido de realizar o que sente. Assim como, padece de paralisia, no sentido literal da palavra” (TORO, 1991, p. 389). É impedido de realizar o encontro e de expressar-se.

[...] Tem umas coisas que eu já acho mais estranho né, umas coisas... mas... eu gosto da... em si, a parte que eu mais gosto é a parte da dança, da dança mesmo [...] menos aquela mais sensual...é, eu num... essas coisas assim eu sou meia... [risos] Eu fico meia... [...] Eu fico encabulada. [Participante 9] [IV.1 – P.17 – L. 17-29]

Figura 36 – Dança de elasticidade integrativa



Fonte: Arquivo da autora

Nesse caso, vemos a dança como a forma de expressão com a qual a participante mais se identifica, menos com sua forma sensual, pois se sente envergonhada. Muitas vezes, o indivíduo está tão anestesiado, que realmente se paralisa e parece não saber o que está fazendo ou acontecendo.

A minha... a minha mandala lhe juro, eu fiz mas não sabia o que eu tava fazendo não. É... eu nem ia fazer, eu queria até me lembrar o que era mandala que a gente fez lá na casa de praia, eu disse assim, eu sei que é um papel mas eu não me recordo do que é uma mandala não. Aí eu comecei só pra ver o que ia dar as cores, aí eu botei o preto, aí eu, só comigo, “Ave Maria Viviane, só quer que a tua vida escureça”, parece que eu puxo a infelicidade pra mim, sei lá. [Participante 6] [I.V.2 – P.6 – L. 32-38]

Figura 37 – Mandala feita pela participante 06



Fonte: Arquivo da autora

A dissociação de nossas ações e nossas emoções, do que pensamos e o que sentimos, do homem e sua obra é fruto de uma representação que separa as pessoas comuns dos artistas e criadores. Em seu conjunto, esses efeitos apagam outros impulsos inatos, diminui a qualidade de vida, o seu sentido epifânico, a sua exaltação, a glória de viver.

A criatividade na arte, na poesia, na música e nas outras áreas de pensamento existe para nos dar prazer, ampliar e aprofundar o sentido da vida, e não para fazer fortuna ou ser reconhecido socialmente.

Desde que estamos separados de nossa própria obra, cada um de nossos movimentos está dissociado de nossa emoção. Os sistemas de alienação exercidos através do trabalho institucionalizado, consolidam de uma maneira obscena a dissociação entre o que sentimos e o que fazemos. Nossa civilização, de forma não declarada, reprime a função natural da criatividade (TORO, 1991, p. 389)

O homem comum e seu cotidiano não podem separar-se do ser artista, faz parte de sua sobrevivência e da realização da sua abundância. O artista tem a coragem de expressar sua potencialidade e se opor a isto torna a existência mecânica, vazia, estéril e insensível.

A criatividade está no trabalho do cientista, como no do artista; do pensador e do esteta; sem esquecer os capitães da tecnologia moderna, e o relacionamento normal entre mãe e filho. [...] é basicamente o processo de fazer, de dar a vida (MAY, 1982, p. 39).

4.2 Processos de criação

Mas o que há no homem que o movimenta a ir além de suas resistências e medos? Além de sua ilusória incapacidade de criar? Implica a coragem de criar, a ligação com a criatividade original e a participação intensa da intuição e transcendência. Continuamos refletindo os sentidos que emergiram do grupo, agora prosseguindo nos sentidos relativos ao ato de criar. Nesta segunda unidade de sentido, “processos de criação”, referimo-nos às explicações dadas pelos participantes sobre o próprio processo de criação, o ato de criar para cada um ou fatos que destacam como importantes no momento da criação.

Os processos de criação se encontram profundamente ligados à intuição, de um mundo muitas vezes secreto e íntimo, no qual a identidade se encontra integrada. Implica um impulso de coragem para criar que nem sempre pode ser racionalizável. A intuição, como base dos processos de criação, deixa a marca da capacidade transcendente do ser humano, de

integre a experiência total do indivíduo (racional e sensível), por possuir sua base intuitiva, os sentidos surgem na medida em que são expressos, construídos no ato de criar.

Os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição. Embora integrem, como será visto adiante, toda experiência possível ao indivíduo, também a racional, trata-se de processos essencialmente intuitivos. As diversas opções e decisões surgem no trabalho e que determinam a configuração em vias de ser criada, não se reduzem a operações dirigidas pelo conhecimento consciente. Intuitivos, esses processos se tornam conscientes na medida em que são expressos, isto é, na medida em que lhe damos forma (OSTROWER, 2007, p. 10).

Como a autora afirma, há uma dificuldade de explicação nas formas de investigações racionais, mostrando-se inabordáveis, pois tal processo surge de modo espontâneo, o que torna impossível explicar o como e o porquê do caminho realizado.

Caso houvesse explicação, ela seria mutável de acordo com cada momento, já que a cada instante em que se entrega a identidade muda, se transforma, torna-se diferente. Como aponta a participante 11:

*E, também... a minha caminhada na biodança já faz alguns aninhos [risos] Acho que já tem uns quinze anos de biodança. E assim, acho que cada vez que você vive biodança, acho que é essa coisa, **quando você tá... é... entregue ao momento, é sempre diferente porque nada é igual né.** [Participante 11] [IV.1 – P.22 – L. 16-20]*

O engajamento do indivíduo, as transformações e mudanças que lhe são possíveis no trabalho com arte caracterizam os processos de criação. A identidade é central no processo. “O que queremos mostrar é que a criação deriva de uma atitude básica da pessoa. [...] A maior importância, por isso, deve ser dada à qualidade do engajamento interior do indivíduo e à sua capacidade renovadora” (OSTROWER, 2007, p. 74).

Neste outro relato, observamos esse engajamento e fica ainda mais claro o paradoxo da inspiração.

*[...] eu já tinha passado por isso algumas vezes, acho que uma ou duas vezes, a argila e normalmente o que eu consigo fazer é casinha e pessoas, não é. E... e aí, quando eu comecei aqui, eu fiquei só mexendo, mexendo, mexendo, mexendo e **não vinha a questão de casinha e pessoas, eu comecei até a fazer pessoas mas não...** [Participante 02] [IV.1 – P.2 – L.10-14]*

Figura 39 – Modelagem com argila feita pelo participante 02



Fonte: Arquivo da autora

Aqui, verificamos que a ideia de fazer pessoas e casinhas foi se modificando a partir do engajamento e encontro do participante com a matéria argila. Isso implica na inspiração como um aspecto receptivo e ativo, ela atua fortemente a partir do ser, para além dos mecanismos de mecanização, despersonalização ou dissociação. Como nos adverte May (1982, p. 82), “a receptividade do artista não deve ser confundida com passividade. Consiste em manter-se alerta e aberto à mensagem do ser. Exige uma agilidade, uma sensibilidade aguçada para permitir que o eu seja o veículo de inspiração”.

Da mesma forma, outro participante:

*[...] e justamente o que ele tava falando também que a gente é... **desenhou o que a gente tava vivendo naquele momento né.** Como por exemplo, eu tava compartilhando que eu tava fazendo um sol, um sol, um sol... de repente, depois, eu passei pra árvore, aqui na **minha árvore eu queria fazer verde, de repente a árvore ficou seca e eu me desesperei “não”...** que me dominou e eu não... [Participante 10] [IV.2 – P.1 – L. 23-29]*

A árvore seca lhe domina, a obra então ganha vida. Nesta, seus sentimentos são traduzidos por mais que tente ir contra seu momento de vida e fazer uma árvore verde. Se há inspiração e o engajamento do criador não há como separá-lo de sua obra. A vida, o criador e a obra são inseparáveis.

*[...] aí na hora que eu peguei na argila me veio na mente assim: **“Senhor, guia minhas mãos para fazer alguma coisa que esteja relacionado com o que estou vivendo”** [Participante 1] [IV.1 – P.1 – L.17-20]*

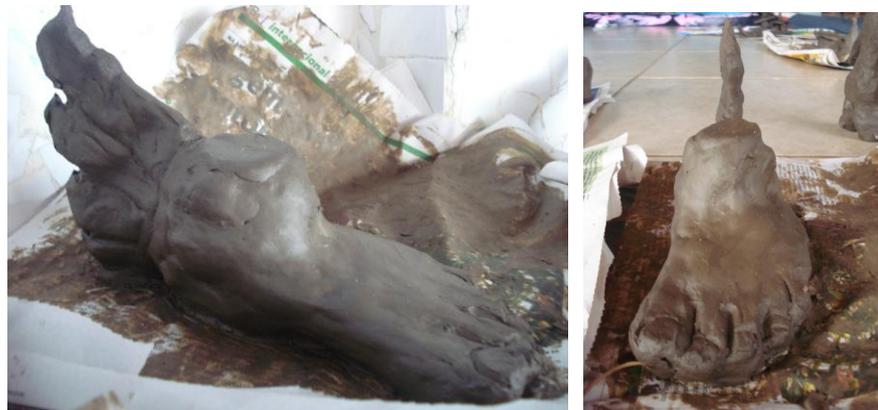
Figuras 40 e 41 – Modelagem com argila feita pelo participante 01



Fonte: Arquivo da autora

Falar de mim... é... as pessoas aqui falaram um pouco de oração né, de pedir a Deus, de Deus e eu sinto que esse movimento da argila, pra mim, foi uma oração. [Participante 13] [IV.1 – P.27 – L. 17-19]

Figura 42 e 43 – Modelagem com argila feita pelo participante 03



Fonte: Arquivo da autora

Não é estranho que os participantes associem o ato de criar com a capacidade de transcender ou de interferência divina. O ato de criar remonta à sacralidade da vida, cheia de mistérios, caos e ordem, em que o ser é veículo de inspiração. A identidade é revelada de forma genuína e espontânea, revelamos a nós mesmos e ao nosso potencial criativo.

A nova realidade tem uma espécie de realidade imutável, eterna. A sensação de ‘esta é a realidade, como não a vi antes’ tem para o artista um aspecto religioso. Por isso, muitos sentem que há algo de sagrado na sua arte, algo no ato criativo que se assemelha a uma revelação mística (MAY, 1982, p. 68).

Para alguns participantes, tal situação é tão transcendente que gera uma dificuldade de traduzir a experiência ou seu sentido em palavras e pensamentos.

*[...] quando foi o dia dessa mandala, eu não falei sobre ela porque eu sabia o que ela representava pra mim, **mas eu não saberia expressar isso em palavras...*** [Participante 16] [IV.3 – P.3 – L. 36-38]

*Bom, realmente eu parei pra pensar nas mandalas agora porque realmente quando eu faço qualquer trabalho de arte-terapia ou arte-identidade, **eu não penso em nada.*** [Participante 04] [IV.3 – P.6 – L.7-9]

*[...] eu já venho fazendo um caminho de terapeuta a muito tempo. Como a arte, ela diz mais do que uma hora de... de... conversa, eu conheço a história de alguns aqui, os desenhos é...traz tudo... traz inclusive os caminhos que cada um vai perceber, o que vai ajudar a cada um crescer mas assim, **eu nunca tinha dado atenção de como a arte fala mais do que as palavras, do que uma intimidade verbal. Fantástico.*** [Participante 4] [IV.1 – P.21 – L. 17-24]

Figura 44 – Mandala feita pelo participante 16



Fonte: Arquivo da autora

A linguagem da arte que revela a identidade em seus aspectos mais singulares, contendo seu fator místico e transcendente, torna difícil sua tradução conceitual. Sabemos, entretanto, de sua possibilidade, pois a fala ordena fatos, sentimentos, ações, assim como o comportamento, assim como a música, a dança, a arquitetura. De ordens diferentes, mas todas são formas de expressão humana, sendo este processo apenas não verbal e intuitivo.

Embora não sejam visíveis nem racionalizáveis os níveis intuitivos, bem sabemos de sua ação integradora. Em situações difíceis de nossa vida pode dar-se em nós esse tipo de reestruturação de dados, produzindo nova medida de ordem e permitindo-nos novamente compreender e controlar a situação (OSTROWER, 2007, p. 68).

4.3 Polaridade existencial – Libertação/Renascimento x Prisão/Bloqueios

Nesta unidade, visualizamos os sentidos construídos que retratam as sensações e sentimentos de renascimento, libertação, voar e soltar-se, ao mesmo tempo em que surge no polo oposto o aprisionamento existencial, obstáculos e bloqueios dos próprios participantes ou externos que os impedem de sentirem-se livres.

Como dito na análise anterior, verificamos que o processo criativo possui base na intuição, visto que brota de um mundo sensível e profundo da identidade para compor suas reflexões.

Quando se trabalha com arte está se favorecendo à identidade. A arte não é uma entidade. Serve como canal de apropriação de uma dimensão da realidade que não é muito conhecida e desenvolvida. A arte consegue penetrar de forma imediata no mundo sensível intuitivo, integrando-o ao reflexivo (GÓIS, 2005, p. 55).

Estes relatos que seguem nos levaram a refletir sobre questões importantes quando adentramos nos sentidos que emergiram em nosso trabalho com arte. Referindo-se às produções, eles falam de si mesmas e não de obras externas a elas. Ao mesmo tempo, no entanto, tais obras parecem ter uma existência própria ou ter o caráter místico de revelação na medida em que atribuem sentidos a elas. Na realidade, o fazem a elas e a si mesmos. O que nos intriga nesta unidade é um aspecto peculiar de sentidos que envolve uma tensão entre um processo de libertação existencial e aquilo que lhe impede desenvolver.

*Comentei aqui a dificuldade que eu tive pra começar a fazer essas mandalas né. E essa daqui eu não consegui me soltar, eu sinto que eu fiquei presa aqui, bem aqui no meio. **Eu queria vida aqui, até dei um nome pra ela, de vida... só que eu me senti presa, muito presa.** [Participante 07] [IV.2 – P.3 – L. 5-9]*

Figura 45 – 1ª Mandala feita pelo participante 07



Fonte: Arquivo da autora

Quando eu passei pra essa daqui também, eu queria me soltar, eu tentei, tentei, mas no final eu senti que eu ainda tava presa aqui... tinha uma coisa que me prendia muito aqui ao meio. Pra cá, mas senti que tava meio preso aqui... até comentei sobre essa listra preta que eu botei aqui no meio. E como eu já falei também, eu não conseguia me concentrar só aqui em mim, eu sempre... até esse dia aqui, eu tava ainda muito com meu filho na cabeça, até eu comentei também. Então eu não consegui me soltar como eu gostaria de ter me soltado mesmo... [Participante 07] [IV.2 – P.3 – L. 9-16]

Figura 46 – 2ª Mandala feita pelo participante 07



Fonte: Arquivo da autora

[...] aí foi quando eu cheguei quarta-feira aqui, eu me entreguei nessa daqui, fiquei ali no canto, me meti a fazer e eu sinto que eu me soltei totalmente nessa daqui... o que tava preso aqui ao centro, aqui ao meio, eu soltei tudo aqui, aqui... eu ainda tentei, soltei o que deu pra mim soltar, clareou tudo aqui na minha mente e eu quero me soltar, eu quero soltar, eu quero [...] Bem, não sei se é o mesmo significado né, mas é assim que eu me sinto. Essa mandala aqui eu to totalmente livre, to livre... livre mesmo, me emocionei, quase não conseguia falar no início, que eu tava emocionada, eu senti vontade de chorar, só que eu fiquei um pouquinho...ai depois eu consegui falar [...] também comentei pra ela que meu problema não é mais uma coisa que me prende né, quando eu começo a pensar nele, que eu sei que ele vai... como ontem, que ele quis.. e eu "não, eu não vou, não quero, quero ser livre"... e quero me sentir daqui pra frente livre, toda, desprendida desse meio aqui. [Participante 07] [IV.2 – P.3 – L. 16-37]

Figura 47 – 3ª Mandala feita pelo participante 07



Fonte: Arquivo da autora

Encontramos nas mandalas o relato de uma mãe que vive na tensão entre viver aprisionada ao pensar no filho usuário de drogas ou libertar-se. Nas duas primeiras mandalas, retrata o seu conflito, “me senti muito presa”, enquanto a sua sensação na última mandala é de que “eu quero” estar livre e desprendida.

Para May (1982), a coragem de criar é o alicerce do ser e está intimamente ligada aos processos afetivos e integrais do mesmo. É esse agir com o coração que movimenta o homem sensível no seu dia a dia, nas transformações e inovações que a vida lhe exige.

A coragem não é uma virtude nem um valor entre os valores do indivíduo, como o amor ou a fidelidade. É o alicerce que suporta e torna reais todas as outras virtudes e valores. Sem ela, o amor empalidece e se transforma em dependência. Sem a coragem, a fidelidade é mero conformismo. A palavra coragem tem a mesma raiz que a palavra francesa *coeur*, que significa coração (MAY, 1982, p. 11).

Acredito que nossa artista, quando teve abertura para criar as mandalas, abriu-se para criar a si mesma como possibilidade de libertação de algo que lhe impedia de sentir uma identidade inteira e fortalecida. Assim, afirma sua coragem, aquilo que pede seu coração: “eu quero me sentir daqui pra frente livre”.

Outra participante relata sua liberdade. Em contrapartida, começa a expor a situação de aprisionamento dentro de sua própria casa.

*[...] então comecei a fazer esta roda, mas depois senti a vontade de expressar a liberdade... aí comecei a fazer esses círculos aí, ultrapassando essa roda aí pra... questão de ver, de **expressar a liberdade**, mas hoje eu tava olhando aqui, comentando até com ela aqui, que eu to vendo um olho, um olho aí, não sei se eu quero que alguém me veja, se eu quero ver alguém, aí não sei... [Participante 09] [IV.3 – P.4 – L. 32-38]*

Figura 48 – 1ª Mandala feita pelo participante 09

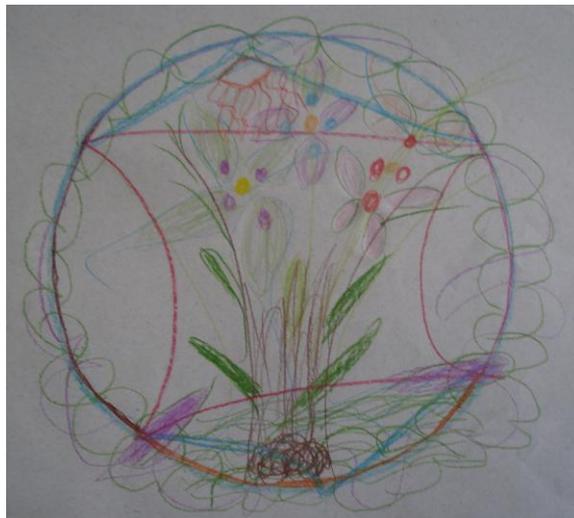


Fonte: Arquivo da autora

*Nesta segunda aqui, [...] aí eu... mas eu gosto muito de planta, então eu fui tentar fazer uma planta, mas não gostei muito da planta... aí comecei a riscar aí né, só pra preencher mesmo, mas... aí, pensei numa florzinha aí também, que eu gosto muito de flores, gosto muito da natureza... mas aí, **naquele dia vocês me ajudaram a ver uma casa e hoje realmente eu vejo uma casa aqui, com esta planta presa aí dentro desta casa, e eu realmente, comentando com ela aqui, disse que eu realmente me sinto muito presa em casa... e... presa em vários sentidos, presa é... porque eu não tenho liberdade lá em casa, em ter um espaço meu né, então é tudo junto lá em casa sabe... tava falando pra ela, lá em casa não é tão pequeno não, mas tem quatro quartos mas dorme três num quarto só, eu e minhas duas irmãs... então, tem quartos vazios mas ninguém sabe... tem uns motivo que a gente não conseguiu ainda... então eu não tenho liberdade de chegar, chegar no meu quarto, é dividido... e aí, realmente, eu me sinto presa.** [Participante 09] [IV.3–P.4–L.40; IV.3–P.5–L.9]*

*Então continua essa prisão, presa sabe, nós três nesse quarto, do mesmo jeito e **eu venho sentindo necessidade de me libertar disso e ainda não consegui.*** [Participante 09] [IV.3 – P.5 – L. 30-32]

Figura 49 – 2ª Mandala feita pelo participante 09



Fonte: Arquivo da autora

Aqui, há a necessidade de libertar-se da condição de compartilhar o quarto com as irmãs. Para May (1982), a coragem criativa é proporcional ao grau de mudanças, ou seja, à medida que a coragem e a identidade se fortalecem, há uma tendência para que ocorram mudanças nos diversos âmbitos da vida do ser. É um processo gradual, que respeita os processos de autorregulação, o tempo de cada indivíduo e que ocorre em cada ato e gesto cotidiano. Quando criamos com a arte, parece-nos que a necessidade de transformar a própria vida vai ganhando mais clareza, consciência e se fortalecendo no momento de expressão do artista.

A coragem de criar, originada no centro do nosso ser sensível, provoca-nos a refletir sobre o lugar de apatia e covardia que normalmente somos colocados e nos colocamos

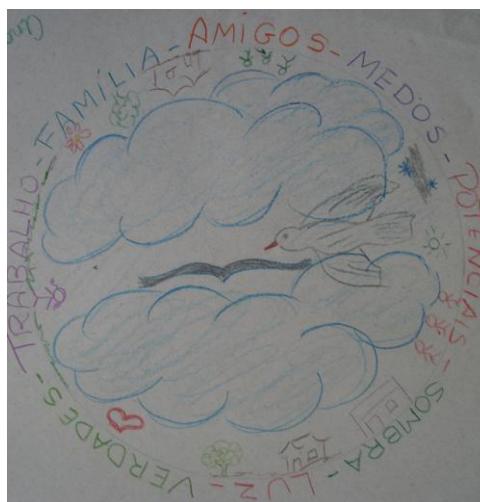
nas situações diárias, para nos convidar a ocupar o nosso lugar no mundo, de homens e mulheres criativos e com poder de se afirmar. Os sentidos, nesta unidade, demonstram mais consciência sobre o que realmente precisa ser modificado na vida de cada um dos participantes.

A principal característica dessa coragem é originar-se no centro, no interior do nosso eu, pois do contrário nos sentiremos vazios. O ‘vazio’ interior corresponde à apatia exterior; com o correr do tempo, a apatia se transforma em covardia. Portanto, o compromisso em que nos engajamos só é autêntico quando originado no centro do nosso ser. (MAY, 1982, p. 10).

Nesta outra narração, temos a águia como representação da sua necessidade de alçar voo, mesmo quando está cercada por fatores que lhe bloqueiam. Logo após, sua sensação de borboleta presa ao casulo.

*[...] eu fiz essa mandala, eu desenhei aqui uma águia, mas aí depois fiz “eu acho que ninguém vai entender que isso aqui é uma águia”, que **eu quero passar pra eles que é uma águia**. Foi porque quando eu, geralmente eu levanto, eu sou a primeira que levanto, aí vou ajeitar as fardas, café, leite, vou fazendo as coisas e vou acordando, saio no quarto de todo mundo e vou acordando... e aí quando eu puxei assim o meu armário, lá o meu guarda-roupa, tinha... a primeira coisa que eu vi, que os meus olhos bateram, foi aquele livro do Leonardo Boff “a águia e a galinha”? Pronto, e aí quando eu vim fazer isso aqui... e aí, aquele livro está na minha casa e eu juro pra vocês, eu ainda não li... eu sentia nesse dia aqui e sinto né, que **eu quero alçar vôo mesmo, eu preciso, preciso mesmo...** mas aí eu coloquei esses nomes: amigos, trabalho, família, aqui assim como se eles tivessem realmente fechando, eu ainda não consigo, não consigo, é muito complicado. [Participante 15] [IV.2 – P.4 – L. 2-17]*

Figura 50 – 1ª Mandala feita pelo participante 15



Fonte: Arquivo da autora

*[...] na verdade é essa aqui mostra mais como eu estou ainda, como eu estou me sentindo agora, que **eu ainda to enganchadinha nesse casulo, não consigo me desprender...** [Participante 15] [IV.2 – P.4 – L. 17-23]*

Figura 51 – 2ª Mandala feita pelo participante 15



Fonte: Arquivo da autora

Há algo que anseia por libertar-se, seu casulo está em vias de transformação. No entanto, vemos aqui um paradoxo da identidade, pois para reconhecer-se potência é preciso entrar em contato com aquilo que a limita. Como o quente e o frio, o claro e o escuro, um somente existe porque é complementado pelo seu oposto. E, embora a vontade de libertação, existe a noção de que, enganchada no casulo, é o modo e a situação que se configura nesse momento.

Temos outros relatos em que os bloqueios estão presentes na própria pessoa, em sua postura, sem necessariamente retratar uma situação externa. O que lhe impede de “ir além” são suas próprias atitudes.

*Eu vejo o universo né, essa necessidade, assim como a Alana tava falando, eu também sinto essa necessidade de ir além... de... expandir né, porque **eu sou uma pessoa muito centrada, muito pé no chão, que planeja muito, quer tudo certinho, tudo direitinho, tudo muito bem pensado né.** E aqui eu vi essa necessidade mesmo de me soltar [Participante 03] [IV.2 – P.9 – L.27-33]*

Figura 52 – 1ª Mandala feita pelo participante 03



Fonte: Arquivo da autora

*[...] o segundo já é essa coisa de voltar de novo pro chão, pés no chão... que aí eu vejo a terra né, como o planeta Terra mesmo, mas eu vejo isso em mim, essa questão de.. é, **ta muito no chão e tem necessidade de voar, de ir além...***
[Participante 03] [IV.2 – P.9 – L.34-37]

Figura 53 – 2ª Mandala feita pelo participante 03



Fonte: Arquivo da autora

A participante utiliza algumas expressões como: expandir, ir além, soltar, voar; em oposição ao que se denomina: centrada, pé no chão, planeja muito, quer tudo certo, direito e bem pensado. No trabalho com arte, todas as possibilidades estão abertas e o que realmente nos interessa é que sua expressão aconteça em toda sua plenitude, inteireza, oposições e contradições. É uma forma de auto-organização, em que os sentidos gerados refletem todo esse processo interno, no qual o ser busca dar vazão ao seu potencial. “Na arte interessa-me que a pessoa possa superar-se em cada gesto, superar seus medos, vencer suas angústias, dominar suas ansiedades e aflorar o seu potencial de vida” (GÓIS, 2005, p. 54). Da mesma forma, temos outro participante:

*Então, eu acho que ficou tão firme, tão terra que vocês poderiam ter dito dez vezes que era pra usar o papel todo ou como quisesse, que tava formatada a idéia... porque isso também **tem haver com a minha identidade mesmo né, de virginiano, de elemento terra, de caminhada mesmo, das comunidades eclesiais de base, essa coisa do muito correto** [Participante 04] [IV.3 – P.6 – L.16-21]*

Figura 54 – 1ª Mandala feita pelo participante 04



Fonte: Arquivo da autora

[...] todas elas não têm saída, nem transcende os limites, porém todas traduzem muito do que eu vivo, essa, essa questão do espiral é muito forte. Na primeira e na última aparece o espiral nessa forma circular, o outro nessa forma do espiral evolutivo né... [Participante 04] [IV.3 – P.6 – L.23-26]

Figura 55 – 2ª Mandala feita pelo participante 04



Fonte: Arquivo da autora

[...] fica em mim, olhando pra essas mandalas... a gratidão por esses espirais na minha vida, a certeza de que... uma hora ou outra eles transcendem e de que eu preciso colaborar pra que eles possam transcender isso tudo [Participante 04] [IV.3 – P.7 – L. 35-40]

Figura 56 – 3ª Mandala feita pelo participante 04



Fonte: Arquivo da autora

Novamente, as mandalas que qualifica como limitadas por não ultrapassarem os limites do papel são, analogamente, o que atribui para si mesmo como “muito correto” e, por isso, não o transcende. O que percebemos, também, é a gratidão pelas obras que confirmam a certeza de que seu potencial está se realizando e que é “preciso colaborar pra que eles possam transcender isso tudo”.

Acredito que seja a sensação do ‘este é o modo que as coisas devem ser’. Por um momento participamos da criação. A ordem nasce da desordem, a forma do caos, como na criação do universo. A sensação de alegria vem da participação, embora pequena, nesse ato criativo. O paradoxo é que, nesse momento, experimentamos também com maior intensidade a noção das nossas limitações. Descobrimos o *amor fati* de que fala Nietzsche – o amor da própria sorte. Não é de admirar que nos traga a sensação de êxtase (MAY, 1982, p. 126)

Neste outro relato, já se retrata do contrário, a necessidade é de concretizar, limitar e sustentar sem perder a capacidade de transcender, de não “perder essa asa, de forma nenhuma”.

*É... eu tava mexendo na argila, partia, via uma imagem, teve uma hora que eu vi duas meninas, teve uma hora que eu via... é... uma pessoa orando, teve uma que, enfim... e até que teve uma hora que eu separei de novo e vi um pé. E esse movimento, esse momento da terra, do chão, pra mim foi muito forte eu to com as minhas pernas doídas até agora, porque eu to... eu acho que nesse momento pra mim é mais claro, mas há muito tempo eu to nesse momento de **tentar concretizar, de encontrar suporte, sustentação**, porque eu sempre tive arte. [Participante 13] [IV.1 – P.27 – L. 19-27]*

*E nesse momento, eu tô fazendo minha dissertação, é um desafio pra mim porque a minha orientadora fala uma outra língua. [...] é uma pessoa muito razão, então às vezes eu falo “e o que é que tu tá falando?” Pra mim a grande idéia é assim, dá-se tanto valor à razão, e os afetos? As outras formas de expressão? As diferenças? Então pra mim é essa coisa de trazer esse poder da sensibilidade, e eu to nesse movimento, **é um esforço pra mim muito grande colocar, sustentar, segurar**. [Participante 13] [IV.1 – P.27 – L. 43-47]*

*No final eu disse “**não, mas eu não posso perder essa asa, de forma nenhuma**”. E, pra mim foi um pedido, uma oração. [Participante 13] [IV.1 – P.28 – L. 3-5]*

Figura 57 e 58 – Modelagem com argila feita pela participante 13



Fonte: Arquivo da autora

Percebemos a identidade em suas múltiplas possibilidades, integrando os seus polos que estão desequilibrados, respeitando e, ao mesmo tempo, expandindo os limites.

A vida presentificada como identidade é algo em construção, que se faz permanentemente como singularidade, portanto, ela é única e, ao mesmo tempo, variável, invariável, contínua, descontínua, próxima ao equilíbrio e afastada do equilíbrio (GÓIS, 2005, p. 49).

Neste tema, aprofundando e questionando ainda mais, temos duas participantes que refletem sobre a liberdade de decisão e o livre-arbítrio. A identidade em construção toma decisões, erra, acerta, investe, desiste, no entanto, constitui-se unidade. A identidade cria a cada instante, moldando o barro e moldando a si mesma. “Criar é ir fundo dentro de si mesmo, aceitar-se como criatura e movimentar-se como criador” (GÓIS, 2005, p. 55).

*Acho que a ordem é essa aqui mesmo... e aí assim, eu acho que tem, pra mim eu vi o sentido, talvez até lógico ou não... mas assim eu vi um sentido. Coisas que se repetem, como a questão da terra, da base e do céu, é como se eu tivesse mesmo nesse... **tentando encontrar um espaço nesse universo que é tão grande...** [Participante 02] [IV.2 – P.5 – L.30-34]*

Figura 59– 1ª mandala feita pela participante 02



Fonte: Arquivo da autora

*[...] me chamou bastante atenção foi mesmo essa história de que essas duas mandalas pra mim **tem muito elemento abstrato**, é muita abstração. [Participante 02] [IV.2 – P.5 – L.36-38]*

Figura 60 – 2ª mandala feita pela participante 02



Fonte: Arquivo da autora

[...] de repente a borboleta tá aqui, achando, procurando o centro, e aí esses negócios enrolados que eu sempre faço, eu não sei porque... e aí vem pra cá... Aí a Viviane fez assim uma leitura fantástica, “olha, você tava aqui, mergulhou aqui, saiu aqui” [Risos] Aí o que me chamou atenção foi que, pra mim, ela não simboliza

essa vontade de voar, ela simboliza muito mais essa vontade de dizer “eu quero pousar”. [...] a nossa conversa isso foi muito forte pra mim, essa reflexão da liberdade. O que é essa liberdade? Que o outro vê essa borboleta só como a vontade de voar, mas, pra mim, ela não tá dizendo essa vontade de voar e é assim, de voar, mas também de decidir “eu quero agora voar, mas depois eu quero pousar”. E aí vem pra cá, exatamente onde eu to me sentindo hoje, e me sinto pousada mesmo né, e a borboleta tá ali de novo e nem era pra estar porque eu ia fazer, tava tentando fazer era outra coisa, uma flor e aí acabou que foi a borboleta, foi a última coisa que eu fiz naquele desenho. Então eu sinto assim, que tem um... um sentido. [Participante 02] [IV.2 – P.5 – L.39; IV.2 – P.6 – L.7]

[...] eu tava querendo assim investir muito num curso, em trabalho, achava assim, que... que ninguém lá em casa me entendia porque eu tinha que estudar, estudar, estudar pra tentar logo o mestrado e pra não sei o quê, não sei o quê... eu tava fugindo de algo que tava dentro de casa... [IV.2 – P.11 – L.16-20]

Figura 61 – 3ª mandala feita pela participante 02



Fonte: Arquivo da autora

Criador/criatura é aquele que tem a coragem e responsabilidade de assumir suas próprias escolhas de acordo com as possibilidades e os limites. No caminho dessas mandalas, do abstrato ao concreto, da borboleta voando ao seu pouso, vemos a capacidade de escolher e decidir como característica da identidade inteira e radiante que, ao invés de fugir, escolhe superar seus medos.

O artista é um indivíduo que tem necessidade e coragem de frutificar. A vida é superabundância de vida, é riqueza gratuita, luxo e luxúria. Essa plenitude nasce do conjunto orgânico das energias vitais dispersando-se com pleno sentido no mundo. Assim, a criatividade pode exercer-se em uma conversação, em uma dança espontânea, no ato sexual, na celebração do desjejum, tanto como nas formas mais altivas e majestosas da arte universal (TORO, 1991, p. 392).

Veremos agora como outra participante demonstra o sentido de sua mandala e a concepção de livre-arbítrio:

*[...] quando foi o dia dessa mandala, eu não falei sobre ela porque eu sabia o que ela representava pra mim, mas eu não saberia expressar isso em palavras... aí na semana seguinte eu tava lendo um artigo de um jornal que falava sobre o livre arbítrio... e sobre o significado que ele é, eu disse “é a minha mandala... a minha mandala”. Eu me lembrei logo da mandala e dizia mais ou menos assim que o livre arbítrio é Deus no homem, é o criador na criatura criadora, é Deus eminente no homem, é por assim se dizer **a abdicação de Deus em favor do homem... e é justamente o que eu vejo na minha mandala**, que é essa história da gente... **nós temos o poder de decidir, se a gente quer ficar, se quer seguir**, pra onde vai, mas... ao mesmo tempo que a gente tem esse poder, **a gente necessita das outras pessoas, a gente gosta de ter as outras pessoas**, como eu tava explicando pra ela, esses são os individuais, mas em cada pessoa tem um pouquinho da outra, um é laranja mas tem um pouquinho do verde que pertence a outra pessoa... uma é rosa mas tem um pouquinho do azul que pertence a outra pessoa e assim a gente vai construindo a nossa história, a nossa vida... mas sempre também em prol de um bem maior, de algo que a gente busca em Deus [Participante 16] [IV.3 – P.3 – L. 36; IV.3 – P.4 – L. 4]*

*[...] eu quero **o meu mundo interior, que é sem fronteiras, é... obedecendo os limites de cada pessoa**, os meus limites, os mesmos direitos, os deveres e... e unidos, em busca de algo melhor, que seja o amor, que seja a paz, que seja a esperança, que seja fé, que seja Deus... [Participante 16] [IV.3 – P.4 – L. 14-21]*

Figura 62 – 1ª mandala feita pela participante 16



Fonte: Arquivo da autora

Aqui, temos novamente a explícita fala de que “nós temos o poder de decidir”, seu mundo é sem fronteiras, ao mesmo tempo em que obedece aos limites por conta do ser humano conviver com outras pessoas. O outro faz parte de mim, me constitui e vice-versa. No final, acrescenta que todos estão em busca de “algo melhor”, seja amor, paz, esperança, fé ou Deus.

Acreditamos que a arte-identidade ativa processos profundos de organização do indivíduo, tanto psicologicamente como biologicamente. O livre-arbítrio, a criatividade e os processos de inspiração, a coragem de criar a própria existência, originam-se no que May (1982) denomina de “centro do nosso ser”. Acrescentamos, entretanto, que esse centro se conecta não apenas com a minha história de vida e processos atuais, mas com toda a história da Vida do universo. É a sensação dita nas falas acima de que há algo que impulsiona o ser a crescer, a aprender, se libertar.

Sinto profundamente a existência de uma essência humana libertária, de algo interior que impulsiona o ser à vida e a algum lugar do infinito, cuja origem não reside na consciência ou em qualquer forma de representação mental, mas sim, reside em nossa raiz animal e selvagem, natural, mundo bruto e indiviso. Aí encontramos a Vida como possibilidade singular, potencialidade muitas vezes bloqueada, reprimida, negada, porém sempre presente. Só desaparece com a destruição do ser (GÓIS, 2005, p. 49).

Nossas células e corpos carregam em si os mesmos componentes químicos que são os artefatos da vida no universo, a evolução da Vida gerada do êxtase da criação é ativada quando sentimos sua potência, ao nos mostrarmos criadores sendo criaturas. Vejamos mais um relato:

*Então só aproveita, se lambuza, aquele lambuzado nosso foi uma festa. Gente que coisa boa, Ave Maria, foi gostoso demais! Acho que foi o momento assim esplendoroso, tanto quanto andar na praia. **Libertação!** Eu tava andando, eu não tive medo, eu não tive... o que vinha. Eu acho que pela força da terra, que a gente conseguiu, que era as três que eu queria passar... e eu to sentindo isso! To sentindo, ta aqui... eu acreditar, com todas as incertezas. [Participante 08] [IV.1 – P.14 – L. 23-29]*

Figura 63 – Contato em grupo com argila



Fonte: Arquivo da autora

Considerar a criatividade como extensão das forças naturais significa colocar o homem na sua condição de ser sensível-intuitivo-biológico. Aqui, não descartamos o aspecto cultural, ao contrário, eles estão intimamente ligados a toda produção de sentidos provenientes do processo criativo. Temos, acima, a participante atribuindo que a conexão com a força da terra liberou a ausência de medo, sensação de prazer, esplendor, libertação e crença mesmo diante das incertezas. “A criatividade humana pode ser considerada como uma extensão dessas mesmas forças biocósmicas expressadas através de cada indivíduo” (TORO, 1991, p. 388).

*[...] nesses dias aqui, eu vivi três momentos bons, eu senti mesmo, que foi a caminhada, foi a dança de shiva ontem que eu... eu tenho a impressão que aconteceu alguma coisa comigo ontem. Alguma coisa eu senti diferente de mim, que eu tava na dança aqui, naquele momento que eu fiquei só, e **eu senti que algo mudou dentro de mim**, eu sentia como se fosse cair, mas uma força me trazia pra me levantar e eu... e eu... uma coisa me puxava e eu puxei pra ficar em pé... e de repente eu me vi em pé e vaila, cadê? Eu to tão firme aqui, fiquei firme, não via mais nada... **eu vi que algo aconteceu naquela hora, naquela dança, que eu me entreguei, comecei devagar mas eu me entreguei**. E depois foi no momento de, é... de fazer é... construir e depois desconstruir que eu senti muito forte... é... quando ela tava desfazendo, eu senti assim tudo que era ruim, que eu sentia de peso, de coisa assim, tava saindo, é... jogando fora mesmo. E quando ela reconstituiu, eu me senti... terminou, **eu senti que era uma nova pessoa... eu senti na hora sabe? “Não, não sou mais aquela”**. [Participante 01] [IV.1 – P.32 – L.34-49]*

Dos opostos de libertação e prisão, aqui entramos em contato com as transformações internas do ser provocadas por essa “força” relatada pela participante. Os sentidos de nascer de novo, renascimento, sentir-se uma nova pessoa foram relatados mesmo não sabendo exatamente o que foi modificado. Para alguns autores, esse momento em que participamos da criação nos conecta com os processos autopoieticos universais, traduzindo-se como singularidade que dá à luz a si mesma, renasce.

Poderíamos dizer que o ato criador por excelência é parir a si mesmo. Originariamente é uma alusão à poyesis, parteira, trabalho de dar a luz. Dentro desta perspectiva, o criativo tem semelhança com a expressão mais profunda do gênio da espécie, a autopoiesis (TORO, 1991, p. 391).

Essa simbologia do parto, de parir a si mesma, surgiu na obra de uma das participantes do grupo e foi ganhando esse sentido ao longo das reflexões feitas por ela e pelo grupo. Primeiramente, temos este relato:

*[...] de repente comecei a montar, aí fui montando, fui montando e quando eu estava montando a bola do meio eu comecei a fazer né, como se fosse a barriga de uma mulher, aí veio **a minha filha quando tava grávida das gêmeas**, aí foi assim, aquela vontade de fazer, e criando, fui criando e por incrível que pareça. É pra mim levar ela é? Vou levar! [Participante 01][IV.1 – P.1 – L.21-26]*

Ao final do compartilhar do grupo, acrescentou mais algumas considerações que deram mais clareza ao sentido da obra.

*[...] e eu acho que, de dentro de mim, ela olhando aqui pra mim, eu acho que é a vida. Essa barriga aí, é uma, uma... uma pessoa gerando outra vida, eu acho que por isso que veio na minha cabeça... **e eu acho que é essa mudança que eu to querendo ter né, me sentindo assim, nascendo de novo**. Acho que foi isso, eu tava olhando agora, pensando nisso, tá mais claro. [IV.1 – P.34 – L.19-23]*

Figura 64 e 65 – Modelagem com argila feita pelo participante 01



Fonte: Arquivo da autora

Temos o retrato de voltar ao ventre para nascer de novo, simbologia que toca o sentido de transformações necessárias para que o ser continue sobrevivendo. Vemos um processo de criação, criação autopoietica.

Autopoiesis se refere a um sistema que seja ao mesmo tempo produto e produtor, que produza a si mesmo. Poiesis, em grego, significa produção; autopoiesis é aquilo que se produz para se manter o mesmo, é esse o centro dinâmico que constitui os seres vivos.

Os sistemas vivos são máquinas autopoieticas, transformam a matéria deles mesmos, de tal maneira que seu produto é sua própria organização. Consideramos também a afirmação inversa: se um sistema é autopoietico, é vivo. Em outras palavras sustentamos que a noção de autopoiesis é necessária e suficiente para caracterizar a organização dos sistemas vivos (MATURANA, 1998, p. 73).

Neste outro comentário, elaboram-se três mandalas que correspondem a seus momentos ou fases no grupo:

[...] eu pensei em desenhar uma flor de girassol mas eu fiz isso daqui, me dá uma sensação de nascimento né... uma flor nascendo. Esse segundo, é esse daqui, me dá uma impressão de um catavento, de alguma coisa que gira, então que faz um movimento né. E aqui eu lembro que eu me preocupei muito em centralizar, mas, na verdade, depois eu vi que tava mais pra lá... [Participante 12] [IV.2 – P.2 – L. 27-32]

Eu até falei pra Alana, que eu acho que tudo me parece com a biodança, aqui eu tava nascendo né, aqui o movimento de girar e aqui to um pouco [...] Buscando o centro... [Participante 12] [IV.2 – P.2 – L. 38-42]

Figura 66 – 1ª mandala feita pelo participante 12



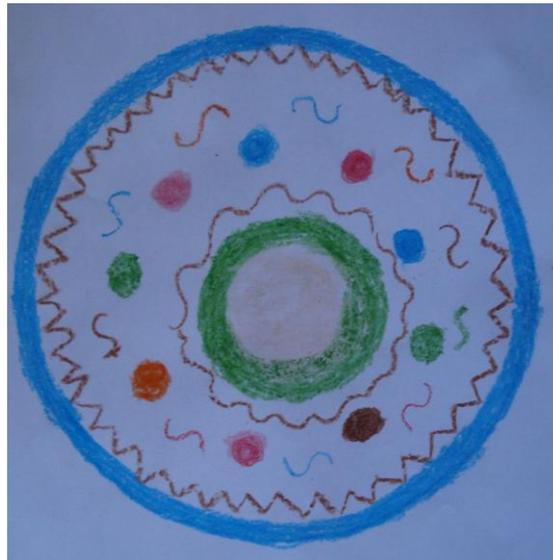
Fonte: Arquivo da autora

Figura 67 – 2ª mandala feita pelo participante 12



Fonte: Arquivo da autora

Figura 68 – 3ª mandala feita pelo participante 12



Fonte: Arquivo da autora

Nascimento, movimento e centro. Três fases que falam do processo pessoal no caminhar do grupo. Em nosso entendimento, nesse processo de autopoiesis temos o nascer (criação), movimento (interação) que procura centralizar (unidade), ou seja, não pode dissipar nem transformar-se totalmente sob pena de morrer. Há algo que permanece, uma síntese, uma unidade que se constitui nas relações em constante movimento.

Para Maturana (1998), um sistema autopoietico “é um sistema homeostático que tem sua própria organização como variável que mantém constante” (p. 69). Se a homeostase é a capacidade de o organismo manter o seu estado de equilíbrio, manter constante suas condições internas como a regulação química ou térmica, na autopoiesis o que deverá estar em equilíbrio e constante é sua própria transformação interna. Neste contexto, ela continuamente age especificando e produzindo sua própria organização através da produção dos próprios componentes que a constituem.

Há quatro características desse sistema: autonomia, individualidade, unidade e não possuir nem entrada e nem saída. Nessa perspectiva, ser autônomo significa realizar e subordinar todas as suas mudanças necessárias para manter a conservação da própria organização. Individualidade se dá por meio da manutenção invariante de sua organização conservar ativamente uma identidade que não depende de sua interação com o observador. Unidade, pois, possui uma totalidade maior que a soma de suas partes, com operações que estabelecem seus próprios limites no processo de autopoiesis. Por fim, sem entrada e saída,

significa que podem sofrer influências de fatores externos desequilibrantes e experimentar mudanças internas para compensá-los.

Em outras palavras, a identidade é singularidade, autopoiesis, metamorfose e unidade. Em outro caso, vemos essa metamorfose se constituindo como desejo de nascimento e expansão, enquanto a imagem do seu rosto lhe traz a sensação da unidade.

Eu tava falando também assim pra Roberta, “Roberta, eu acho que tenho ainda um desejo muito grande dentro de mim de um nascer, precisa ainda alguma coisa nascer dentro de mim pra eu poder rebentar”, como diz o povo assim “rebentar”. [Risos] Há alguma coisa aqui no centro que tá em expansão... vou fazer muita sessão de renascimento por aí, vou procurar... umas sessões de renascimento... [Participante 14] [IV.2 – P.1 – L. 38-44]

Figura 69 – 1ª mandala feita pelo participante 14



Fonte: Arquivo da autora

É a minha identidade... perder alguns medos, medos, preconceitos, algumas coisas... E... esse rosto aqui, quando eu fui fazer era uma árvore... aí saiu esse rosto, eu desenhei uma pessoa sorrindo, que... num desejo também de ser uma pessoa alegre. [Participante 14] [IV.2 – P.2 – L. 2-7]

Figura 70 – 2ª mandala feita pelo participante 14



Fonte: Arquivo da autora

[...] eu tenho muitas possibilidades, mas que eu tenho que assumir algumas coisas mesmo, criar coragem... [Participante 14] [IV.2 – P.2 – L. 14-15]

Sua identidade está repleta de medos, preconceitos, felicidade, alegria e possibilidades, inclusive criar coragem para superar os medos. Como sistemas vivos, cada indivíduo tem características que refletem sua estrutura peculiar, sempre aberta para as novas produções de si graças à interação com os outros e com o meio. Assim, inevitavelmente evoluímos no curso de nossas vidas. Como as pessoas compartilham entre si o que experimentam e o que sabem acerca de si mesmas e do mundo, nessas situações a poiesis se concretiza. Nossa identidade, em todo ato físico, emocional, mental ou espiritual, é totalidade que reproduz a si própria, mantendo uma fronteira peculiar com o mundo circundante e desenvolvendo-se junto com ele.

Compreendemos que o potencial criativo enraizado neste ser sensível traz a coragem, poder e potência de transformar tanto a si mesmo quanto aquilo que o circunda. Vejamos:

[...] eu tô num momento de transformação né, e foi o que eu quis representar um pouco na minha arte né. É... eu queria mostrar transformação e aí eu quis fazer essa mulher né. É... e aí eu quis fazer uma mulher forte porque eu sou forte [risos]... [Participante 11] [IV.1 – P.24 – L. 28-32]

Figura 71 – Modelagem com argila feita pelo participante 11



Fonte: Arquivo da autora

*[...] aí eu quis fazer essa mulher, e aí foi mais difícil que não saiu assim, o rosto né. Num... assim... porque eu acho que ela ainda tá nesse processo, **que eu ainda to me transformando** né, que eu to nessa busca que eu ainda sabe, não consigo ver muito bem essa cara né, porque é isso, ela sempre não vai ter uma cara, não vai ter uma coisa fixa. **A vida significa que toda hora você pode se transformar, né?** [Participante 11] [IV.1 – P.24 – L. 37-42]*

*E quando eu olhava pra ela eu vejo assim, ela tá cheia de marcas, cheia de cicatrizes, eu tava querendo... botava água pra ver se desmanchava, se ver ela ficava lisa, sem marcas... **mas tá cheia de marcas, mas tá bonita...** [Participante 11] [IV.1 – P.25 – L. 45-48]*

Mais uma vez, um momento de transformação de uma mulher sem rosto e cheias de marcas, ao mesmo tempo, nessa incerteza de mudança, afirma ser forte e bonita. Aqui, incorpora as múltiplas facetas da identidade, abrindo-se e assumindo as possibilidades do porvir, pois a “vida significa que toda hora você pode se transformar, né?”.

“A arte é um caminho essencial e indispensável da mente humana para a expressão do Si-Mesmo, caminho pelo qual podemos ser nós mesmos” (GÓIS, 2005, p. 55). Fica claro que a identidade não é apenas algo idêntico a si mesmo, mas que, para manter-se idêntica e única, é necessário que mude, modifique conceitos, valores, atitudes, ações e emoções. A arte, nesse caminhar, é uma forma de expressão de si que revela toda a profundidade, grandeza e sacralidade da vida no ser humano, possibilitando que possamos ter a consciência do que é necessário transformar, manter e cuidar em nossas vidas.

Quando falamos da integralidade dos aspectos biológicos, psicológicos e culturais, significa dizer da identidade que não pode ser fragmentada, mas deve ser entendida no seu aspecto global e íntegro. Da mesma forma, quando falamos de arte-identidade entendemos que abrange aspectos psicoterapêuticos e pedagógicos. Ao criarmos, há algo que aprendemos, ao mesmo tempo em que expressamos, reafirmando a nossa singularidade na relação com o mundo, com os outros e conosco.

De acordo com Góis (2005), essa nossa capacidade de criar é antiga e marca o surgimento da humanidade, pois com as pinturas rupestres e “[...] a partir da vida nas cavernas, o ser humano traz consigo um potencial de vida capaz de projetá-lo em múltiplas possibilidades de realização e singularidade” (p. 48).

Para finalizarmos essa unidade, o participante a seguir, em várias de suas obras, traz elementos que nos permitem visualizar a complexidade e multiplicidade da identidade.

*Assim... eu tô vivendo muitas coisas, como sempre, é uma característica minha. Não sei se tem um vazio dentro de mim e, ao mesmo tempo, tem é muita vontade de viver. Eu ainda to me perguntando, porque eu estou sempre, **sempre vivendo mil sentimentos e mil coisas ao mesmo tempo. E aí meu desenho traduz muito isso, muitas cores.** Esse desenho aqui saiu sem... eu nem sabia o que eu ia fazer e de repente quando eu vi, vi que ficou uma rede, ficou também com **oito caminhos.** [Participante 04] [IV.1 – P.20 – L.43; IV.1 – P.21 – L.2-4]*

Figura 72 – Aquarela feita pelo participante 04



Fonte: Arquivo da autora

Tem muitas possibilidades né e aí, o meu desenho, até o que eu fiz na cerâmica foi uma rede, uma teia de aranha. [Participante 04] [IV.1 – P.20 – L.49; IV.1 – P.21 – L.2]

Figura 73 – Pintura em cerâmica com giz de cera derretido feito pelo participante 04



Fonte: Arquivo da autora

[...] eu também fiz na argila a roda das sete direções que é a direção norte, sul, leste, oeste, pra mãe-Terra, pro universo e pra o coração. Eu quero sair daqui com esta, com este sentimento e to saindo muito com isso né, ouvindo as histórias de vocês e também sentindo a minha, de que eu preciso ficar mais tranquilo ainda me desapegando mais de algumas coisas, perdendo o medo de perder algumas coisas. [Participante 04] [IV.1 – P.21 – L. 4-10].

[...] quando a gente tem muitos caminhos não precisa muito de ter medo ou ficar amarrado a certas coisas porque sempre vão ter outros caminhos, vai ter sempre um caminho pra seguir. [Participante 04] [IV.1 – P.21 – L. 13-16]

Figura 74 – Modelagem com argila feita pelo participante 04



Fonte: Arquivo da autora

Temos o relato da aprendizagem no grupo, o desaparego e a perda do medo. Há uma confiança de que “vai ter sempre um caminho pra seguir”, mesmo com as várias possibilidades, mil sentimentos e fatos que acontecem ao mesmo tempo. As obras, seja argila, desenho ou cerâmica, retratam essas possibilidades que se perpassam.

A arte facilita esse florescimento e reconhecimento fazendo com que a criação ocorra naturalmente como impulso do ser. É uma extensão do ato de criar que ocorre a todo instante no universo.

A arte não se realiza somente na educação (arte-educação) ou na psicologia (arteterapia), mas na identidade (arte-identidade), na qual esses elementos se encontram inseparáveis. Acrescentamos, com ênfase, seu caráter corporal e visível, fruto da evolução da vida e fonte biológica da criação. “Se trata de facilitar e não reprimir o ato de frutificar. Nossa proposta é permitir a expressão dos impulsos naturais criativos. A criação é como a função sexual ou da autotranscendência, extensão do processo de viver (TORO, 1991, p. 389)”.

4.4 Natureza

Esta unidade de sentido transparece a presença do vínculo e identificação com a natureza e com os diversos elementos que lhe constituem: animais, rios, montanhas etc.

Como dissemos anteriormente, “nada impede pensar que a criatividade do homem prolongue a da natureza” (PRIGOGINE, 2009, p. 3). Ou seja, o ser humano não pode ser considerado uma entidade externa à natureza e ao universo, pois ambos se movem impulsionados pelas mesmas forças e são regidos pelas mesmas leis.

De acordo com Capra (2006), o mundo está enfrentando uma crise de percepção, do modelo mecanicista e ecológico raso para o modelo ecológico profundo no qual são realizados questionamentos a respeito dos próprios fundamentos da nossa visão de mundo e do nosso modo de vida modernos, científicos, industriais, orientados para o crescimento material. São questões profundas que partem de nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte.

A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de ‘uso’, à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida (CAPRA, 2006, p. 26).

Verificamos que a arte e os processos criativos potencializam e canalizam as forças criativas naturais de forma espontânea, propiciando essa percepção de interdependência e inseparabilidade dos seres humanos do meio ambiente natural. Surgem elementos nostálgicos que remetem à sensação de unidade e reverência à natureza.

*[...] quando eu peguei esse papel aqui, a primeira imagem que veio na minha cabeça foi um rio... **um rio que eu tomava muito banho nele quando eu era criança**, no interior, no sertão mesmo. A gente ia muito tomar banho nesse rio, nesse rio tinha um poço, só que eu não consegui desenhar o poço, só desenhei o rio. Aí veio as imagem daquele matinho que ficava assim na beirada do rio, matinho com umas florzinha amarela, outras... tudo bem misturadinho. E, no mesmo que eu tava vendo esse rio aqui, **eu também me vi andando na beirada da praia**, naquela vivência de ontem né. **Me senti assim muito livre!** Bem leve e, ao mesmo tempo, que eu tava caminhando na beirada da praia, a impressão que eu tive que tava assim, caindo um assim... pingos de água né, em cima de mim. Caindo, uns pinginhos de chuva... **uma sensação muito boa de liberdade**. Eu sempre quis ser livre, mas sempre tinha alguma coisa que impedia de realmente se libertar. Eu queria ser, mas sempre teve alguma coisa que impede né, de eu ser livre total. Quando eu tava criando isso aqui foi isso que eu senti, tudo isso aqui: **a natureza do rio** e apesar das dificuldades que foram muitas eu gostaria de voltar a esse lugar um dia. [Participante 7] [IV.1 – P.10 – L. 7-25]*

Figura 73 – Aquarela feita pelo participante 07



Fonte: Arquivo da autora

A sensação de liberdade e leveza, aqui, é relacionada ao momento de contato com o rio em que se banhava na infância e aos pingos de água que chuviscavam na participante. Por fim, enfatiza que, quando criou a obra, sentiu “a natureza do rio”.

Parece-nos que os momentos de conexão com a liberdade do rio e da água são nostalgicamente revividos e atualizados pela arte, apesar do pensamento de que algo a impede de “ser livre total”. É no momento presente, delimitado no espaço pela própria identidade, que a unidade homem-natureza se estabelece e se atualiza.

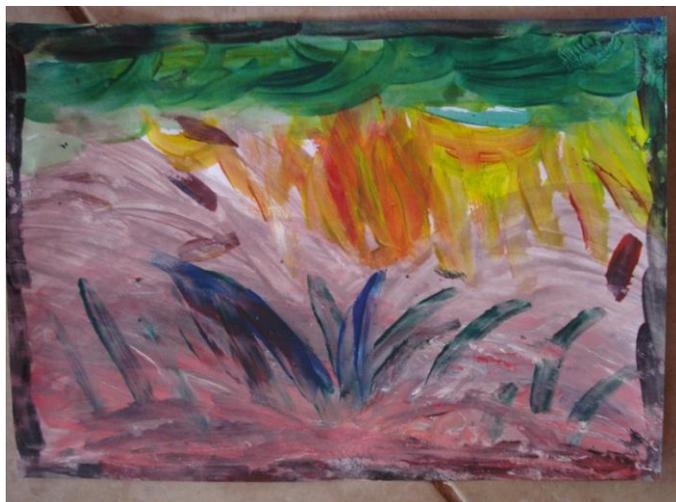
A vivência desse espaço-tempo pessoal atualiza para nossa consciência, em cada instante, a irreduzível qualidade de vida, pura e não contaminada apesar da violência que emerge pelas fendas de uma condição dissociada. É essa brisa do encontro e da perda, surge a nostalgia de unidade (TORO, 1991, p. 396).

Nesse sentido, a arte irrompe como gesto de integração, potencialização e sobrevivência. É uma experiência, além de tudo que já dissemos, que facilita a expansão do eu até a identificação com a natureza (CAPRA, 2006).

*É... eu quis simbolizar aqui a natureza... a natureza vista da minha infância, aqui vem toda a minha infância. É... onde a gente morava, no interior, Pacoti, eu sou natural de Pacoti quando era menino morava lá. [...] Aí quando a gente tava em Pacoti, a gente olha na distância, que tá assim bem longe em cima dum alto daquele ali, você vai vendo na distância os morros de terras, as partes do sertão, o sol... o sol tá se pondo, o sol tá se pondo, tá clareando nossa região de barro vermelho, por exemplo. Quer dizer você já vê os raios de sol, vê lá na frente a mata e vê naquele morro de barro vermelho, você aquele claridão, o sol batendo... o sol batendo em cima da serra né. Dá totalmente isso aqui que eu to vendo aqui sabe, eu peguei naquelas tinta ali e me veio na mente isso aqui sabe. **O sol baixou, aí... no começo, nas proximidades que a gente tá, as plantas né. Aí lá na frente as serras assim, verdes.** [...] aí eu tava hoje de manhazinha eu me levantei, cinco e meia da manhã, fui pra praia. Tava analisando ali, lá na beira da lagoa, os pés dentro d'água, frio rapaz. O vento a coisa mais gostosa do mundo, a pancada do mar... a pancada do mar. Aquela brisa gostosa... [Participante 5] [IV.1 – P.4 – L. 20-39]*

É só Deus pra dar uma coisa dessas pra gente, é muito linda a natureza... eu acho... eu me sinto muito feliz, muito! sabe, cheio de glória! quando eu to no interior e dá pra mim me jogar dentro do mar, de andar, de se divertir sozinho, se divertir com a natureza [...]Jeu adoro ir pro interior pra mim ir andar dentro do mato. Se eu pudesse eu ficava lá e nem voltava mais sabe. Curtindo aquilo ali, porque tem tudo de bom que você, se procurar lá dentro, você vê. Tudo de bom que você quer se encontra lá dentro... do mato. Dentro da natureza... eu acho que a biodança traz pra mim toda essa sensibilidade de... da minha vivência do interior. [Participante 5] [IV.1 – P.4 – L. 45; IV.1 – P.5 – L. 6]

Figura 76 – Aquarela feita pelo participante 05



Fonte: Arquivo da autora

Novamente, a natureza ressurge do ponto de vista da infância. Regressiva, nesse aspecto, a arte nos move no espaço-tempo, para passado ou futuro, importando apenas que seja o momento de proximidade da visão de beleza, “é muito linda a natureza”. Ou de sensações corporais, como “o vento, a coisa mais gostosa do mundo, a pancada do mar. Aquela brisa gostosa”. Por fim, traz a sensibilidade como a capacidade de sentir-se feliz e cheio de glória por Deus criar a natureza.

A sensação de regozijo reflete toda a emoção que acompanha um alto grau de consciência ao realizar suas potencialidades como criatura e criador. Compreende, também, uma percepção ecológica profunda e transcendente.

[...] a percepção ecológica profunda é percepção espiritual ou religiosa. Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexão, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda (CAPRA, 2006, p. 26).

Nesse tipo de percepção, observou-se, também, que há a identificação e a sutil comunicação entre homens/mulheres com os elementos da natureza.

*[...] então eu preferi deixar a forma da terra, eu procurei uma forma da terra, as montanhas que existe que a gente consegue subir. Aqui as entranhas que as montanhas dá, mas que a gente acaba tendo aqui sempre um espaço pro homem, que a natureza oferece. Então foi isso, eu só queria assim que eu tentei buscar aqui, **foi encontrar a forma da natureza, em termos de montanhas que a gente consegue subir.** Eu ainda não sei, mas tem homem que sobe. O homem chega lá. E o espaço dele aqui junto à natureza, os altos e os baixos. Né, aí tem hora que a terra tá tipo assim uma bandeja, **mas o homem, embora na dificuldade daqui, que seja muito fino, mas ele chega. Ela sempre te dá uma forma de como você chegar, te mostra um jeito. E foi isso, e me acreditar, me fez acreditar que nós somos capazes.** Então foi isso que eu quis passar por essa aqui, a forma da terra, que existe muitos altos e muitos baixos, mas a gente tem que passar, basta querer. [Participante 8] [IV.1 – P.13 – L. 45; IV.1 – P.14 – L. 10]*

Figura 77 – Modelagem com argila feita pela participante 08



Fonte: Arquivo da autora

Aqui, temos a identificação com a forma das montanhas representando a força que se faz para subir e contornar os obstáculos que impõe. O que chama atenção é o ser humano conseguir se superar com a ajuda da própria natureza, pois “ela sempre te dá uma forma de como você chegar, te mostra um jeito. E foi isso, e me acreditar, me fez acreditar que nós somos capazes”. É, analogamente, dizer que há uma sabedoria natural que te mostra um caminho ou uma possibilidade de concretizar seu potencial.

A montanha está dentro de mim e fora de mim, somos interdependentes e coexistentes. O vínculo e a comunicação identidade e natureza são possíveis quando entendemos essa profunda percepção, que é holística e ecológica. Para explicar melhor, Capra (2006) exemplifica.

Uma visão holística, digamos, de uma bicicleta significa ver a bicicleta como um todo funcional e compreender, em conformidade com isso, as interdependências das suas partes. Uma visão ecológica da bicicleta inclui isso, mas acrescenta-lhe a percepção de como a bicicleta está encaixada no seu ambiente natural e social – de onde vêm as matérias-primas que entram nela, como foi fabricada, como seu uso afeta o meio ambiente natural e a comunidade pela qual é usada, e assim por diante. Essa distinção entre ‘holístico’ e ‘ecológico’ é ainda mais importante quando falamos sobre sistemas vivos, para os quais as conexões com o meio ambiente são muito mais vitais (CAPRA, 2006, p. 25).

Essas conexões vitais e criativas com o meio ambiente e consigo mesmo transparecem, segundo o relato anterior e dos seguintes, provocam um sentimento de confiança e de cuidado.

*E... eu fiz isso aqui né, primeiro eu tava pensando assim, eu pensei vou fazer os pontinhos, pensava na questão de caminhar né, fazer caminhada. E depois me veio, quando eu fazia a caminhada de ontem né, depois me veio a questão do sol, do sol né, que clareia tudo né. Então, assim, **o sol nos dá oportunidade de clarear os caminhos que a gente vai seguir, as trilhas.** Então eu fiquei mais na questão do sol né. Depois eu fiz os pontinhos e lembrei que **a figura do sol que clareia, que ilumina, nos dá vida, dá vitalidade.** Então, eu acho assim que um momento desse é... é muito... assim, precioso na vida da gente porque, como vocês já falaram, **é um momento de você se cuidar pra poder cuidar do outro que tá do seu lado, cuidar da vida né... eu to aprendendo ainda.** [Participante 10] [IV.1 – P.22 – L. 3-14]*

Figura 78 – Pintura em cerâmica com giz de cera derretido feito pelo participante 10



Fonte: Arquivo da autora

Tem-se, aqui, a representação do sol iluminando, dando vida e vitalidade a si e aos seus caminhos. O sol é o caminho que clareia, corresponde ao momento de cuidado do grupo, “é um momento de você se cuidar pra poder cuidar do outro que tá do seu lado, cuidar da vida, né”. Mas, de onde surge essa percepção de cuidado? Não é racional que devemos cuidar de nós mesmos e da natureza? Segundo Capra (2006), há uma diferença entre a lógica e a experiência de respeito e cuidado à natureza. A lógica não seria suficiente para modificar nossa percepção e ação.

A lógica não nos persuade de que deveríamos viver respeitando certas normas, uma vez que somos parte integral da teia da vida. No entanto, se temos a percepção, ou a experiência, ecológica profunda de sermos parte da teia da vida, então estaremos (em oposição a deveríamos estar) inclinados a cuidar de toda a natureza viva” (CAPRA, 2006, p. 29).

Nesse sentido, temos outro relato de como a natureza do cuidado nos toca de modo simples e intenso.

Eu comecei a pegar na argila, amassar e me veio muito forte essa presença desse elefante porque, na semana passada, eu vi uma elefanta, sei lá... salvando um elefantzinho bebê de num lago, que ele tinha caído e se ela não tivesse cuidado, ele tinha morrido, que ele era bebê. E eu achei muito interessante aquilo ali, do jeito como ela conseguiu. E na hora, todos os elefantes que tavam ao redor veio ajudar a mãe a tirar o bebê do lago né. Esse negócio ficou muito presente na minha cabeça e na hora só me veio esse elefante. Aí eu “mas meu Deus do céu o que é que esse elefante veio fazer nessa praia né, nesse meio aqui?”. Eu não entendi, mas foi o que veio na minha mente... foi o elefante com aquelas, é... a vida do elefantinho, ele saiu, eles ajudando né, levando assim com a tromba. Entendeu? Botando o bichinho pra sair e eu achei muito interessante e aí foi o que veio na minha mente: o elefante.

*[...] eu acho que salvar vidas, é... eu também gosto muito da natureza, e juntou uma coisa com a outra e eu achei bem interessante, mas pra cá eu não sei o que tem a ver. **Eu acho que com a vida mesmo, vida, a biodança vem de vida né, aí eu juntei uma coisa com a outra, resgata vida, salva vida.** [Participante 9] [IV.1 – P.15 – L. 7-25]*

Figura 79 – Modelagem com argila feita pelo participante 09



Fonte: Arquivo da autora

Nessa breve história do elefante salvo da morte, vemos o significado de resgatar e salvar de vidas. Foi, então, que uma facilitadora que lhe perguntou se haveria algo a ser resgatado nela. Vejamos a resposta, consideramos importante esse relato quase completo.

Em mim... eu sou muito trancada né, vocês já devem ter percebido que eu sou muito fechada. É... silenciosa, eu gosto mais de ouvir, não gosto de expressar o que eu sinto... não tive oportunidade de fazer isso, entendeu? Eu não falo muito de mim não, assim... eu to vendo se por aqui eu consigo falar alguma coisa, talvez quando a Alana [irmã que também integra o grupo] me convidou pra vir fosse esse o objetivo, de eu me abrir mais porque eu sou muito fechada. E já tenho uma irmã que é mais trancada que eu ainda... a gente vive só naquele mundinho sabe... é... trabalha, faz alguma coisa em casa e cuida uma da outra assim, na medida do possível. [IV.1 – P.15 – L. 40-50]

Ah, ah... minha vida é assim, de oração, também gosto muito de ajudar o próximo né, quando precisam.... como a Viviane eu também trabalhei assim em casa de família sabe? Quando eu era pequenininha também... é... eu também já ajudei a minha tia a cuidar do filho dela que era pequenininho, levei uma surra muito grande que ficou inesquecível que foi até de rede... de rede cru, na época, que me feriu que sangrou sabe? Do marido da minha tia [...] depois também não casei né, já to com uma certa idade sem conseguir casar, tive vários namorados, vários não, poucos. Acho que eu pensei demais e não consegui me casar [risos] [...] mas sempre cuidei de crianças também, cuidei do filho da primeira irmã que casou, da segunda também cuidei sabe. Já tem duas de quinze anos agora, as últimas que eu cuidei, mas também eu já disse “chega, não quero cuidar mais dos filhos de ninguém”. [IV.1 – P.16 – L. 35-50]

[...]era um sonho que eu tinha... de casar, de ter uma... eu não sei porque isso não aconteceu... tudo na minha vida que eu queria, o que eu mais queria na minha vida era me casar, ter minha casa e ter meus filhos e eu não tive... então isso aí é uma coisa que as vezes eu penso e até as vezes... até eu fico imaginando o porque que isso não aconteceu, era a coisa que eu mais queria na minha vida e... mas sobrevivo

sabe? O tempo vai passando, eu vou deixando para lá e... assim... minha vida é esta. [IV.1 – P.17 – L. 3-10]

eu cá comigo pensando né, “se eu falar dessas coisas lá em casa o pessoal ia ficar horrorizado” porque tem uma irmã minha que é mais conservadora ainda sabe, uma que mora comigo então... porque ficaram três coroas: eu, a minha irmã e mais outra e mais um rapaz e tal... Mas a minha irmã é dose! Mais radical do que sabe... é muito radical, nesse sentido. Aí ela já até me reprime sabe, assim... essa parte aí é complicada... [IV.1 – P.17 – L. 41-48]

É porque quando pergunta eu acho melhor responder... mas eu to gostando de estar aqui. Acho meio estranho assim, às vezes minhas irmã pergunta o que isso daqui. Eu disse, é só... “é melhor a pessoa viver do que dizer né?” Não tem como a pessoa explicar realmente... tem algumas coisas que eu gosto, tem outra que eu já... né...tem que falar? Posso falar né? Tem umas coisas que eu já acho mais estranho né, umas coisas... mas... eu gosto da em si, a parte que eu mais gosto é a parte da dança, da dança mesmo. [IV.1 – P.17 – L. 12-20]

O elefante abriu as portas da expressão da participante, de alguém que se sentia fechada, trancada e reprimida pela irmã. Como a mesma disse, não teve oportunidade de expressar o que sente e, nesse momento, pela primeira vez no grupo, falou abertamente de sua vida. A história do elefante fez parte de sua história, repercutiu na sua existência, fazendo-a brotar no ato da criação e inspiração. Seu objetivo era claro, “me abrir mais porque eu sou muito fechada”, algo que naturalmente aconteceu e ganhou sentido a partir da história do salvamento do elefante.

A seguir, mais uma demonstração de vínculo com a natureza e uma reflexão sobre as atitudes dos seres humanos de descaso para com a mesma.

*E aí você vê, de repente eu venho pra biodança né, eu que tenho quinze anos de biodança, vivi uma experiência que eu nunca vivi na biodança né, que foi **caminhar tanto tempo de olhos fechados**. Já fiz várias vivências, desafios da biodança que de repente podia ser mais difícil e ontem eu vivi essa experiência que eu achei assim foi uma das mais marcantes [...] Pra mim, eu acho que foi um dos momentos mais... sei lá... pra dizer assim o quanto eu ainda posso viver na vida né. Quando você pensa que viveu tudo, você não viveu nada ainda, que **você tem ainda tantas coisas pra viver na vida né**. [Participante 11] [IV.1 – P.23 – L. 12-23]*

Aí... e eu gostei de ser cuidada, aí quando voltava eu queria cuidar da Ísis e vi assim, o quanto também nós seres humanos já fizemos com essa natureza que é tão grande, tão amorosa com a gente. O quanto a gente já fez, a gente vinha caminhando e tanto na parte da praia quanto aquela parte mais próxima do mar, eu podia deixar livre, a vontade que eu tinha era de soltar e deixar, porque tu estava com a natureza, a gente tava com a natureza e não tinha perigo, mas a partir do momento que a gente veio se aproximando, que vinha pra perto das casas. Aí tinha risco porque... porque tá cheio de lixo, podia furar o seu pé, sabe. Uns carros já tinham deixado suas marcas né. [Participante 11] [IV.1 – P.23 – L. 40; IV.1 – P.24 – L. 1]

A participante relata o que percebeu da vivência de caminhar de olhos fechados pela praia com um companheiro do grupo lhe guiando. Reconheceu e refletiu sobre a grandiosidade e amorosidade da natureza para com os seres humanos, há um sentimento de poder caminhar livre aos seus cuidados enquanto que, ao chegar próximo das casas, existe perigo em machucar-se, pois há lixo e marca de carros, que agridem não somente o meio ambiente, mas também nós mesmos, que fazemos parte dela.

A percepção ecológica profunda e a mudança que propõe “requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar, mas também de nossos valores” (CAPRA, 2006, p. 27). Da ênfase nos valores competitivos, materialistas, quantitativos e dominadores para o equilíbrio com outros valores: conservação, cooperação, qualidade e parceria. Do pensamento racional, analítico, reducionista e linear para outras formas de pensar como: intuitivo, sintético, holístico e não linear.

Dentro do contexto da ecologia profunda, a visão segundo a qual esses valores são inerentes a toda a natureza viva está alicerçada na experiência profunda, ecológica ou espiritual, de que a natureza e o eu são um só. Essa expansão do eu até a identificação com a natureza é a instrução básica da ecologia profunda (CAPRA, 2006, p. 29).

Vejamos como essa identificação do eu com a natureza pode ocorrer, de forma prazerosa e cuidada, mesmo que não se encontre muitas palavras para explicar.

[...] foi tão prazeroso ir pra praia, eu já tinha combinado com o Ricardo, antes, mas... eu fiquei tão feliz por ele me convidar e perguntar se eu queria a companhia dele. Ele tava numa serenidade muito forte, então eu me entreguei e em nenhum momento eu me assustei, em nenhum momento eu abri meu olho. Parece que eu estava andando sobre luzes, estava ali, estava sentindo, estava sentindo aquele sol. Por isso eu digo, “eu estou aqui” e eu não sei o que isso vai trazer amanhã pra mim, eu não sei se eu vou entender o que foi que aconteceu, mas eu sei que eu estou aqui, estou vivendo, estou apaixonada e to usufruindo. [Participante 8] [IV.1 – P.14 – L. 11-20]

Em arte-identidade, todos os gestos são formas de expressão da criação, pois o que importa é o encontro criativo, entregue e inteiro, ou seja, “significa que o encontro criativo na arte é ‘total’ – representa a totalidade da experiência” (MAY, 1982. p. 88). Acreditamos que a percepção ecológica profunda também se consolide nesse momento. É o mesmo que o estado de êxtase criativo definido por May (1982).

Ex-stasis” – isto é, literalmente ‘ficar fora de’, libertar-se da dicotomia da maior parte das atividades humanas, a separação entre sujeito e objeto. Êxtase é o termo exato para a intensidade de consciência que ocorre no ato criativo. Mas não pode ser considerado um mero ‘desligamento’ báquico; envolve a totalidade do indivíduo [...] não é, portanto, irracional; é suprarracional. Conjuga o desempenho das funções intelectuais, volitivas e emocionais. (MAY, 1982, p. 47)

Ou então, o que denominamos de identidade-amor, “a expressão da identidade é a condição primeira para que se torne amor, condição essa natural e biológica, anterior à historicidade e necessitando dela” (GÓIS, 2005, p. 54).

4.5 Sentimento de grupo e de gratidão

Como vimos, a identidade tem raiz biológica, se constitui um paradoxo e aqui surge seu aspecto relacional e da presença do outro em suas descobertas e desenvolvimento. Nesta unidade, temos o sentimento de grupo, pertencimento, proteção, vínculo e gratidão ao grupo ou qualquer participante em especial.

A noção de identidade existe porque há outra com a qual interage (CASTRO, 2009). Não há como negar que a identidade é, antes de tudo, relacional. “Uma identidade necessita de outra identidade, da presença de membros da mesma espécie, não só de um, senão de vários, de um grupo ou de uma coletividade” (GÓIS, 2002, p. 105).

Vejamos a importância do acolhimento e cuidado grupo para o desenvolvimento dos participantes.

Aí pensam que eu sou assim, aqui é meu desabafo, quando eu venho pra cá, quando eu encontrei o grupo de biodança. Rapaz ali... é tanto que quando a gente sai ninguém comenta, oh coisa boa, parece assim um padre que a gente vai se confessar né, se confessa mas daqui não sai. Né? Ai é bom, então eu acho gostoso. Se eu vou falar por aí que eu sou frágil aí oh [gesto obsceno]... desculpa [Risos]... Se eu for mostrar por aí que eu sou frágil aí não, tu é doida? [Participante 06] [IV.1 – P.9 – L. 32-38]

Como a Viviane diz é bom aqui porque a gente conta e sabe que ninguém vai dizer pra ninguém, vai contar pra ninguém. E é tão bom quando a gente pode desabafar... [choro e fala emocionada] eu estou feliz aqui com vocês. [Participante 01] [IV.1 – P.32 – L.01-09]

Aqui vemos que o grupo, em seu processo, estabelece uma relação de confiança e vínculo. A participante sente-se à vontade para falar, desabafar e se confessar diante do grupo. Por fim, pode demonstrar sua fragilidade e permitir ser ela mesma, sem risco de ser julgada. Logo após, outra participante partilha da mesma sensação e acrescenta sua felicidade e emoção por estar pertencendo ao grupo.

Todos cuidam ao escutar sem preconceito e guardar os segredos e histórias expostas em grupo, facilitando o vínculo de amor, essencial ao desenvolvimento do grupo e de cada um.

Sem o cuidado essencial, o encaixe do amor não ocorre, não se conserva, não se expande nem permite a consorciação entre os seres. Sem o cuidado não há atmosfera que propicie o florescimento daquilo que verdadeiramente humaniza: o sentimento profundo, a vontade de partilha e a busca do amor (BOFF, 1999, p. 112).

Neste nível de intimidade e cuidado, observamos a revelação do caminho de expressão plena da identidade, passando a chamá-la de identidade-amor (GÓIS, 2002). O grupo e a identidade envolvidos no processo criativo do qual já falamos, intuitivo e transcendente, trazem a força principal que move o universo, o amor. Para Maturana e Boff, no nível humano, o amor é um fenômeno que ocorre devido à união entre as pessoas.

O amor é um fenômeno cósmico e biológico. Ao chegar ao nível humano, ele se revela como a grande força de agregação, de simpatia, de solidariedade. As pessoas se unem e recriam pela linguagem amorosa o sentimento de benquerença e de pertença a um mesmo destino e a uma mesma caminhada histórica (BOFF, 1999, p. 111).

Aqui, o amor que possibilita vínculo, agregamento, solidariedade e identificação de uma pessoa com outra ou com a coletividade.

*[...] não sei se foi o primeiro dia mas no dia que eu vim que tava a Eveline e o Marcos, tipo assim aquilo mexeu comigo [choro e fala emocionada]... eu achei tão engraçado eles dois estarem na biodança [pausa para choro]... e achei muito legal, muito bonito... e aí, é. No decorrer desse processo **eu venho desenvolvendo uma admiração muito grande por eles dois**, às vezes eu não sei porquê. É... [choro e fala emocionada] **pela sensibilidade, é uma sensibilidade tão grande, né, que mexe...** [Participante 02] [IV.1 – P.12 – L.34-40]*

[...] eu queria agradecer mesmo sabe porque eles dois pra mim é uma referência muito forte. Eu acho até que a arte é um caminho... pra mim eu vejo, talvez né quando eu vi o desenho dele. [Participante 02] [IV.1 – P.13 – L.5-8]

*[...] como a Viviane diz, eu não preciso ter título acadêmico pra passar, pra ensinar, pra ser alguém né, assim... eu não preciso ter tanto bens materiais. Minha busca não é por isso, é pela vida mesmo, por essa beleza né, é de chegar e fazer a gente mergulhar nesse rio também né. É muito, é **muito bom estar aqui com vocês**. [Participante 02] [IV.1 – P.13 – L.9-14]*

A identificação com os membros do grupo, com um casal em especial, emociona, desenvolvendo uma admiração pela sensibilidade evocada por suas presenças. Como retrata “é uma sensibilidade tão grande, né, que mexe”, ambos tornam-se referência de vida chegando a arrancar lágrimas da participante. Por fim, demonstra sua gratidão.

Para Góis (2005), a identidade-amor “cria um campo de presença que se movimenta sutil e intensamente, se espalhando sobre outras pessoas, objetos e situações, formando um campo de presença fluido e vital que configura e ilumina o lugar da vivência, o lugar de sua presença, e é configurado e iluminado por ela” (p. 52).

O processo do grupo vivido com intensidade, que possui na arte um mediador de suas relações e emoções, amplia as transformações em direção ao desenvolvimento da identidade amorosa e com a coragem de criar. É um processo em que todos do grupo aumentam seu campo de presença, gerando um profundo vínculo e um forte sentimento de gratidão. Temos mais uma fala de agradecimento às facilitadoras.

Depois eu quero só agradecer a vocês duas porque assim... entrar em contato com a arte-identidade e a biodança [Participante 04] [IV.1 – P.21 – L. 16-17]

Nós agradecemos quando reconhecemos o cuidado e amor oferecidos. Agradecemos quando ganhamos um presente, em retribuição a um gesto de conforto ou de auxílio. Agradecer retrata que algo foi doado, compartilhado e modificado em favor do nosso desenvolvimento e crescimento.

[...] eu vim assim primeiro com uma coisa: eu queria viver esse momento com esse grupo porque assim, eu acho que cada grupo, eu gosto sempre de estar com muitas pessoas, assim... e esse grupo é significativo pra mim, eu vivi muitos momentos bons, conheci muita gente interessante, que eu admiro, eu fico olhando assim, a grandeza que tem em cada um, assim... [Participante 11] [IV.1 – P.23 – L. 4-9]

[...] eu acho que tudo é uma coisa sagrada, eu acho muito interessante, muito forte, é... a amizade que a gente tem, o abraço quando a gente dá um ao outro né. Eu acho assim, muito... muito prazeroso. [Participante 12] [IV.1 – P.26 – L. 43; IV.1 – P.27 – L. 6]

Para a participante 11, o grupo é significativo pelos bons momentos compartilhados e pela grandeza das pessoas, a qual admira. Logo após, outro integrante atribui ao grupo um sentimento de sacralidade, amizade e prazer.

A arte em grupo, como vimos, abarca os níveis individuais e coletivos, “por isso a proposta da Arte-Identidade, uma proposta ao mesmo tempo pedagógica e terapêutica de expressão, recriação e fortalecimento da identidade pessoal e coletiva” (GÓIS, 2005, p. 48).

Percebemos que o cuidado e o vínculo traduzidos por todos os adjetivos dados acima são os fatores essenciais no trabalho em grupo e emergem quando a criatividade media a expressão da identidade consigo e com o outro. Como retratado a seguir.

A experiência que tenho em psicologia comunitária, trabalhando com arte, é algo fabuloso. As pessoas conseguem se expressar espontaneamente através de uma colagem, argila ou pintura, e se potencializar numa dimensão comunitária e universal de ser igual. Há um processo de identificação no qual se desenvolve o vínculo individual entre cada pessoa e no grupo como um todo. O vínculo fortalece a identidade fazendo com que o indivíduo se revele em sua força e coragem, assumindo essa grandeza de si (GÓIS, 2005, p. 55).

Corroboramos com essa mesma experiência, compreendendo a identidade como um fenômeno relacional, autopoiético e amoroso que, na presença do outro, se constrói ou destrói-se. Qualquer grupamento humano é considerado uma matriz biológica e uma instituição social que, se mergulhada nas condições de vínculo, confiança, cuidado e expressão plena de si-mesmo, faz emergir a identidade-amor por conexão de uns aos outros.

E em todo momento que eu tive aqui, de vivência, de tudo... eu me conectava aqui com vocês e com Deus, era sempre louvando a Deus por esse momento, de estar aqui. A caminhada lá da praia, quando eu vinha voltando, eu louvei muito a Deus por aquele momento, por eu estar vivendo aquilo que fazia tempo que eu não vivia e por tá relembando, porque de certa forma eu recordei tudo quando eu passava nas terapias né. E nunca mais eu tinha vivido isso. [Participante 01] [IV.1 – P.31 – L.04-10]

Aí eu penso assim, vaila como eu fui capaz de aprender isso aí porque... com a vela, eu jamais imaginei que se fazia isso com vela. Ah, essas coisas que eu vou aprendendo aos poucos e agradecendo a Deus, louvando a Deus, como eu digo, por ter essa oportunidade, onde muitos podiam ter e não querem né [Participante 01] [IV.1 – P.34 – L.23-33]

Então, nesse exato momento eu estou vendo, é um presente divino estar aqui com todos vocês, absorvendo, aprendendo, ensinando. Por que não também ensinando?... né? Obrigado. [Participante 08] [IV.1 – P.14 – L. 49; IV.1 – P.15 – L. 1]

A experiência de conexão com o grupo e com Deus, gratidão, sentir a capacidade de aprender o novo, aproveitar a oportunidade e também ensinar refletem a troca e riqueza de aprendizagem ocorrida no grupo. Vemos aqui os autores dessa dissertação, partes conectadas que ganharam sentidos na medida da abertura e do encontro e da expressão de si mesmos.

Todos nos sentimos ligados e re-ligados uns com os outros, formando um todo orgânico, diverso e sempre incluyente. Esse todo remete a um derradeiro Elo que tudo liga, sustenta e dinamiza. Irrrompe como Valor supremo que em tudo se vela e se re-vela. Esse valor supremo tem o caráter de Mistério, no sentido de sempre se anunciar e ao mesmo tempo recolher. Esse mistério não mete medo, fascina e atrai como o sol. Deixa-se experimentar como um grande útero acolhedor que nos realiza supremamente (BOFF, 1999, p. 96).

Figura 80 - Roda de celebração



Fonte: Arquivo da autora

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com nossos objetivos em mente, destacamos as principais unidades de sentido consideradas relevantes dentro do processo do grupo da “telhoça”.

Retratamos, primeiramente, os sentimentos de medo, insegurança e impotência durante o processo de criação, traduzindo formas de negação do potencial criativo. Alguns mecanismos de desvio dessa função foram explicitados, como a despersonalização, a mecanização e a dissociação afetivo-prática. Essas resistências foram atribuídas ao processo de desvalorização e descrença no próprio potencial, à incapacidade de entregar-se ao instante da criação e à distância entre a visão ideal que o artista tenta reproduzir e os resultados objetivos.

Verificamos que o processo criativo é acompanhado por tal ansiedade e pensamentos, que podem ser superados ou não, fortalecendo ou negando a identidade diante de sua função criativa.

Em nossa segunda unidade de sentido, o processo criativo mediado pela arte é visto sobre sua base intuitiva e transcendente, situando-o como forma não verbal de conhecimento. A identidade é central nesse processo, pois o engajamento do indivíduo dá a qualidade e intensidade da criação. Se há intuição e engajamento do criador, não há, então, como separá-lo de sua obra. A intuição é vista como um aspecto receptivo e ativo que atua fortemente a partir do ser, para além dos mecanismos de mecanização, despersonalização ou dissociação.

A intuição guia as mãos no ato de criar, gerando imagens e ações (imaginações) que possuem um sentido único naquele instante. Os sentidos surgem na medida em que são expressos, são construídos no ato de criar e à medida que se desenvolve uma reflexão do artista sobre sua obra e sobre si mesmo.

Diante dos sentidos da terceira unidade, percebemos a convivência dos opostos ou uma tensão entre um processo de libertação existencial e aquilo que impede o indivíduo de desenvolver-se. Há um paradoxo da identidade, pois para reconhecer-se potência é preciso entrar em contato com aquilo que a limita. Os bloqueios estão presentes tanto na própria pessoa, em sua postura, como é reconhecido, também, nas situações externas, na família, trabalho etc.

Assim, a expressão mediante a arte envolve a identidade em toda sua plenitude, inteireza, oposições e contradições. É uma forma de auto-organização em que os sentidos gerados refletem todo esse processo interno em que o ser busca dar vazão ao seu potencial.

Verificamos a necessidade daquilo que nossos participantes denominaram de “libertação”, compreendendo que, na medida em que a coragem e identidade se fortalecem, há uma tendência para ocorrerem mudanças nos diversos âmbitos da vida do ser. O contato com a arte favorece a clareza, consciência e fortalece, na expressão do artista, o que necessita transformar em sua própria vida. Além de conectá-lo com suas múltiplas possibilidades e expandir seus limites.

Isso porque a criatividade como extensão das forças naturais coloca o homem na sua condição de ser sensível-intuitivo-biológico. Nesse sentido, ativam-se processos profundos de organização do indivíduo, o centro do nosso ser, a essência humana libertária ou identidade-amor.

A identidade é singularidade, autopoiesis, metamorfose e unidade, é desejo de renascimento e expansão, seu potencial criativo enraizado no ser sensível traz a coragem, poder e potência de transformar tanto a si mesmo quanto aquilo que o circunda. A arte, nesse caminhar, é uma forma de expressão de si que revela toda a profundidade, grandeza e sacralidade da vida no ser humano, possibilitando que possamos ter a consciência do que é necessário transformar, manter e cuidar em nossas vidas.

A unidade de sentido “natureza” também apresentou um aspecto de conexão e vínculo inseparável do ser humano e da natureza. Vimos que a arte e o contato que proporciona com elementos da natureza, como a argila, a água utilizada na pintura com aquarela, a dança natural em contato com ambientes propícios como a praia, deflagram a sensação de unidade e reverência à natureza. Ela facilita a expansão do eu até a identificação com a natureza, compreendendo uma percepção ecológica profunda e transcendente.

Por último, verificamos a importância do vínculo, confiança e cuidado grupal para o desenvolvimento dos participantes. Sua importância é atribuída ao fato da identidade ser um fenômeno relacional, autopoietico e amoroso que, na presença do outro, constrói-se ou destrói-se. Este grupo é considerado uma matriz biológica e uma instituição social mergulhada nas condições propícias para a expressão plena de si-mesmo, faz emergir a identidade-amor por conexão de uns aos outros.

A identidade-amor surge, pois o amor possibilita vínculo, agregamento, solidariedade e identificação/diferenciação de uma pessoa com outra, com a coletividade e com o universo.

Examinamos, então, que o processo do grupo mediado pela arte amplia as transformações em direção ao desenvolvimento da identidade amorosa e com a coragem de criar. É um processo em que todos do grupo aumentam seu campo de presença, gerando um profundo vínculo e um forte sentimento de gratidão.

Nesta caminhada, acreditamos ter vivido, junto com os participantes, cada sentido em nascimento e em conflito. Os sentidos identificados revelam o processo criativo mediado pela arte como forma de fortalecer a identidade nas transformações necessárias e no desenvolvimento da sua criatividade e coragem de criar. Mesmo diante da repressão e desvio da noção criatividade, os fatores de vínculo do grupo e contato com a natureza, mediados pela arte, podem colaborar para aceitar tais dificuldades e, principalmente, para superá-las. A arte tem aqui seu papel fundamental.

As principais limitações encontradas pela pesquisadora referem-se aos aspectos de separação entre seu processo e o do grupo. Cabe dizer que, mesmo não sendo o foco do estudo, uma pesquisa que ressaltasse esse aspecto do próprio facilitador-pesquisador enriqueceria seu olhar sobre a relação da arte com o desenvolvimento humano. Deixamos aqui a sugestão para futuras investigações.

Outros questionamentos que fazemos e que podem servir para outros estudos de aprofundamento da temática são: estudamos a construção de sentidos, em sua maioria, nas criações individuais, e os significados nas criações coletivas? Quais as principais diferenças e semelhanças no desenvolvimento de participantes de diferentes grupos de arte-identidade, arte-educação e arte-terapia? As frases, sensações e pensamentos de negação e desvalorização do potencial criativo perduram mesmo com o aprofundamento intenso do trabalho com a arte? O contato com a arte continua presente na vida dos participantes mesmo após o fim do grupo? Quais as caracterizações do aspecto autopoietico do ponto de vista da psicologia?

Essas são apenas algumas entre muitas perguntas que ressoam do nosso estudo e do nosso grupo, no qual aprendemos, trocamos, ensinamos e nos modificamos para continuarmos os mesmos. Hoje, sou outra, embora a mesma. Também transbordando gratidão.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice S. de. **Como desenvolver o potencial criativo**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- ALMEIDA, Custódio. **O mito e o jogo como modelos originários para a vivência em Biodança**. Porto Alegre, 2007 (texto não publicado).
- ANDRADE, Cássia Regina de. **Educação biocêntrica: vivenciando o desenvolvimento organizacional**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, João Paulo Pereira et al. O conceito de “sentido” em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. In: **Psicologia e Sociedade**. Florianópolis, v. 21. n. 2, maio/ago. 2009, p. 174-181.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo. Ed. Cultrix, 2006.
- CASTRO, Geísa Sombra de. **“Diálogos e vivências com Arte(e)identidade”**. Fortaleza: Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Ceará, 2009.
- CAVALCANTE, Ruth. Educação Biocêntrica: a pedagogia do encontro. In: CAVALCANTE; et al. **Educação biocêntrica: um movimento de construção dialógica**. 4. ed. Fortaleza: Edições CDH, 2007.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.
- CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- CREMA, Roberto. Abordagem Holística: integração do método analítico e sintético. In: BRANDÃO, Dênis; CREMA, Roberto. (Org.) **O Novo Paradigma Holístico: ciência, filosofia, arte e mística**. São Paulo: Summus, 1991.
- DILTHEY, Wilhelm. **Teoria de la concepción del mundo**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1978.
- DINO, Carlos Reni Araújo. **A Biodança e ação social: a potência de um sonho**. Fortaleza: ECB, 2007.

DUNCAN, Isadora. **Minha vida**: Isadora Duncan. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e Prática da libertação: uma introdução de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GLAUCE, Hertenha et al. **[Des]caminhos da arte-educação**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

GÓIS, Cezar Wagner de. **Arte-Identidade**. Fortaleza HumanizaSUS, Fortaleza: Secretaria Municipal de Saúde, v. 01, 2005a. p. 47-63.

_____. **Arte-Identidade**. Orientação do projeto de mestrado “Arte-identidade: a construção dos sentidos sobre a vivência da arte” em Psicologia da UFC. Agosto a novembro de 2010. Notas de aula. Manuscrito.

_____. **Biodança** – identidade e vivência. Fortaleza: Edições Instituto Paulo Freire do Ceará, 2002.

_____. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza: Edições UFC, 1993.

_____. **Psicologia comunitária** – atividade e consciência. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005b.

_____. **Saúde comunitária**: pensar e fazer. São Paulo: Hucitec, 2008.

GOODE, William; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1973.

LATORRE, Antonio; DEL RINCÓN, Delio; ARNAL, Justo. **Bases metodológicas de la investigación educativa**. Barcelona: Jordi Hurtado Mompeó-Editor, 1996.

LIBANEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1990.

LUCKESI, C.C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MATOS, Léo. **A magia do Mandala**. Ensaio apresentado em Congresso sobre mandalas: o círculo sagrado. John Hopkins University, Baltimore, Maryland, 1995.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas y seres vivos**. Autopoiesis – la organización de lo vivo. Santiago: Editorial Universitaria, 1998.

MAY, Rollo. **A coragem de criar**. 5. ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAIN, Sara. **Teoria e técnica da arte-terapia: a compreensão do sujeito**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAZ, Octavio. **El Arco Y La Lira: El Poema, La revelación Poética, Poesía e Historia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PINHO, Ana Maria Melo. **El valor ético del arte**. Buenos Aires: Libris, 2003.

PRIGOGINE, Ilya. **Criatividade da natureza, criatividade humana**. Estudos de Complexidade 2, 2003. Porto Alegre, Sulina.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

RIBEIRO, Kelen Gomes. **Biodança e saúde percebida: um olhar biocêntrico sobre a saúde**. Fortaleza: Tese (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Ceará, 2008.

RICHARDSON, Roberto J. E colaboradores. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 29. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1985.

SANTOS, A.T. (1995). **Estudo da criatividade no Brasil: análise das teses/dissertações em Psicologia e Educação (1970/1993)**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

SEVERO JÚNIOR, Raimundo. **Criatividade, identidade e arte: descobrindo caminhos no trabalho com grupos em saúde mental numa perspectiva existencial fenomenológica**. Fortaleza: Tese (Mestrado em Saúde Pública), Universidade Estadual do Ceará, 1999.

STÜCK, Marcus; VILLEGAS, Alejandra. **Biodanza em el espejo de la ciência**. Germany: Schibri-Verlag, 2008.

TORO, Rolando. **Biodanza**. 2 ed. São Paulo: Olavobras, 2005.

_____. **Coletânea de textos de biodança**. Org. Cezar Wagner de Lima Góis. 2. ed. Fortaleza, Editora ALAB, 1991.

_____. **Educação biocêntrica** – apostila do Curso de Formação Docente, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A Formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WEIL, Pierre. O Novo Paradigma Holístico. In: BRANDÃO, Dênis; CREMA, Roberto. (Org.) **O Novo paradigma holístico: ciência, filosofia, arte e mística**. São Paulo: Summus, 1991.

ZANELLA, Andréa Vieira; TITON, Andréia Piana. Análise da produção científica sobre criatividade em programas brasileiros de pós-graduação em psicologia (1994 - 2001). In: **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 10, n. 2, mai./ago. 2005, p. 305-316.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento para participação em pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estamos realizando uma pesquisa chamada “**Arte-identidade: a construção de sentidos sobre a vivência da arte**”. Essa pesquisa busca entender como são construídos os sentidos sobre arte, ou seja, quais as reflexões de cada participante sobre a arte que está vivenciando. Será gravado um encontro em que haja diálogo sobre a arte. Sua participação ocorrerá na medida em que compartilhe sua experiência com o grupo.

Esta pesquisa é importante, pois poderá ser útil para nossa facilitação e sua atuação com grupos comunitários, fortalecendo a construção da arte-identidade, e também contribuir com o trabalho do MSMCBJ.

Com essas informações, gostaríamos de saber sobre a sua aceitação em participar dessa pesquisa. É necessário esclarecer que:

- 1) A sua permissão deverá ser feita de livre e espontânea vontade;
- 2) Que você não ficará exposto a nenhum risco;
- 3) A sua identificação será mantida em segredo;
- 4) Que você poderá desistir de participar a qualquer momento;
- 5) Será permitido seu acesso às informações sobre a pesquisa;
- 6) Sua participação deverá ser voluntária, não recebendo pagamento para isto;
- 7) Serão preenchidas duas vias, uma permanece com o pesquisador e a outra com o participante da pesquisa;
- 8) Somente quando você se sentir esclarecido sobre o que foi explicado, deverá assinar esse documento.

Em caso de dúvida você poderá se comunicar com a pesquisadora Cândida Maria Farias Câmara, através do telefone (85) 8806-5946, do endereço eletrônico candidacamara@yahoo.com.br, ou através da coordenação do Mestrado Acadêmico em Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, situado na Avenida da Universidade, 2683, CEP: 60.020 -180, telefone: (85) 3366.7661 ou (85) 3366.7651.

Ainda em relação ao esclarecimento de dúvidas quanto à participação na pesquisa, é possível entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – fone: 3366.8338.

Consentimento pós- esclarecido

Declaro que, após as explicações da pesquisadora e por ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar, de livre e espontânea vontade, da pesquisa apresentada.

Fortaleza, ____ de _____ de 2010.

Assinatura do participante da pesquisa.

Digital do participante da pesquisa



Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE B – Quadro de unidades de sentido

TEMA 01 – Medos e resistências à criação	
Unidade de sentido	Participante
<p>ai depois você disse assim: “olhe, não imagine nada, não fique pensando no que você vai fazer não, deixe vir né, a criatividade, espontâneo”. “Vish, é agora, eu não sei fazer nada”. Eu só sabia fazer as florzinhas mesmo que era o que tava na minha cabeça. [IV.1 – P.1 – L.12-16]</p>	Argila (PC.1)
<p>já no desenho, não marcou tanto porque eu não sei desenhar muito, eu não sei criar muito, então, eu tô aprendendo com as minhas crianças, eu sinceramente, eu to pra ensinar, mas eu aprendo muito mais do que ensino, com os meninos, com a minha turminha. [IV.1 – P.1 – L.37-41]</p>	Desenho (PC.1)
<p>Muitas vezes eu tô, ainda divago muito, mas assim, eu fiz muito assim, um esforço muito grande em vários momentos desses dias, teve uma hora que até eu tive raiva de mim mesma: “meu, como é que eu não consigo?” Eu... mas “você está aqui, você está aqui”. Eu acho que em algum momento, não sei, mas pra mim esse é um esforço muito grande. [IV.1 – P.2 – L.3-8]</p>	Vivências (PC.2)
<p>E foi a primeira vez, não só aqui, a primeira vez que, talvez, fazendo uma atividade assim de desenho me veio de fazer pessoas, mesmo porque eu não sei desenhar... assim, gente. [IV.2 – P.6 – L.7-9]</p>	Desenho (PC.2)
<p>o trabalho com a argila foi o mais forte mesmo pra mim porque... eu fiquei até assustada porque quando vocês disseram que ia trabalhar com argila, pra produzir alguma coisa, ai eu “valha me Deus o que é que eu vou fazer se eu não sei fazer nada?” [IV.1 – P.3 – L.25-29]</p>	Argila (PC.3)
<p>A minha... a minha mandala lhe juro, eu fiz mas não sabia o que eu tava fazendo não. É... eu nem ia fazer, eu queria até me lembrar o que era mandala que a gente fez lá na casa de praia, eu disse assim, eu sei que é um papel mas eu não me recordo do que é uma mandala não. [I.V.2 – P.6 – L. 32-36]</p>	Mandala (PC.6)
<p>Eu tive um medo tão grande quando vocês falaram de fazer argila né, eu também tive a mesma sensação... as mesmas, já veio a imagem das panelinhas né. Também senti muito pavor quando vocês disseram “não pode fazer o que já tá né, tem que ir criando”. Ai comecei a fazer, amassei, amassei, pensei “ai meu Deus, o que eu vou fazer?” [IV.1 – P.10 – L. 31-36]</p>	Argila (PC.7)
<p>[...]Tem umas coisas que eu já acho mais estranho né, umas coisas... mas... eu gosto da em si, a parte que eu mais gosto é a parte da dança, da dança mesmo [...] menos aquela mais sensual...é, eu num... essas coisas assim eu sou meia... [risos] Eu fico meia... [...] Eu fico encabulada. [IV.1 – P.17 – L. 17-29]</p>	Dança (PC.9)
<p>eu também como sempre, não pejo pra desenhar, eu sou assim, gosto muito de pintar, mas desenhar eu não sou muito... a não ser que eu veja alguma coisa, então eu faço quase igual mas, pra mim, expressar no desenho é difícil, entendeu? Assim, na minha cabeça é muito difícil... [IV.3 – P.4 – L. 40-44]</p>	Desenho (PC.9)
<p>tudo que eu fui vivendo esses dias, de todas as vivências eu acho que pra mim tem momentos que eu acho que eu não me entrego. Eu às vezes falo com a Viviane, com o Marcos que eu partilho com elas, com as brincadeiras dela, que eu sou muito besta pra rir né, e as vezes eu começo a rir... [IV.1 – P.26 – L. 43; IV.1 – P.27 – L. 2]</p>	Vivências (PC.12)
<p>quando foi o dia dessa mandala, eu não falei sobre ela porque eu sabia o que ela representava pra mim, mas eu não saberia expressar isso em palavras... [IV.3 – P.3 – L. 36-38]</p>	Mandala (PC.16)

TEMA 02 – Processo de Criação	
Unidade de sentido	Participante
na hora eu comentei assim, por isso que quando a criança faz um desenho, o bichinho fica só desenhando, não sabe nem desenhar. Aí depois: menino, que é que foi que tu fez aqui? Isso aqui, aí vem, aí vem a imaginação todinha explicando “ah, ta lindo!” Na hora eu não to vendo não, mas eles viram. O que ele desenhou, ele vê, eles tão sabendo que tão fazendo. A mente vai ajudando as mãos, é como ela fala... [IV.1 – P.28 – L.37-43]	(PC1)
aí na hora que eu peguei na argila me veio na mente assim: “ Senhor, guia minhas mãos para fazer alguma coisa que esteja relacionado com o que estou vivendo ”. [IV.1 – P.1 – L.17-20]	Argila (PC 1)
[IV.1-P.2-L1] eu já tinha passado por isso algumas vezes, acho que uma ou duas vezes, a argila e normalmente o que eu consigo fazer é casinha e pessoas, não é. E... e aí, quando eu comecei aqui, eu fiquei só mexendo, mexendo, mexendo, mexendo e não vinha a questão de casinha e pessoas, eu comecei até a fazer pessoas mas não... [IV.1 – P.2 – L.10-14]	Argila (PC2)
eu já venho fazendo um caminho de terapeuta a muito tempo. Como a arte, ela diz mais do que uma hora de... de... conversa, eu conheço a história de alguns aqui, os desenhos é...traz tudo... traz inclusive os caminhos que cada um vai perceber, o que vai ajudar a cada um crescer mas assim, eu nunca tinha dado atenção de como a arte fala mais do que as palavras , do que uma intimidade verbal. Fantástico. [IV.1 – P.21 – L. 17-24]	(PC4)
Bom, realmente eu parei pra pensar nas mandalas agora porque realmente quando eu faço qualquer trabalho de arte-terapia ou arte-identidade, eu não penso em nada . [IV.3 – P.6 – L.7-9]	Mandala (PC4)
Nós tava falando que se mandar fazer outro desenho como esse aqui, com certeza a gente não faz do mesmo jeito né. A mente da gente faz uma coisa que... não foi mandado . [IV.2 – P.1 – L. 17-19]	Mandala (PC5)
Eu vou falar aqui do meu elefantzinho [risos]... é... na hora também eu não sabia o que ia fazer, pensei algumas coisas, mas não era pra pensar, era pra deixar acontecer . [IV.1 – P.15 – L. 5-7]	Argila (PC9)
e justamente o que ele tava falando também que a gente é... desenhou o que a gente tava vivendo naquele momento né . Como por exemplo, eu tava compartilhando que eu tava fazendo um sol, um sol, um sol... de repente, depois, eu passei pra árvore, aqui na minha árvore eu queria fazer verde, de repente a árvore ficou seca e eu me desesperei “não” ... que me dominou e eu não... [IV.2 – P.1 – L. 23-29]	Mandala (PC10)
E, também... a minha caminhada na biodança já faz alguns aninhos [risos] Acho que já tem uns quinze anos de biodança. E assim, acho que cada vez que você vive biodança, acho que é essa coisa, quando você tá... é... entregue ao momento, é sempre diferente porque nada é igual né . [IV.1 – P.22 – L. 16-20]	Biodança (PC11)
Falar de mim... é... as pessoas aqui falaram um pouco de oração né, de pedir a Deus, de Deus e eu sinto que esse movimento da argila, pra mim, foi uma oração . [IV.1 – P.27 – L. 17-19]	(PC13)

TEMA 03 – Liberdade x Prisão	
Unidade de sentido	Participante
Aí eu peguei o preto e botei aqui né, mas depois, agora, olhando... o preto aqui, pra mim, ta significando a época que eu tava com os problemas e quando eu disse que tava em felicidade, eu acho que esse colorido aqui foi a felicidade que eu tava vivendo no momento... [IV.3 – P.1 – L.17-21]	Mandala (PC1)
e quando eu coloquei isso aqui, eu não ia colocar mais nada, mas disse “ah, mas tá tão	Mandala

solto, tão aberto”, aí coloquei como se fosse assim pássaros na liberdade. Eu tava livre, eu estou , desde a época que aconteceu tudo que aconteceu minha vida mudou mesmo, eu to bem, agradeço... [IV.3 – P.1 – L.25-29]	(PC1)
Aí aqui nesse dia, disse assim “o que é que eu vou fazer, né?”, não tinha nada não, eu fui jogando aqui e sem querer eu joguei o amarelo aqui, eu tava olhando a diferença, se aqui foi o tempo que eu tava com problemas, aqui já foi luzes oh... já foi claro... o meu caminho tá iluminado , o pensei assim logo que eu olhei de imediato... [IV.3 – P.1 – L.42; IV.3 – P.2 – L.1]	Mandala (PC1)
e aí eu conversando com a Viviane, eu fiquei tão, assim, abobalhada olhando pra minha mandala [IV.2 – P.5 – L.23-24]	Mandala (PC2)
Acho que a ordem é essa aqui mesmo... e aí assim, eu acho que tem, pra mim eu vi o sentido, talvez até lógico ou não... mas assim eu vi um sentido. Coisas que se repetem, como a questão da terra, da base e do céu, é como se eu tivesse mesmo nesse... tentando encontrar um espaço nesse universo que é tão grande... [IV.2 – P.5 – L.30-34]	Mandala (PC2)
me chamou bastante atenção foi mesmo essa história de que essas duas mandalas pra mim tem muito elemento abstrato , é muita abstração. [IV.2 – P.5 – L.36-38]	Mandala (PC2)
de repente a borboleta ta aqui, achando, procurando o centro,e aí esses negócios enrolados que eu sempre faço, eu não sei porque... e aí vem pra cá... Aí a Viviane fez assim uma leitura fantástica, “olha, você tava aqui, mergulhou aqui, saiu aqui” [Risos] [IV.2 – P.5 – L.39-43]	Mandala (PC2)
Aí o que me chamou atenção foi que, pra mim, ela não simboliza essa vontade de voar, ela simboliza muito mais essa vontade de dizer “eu quero pousar” . [IV.2 – P.5 – L.44-46]	Mandala (PC2)
na nossa conversa isso foi muito forte pra mim, essa reflexão da liberdade . O que é essa liberdade? Que o outro vê essa borboleta só como a vontade de voar, mas, pra mim, ela não tá dizendo essa vontade de voar e é assim, de voar, mas também de decidir “ eu quero agora voar, mas depois eu quero pousar ”. [IV.2 – P.5 – L.47; IV.2 – P.6 – L.2]	Mandala (PC2)
E aí vem pra cá, exatamente onde eu to me sentindo hoje, e me sinto pousada mesmo né , e a borboleta tá ali de novo e nem era pra estar porque eu ia fazer, tava tentando fazer era outra coisa, uma flor e aí acabou que foi a borboleta, foi a última coisa que eu fiz naquele desenho. Então eu sinto assim, que tem um... um sentido. [IV.2 – P.6 – L.2-7]	Mandala (PC2)
O primeiro que eu fiz foi esse, aqui eu vejo que eu fiz a... a Silvia também me ajudou a... a fazer algumas descobertas. Eu vejo o universo né, essa necessidade, assim como a Alana tava falando, eu também sinto essa necessidade de ir além... de... expandir né, porque eu sou uma pessoa muito centrada, muito pé no chão, que planeja muito, quer tudo certinho, tudo direitinho, tudo muito bem pensado né. E aqui eu vi essa necessidade mesmo de me soltar [IV.2 – P.9 – L.27-33]	Mandala (PC3)
o segundo já é essa coisa de voltar de novo pro chão, pés no chão... que aí eu vejo a terra né, como o planeta Terra mesmo, mas eu vejo isso em mim, essa questão de.. é, ta muito no chão e tem necessidade de voar, de ir além... [IV.2 – P.9 – L.34-37]	Mandala (PC3)
eu realmente nem percebi a consigna de que eu poderia romper as mandalas [IV.3 – P.6 – L.11-12]	Mandala (PC4)
Então, eu acho que ficou tão firme, tão terra que vocês poderiam ter dito dez vezes que era pra usar o papel todo ou como quisesse que tava formatada a idéia... porque isso também tem haver com a minha identidade mesmo né, de virginiano, de elemento terra , de caminhada mesmo, das comunidades eclesiais de base, essa coisa do muito correto [IV.3 – P.6 – L.16-21]	Mandala (PC4)
todas elas não tem saída, nem transcende os limites, porém todas traduzem muito do que eu vivo, essa, essa questão do espiral é muito forte . Na primeira e na última aparece o	Mandala (PC4)

espiral nessa forma circular, o outro nessa forma do espiral evolutivo né... [IV.3 – P.6 – L.23-26]	
fica em mim, olhando pra essas mandalas... a gratidão por esses espirais na minha vida, a certeza de que... uma hora ou outra eles transcendem e de que eu preciso colaborar pra que eles possam transcender isso tudo e foi muito... mó barato, eu não ouvi em momento algum a consigna, fechei-me totalmente pra isso, é tanto que... bem fechadinho. [IV.3 – P.7 – L. 35-40]	(PC4)
mas eu falando de mim aqui... uma hora estoura, de uma forma ou outra, e ela tem que estourar porque é muita energia né. Aqui mesmo tem muita energia, muita energia e isso tudo aqui uma hora “pum”... então isso me dá muito conforto até, assim, porque as grandes mudanças da minha vida, elas aconteceram... algumas com muita dor, outras com pouca dor, mesmo quando eu fiquei preso às mandalas, essas mudanças aconteceram né. [IV.3 – P.7 – L.22-28]	Mandala (PC4)
Comentei aqui a dificuldade que eu tive pra começar a fazer essas mandalas né. E essa daqui eu não consegui me soltar, eu sinto que eu fiquei presa aqui, bem aqui no meio. Eu queria vida aqui, até dei um nome pra ela, de vida... só que eu me senti presa, muito presa. [IV.2 – P.3 – L. 5-9]	Mandala (PC7)
Quando eu passei pra essa daqui também, eu queria me soltar, eu tentei, tentei, mas no final eu senti que eu ainda tava presa aqui... tinha uma coisa que me prendia muito aqui ao meio. Pra cá, mas senti que tava meio preso aqui... até comentei sobre essa listra preta que eu botei aqui no meio. E como eu já falei também, eu não conseguia me concentrar só aqui em mim, eu sempre... até esse dia aqui, eu tava ainda muito com meu filho na cabeça, até eu comentei também. Então eu não consegui me soltar como eu gostaria de ter me soltado mesmo... [IV.2 – P.3 – L. 9-16]	Mandala (PC7)
Aí quando vocês me disseram que eu tinha que pensar em mim, tinha que tentar desprender né, aí eu fiquei muito ansiosa pra fazer a terceira. Fiquei esperando né, até teve uma sessão que era pra ter e não teve né e ficou pra próxima... aí eu “não teve a mandala, mas na próxima com certeza vai ter”... aí foi quando eu cheguei quarta-feira aqui, eu me entreguei nessa daqui, fiquei ali no canto, me meti a fazer e eu sinto que eu me soltei totalmente nessa daqui... o que tava preso aqui ao centro, aqui ao meio, eu soltei tudo aqui, aqui... eu ainda tentei, soltei o que deu pra mim soltar, clareou tudo aqui na minha mente e eu quero me soltar, eu quero soltar, eu quero... [IV.2 – P.3 – L. 16-26]	Mandala (PC7)
Bem, não sei se é o mesmo significado né, mas é assim que eu me sinto. Essa mandala aqui eu to totalmente livre, to livre... livre mesmo, me emocionei, quase não conseguia falar no início, que eu tava emocionada, eu senti vontade de chorar, só que eu fiquei um pouquinho...aí depois eu consegui falar. [IV.2 – P.3 – L. 28-32]	Mandala (PC7)
também comentei pra ela que meu problema não é mais uma coisa que me prende né, quando eu começo a pensar nele, que eu sei que ele vai... como ontem, que ele quis... e eu “não, eu não vou, não quero, quero ser livre”...e quero me sentir daqui pra frente livre, toda, desprendida desse meio aqui. [IV.2 – P.3 – L. 33-37]	Mandala (PC7)
Então só aproveita, se lambuza, aquele lambuzado nosso foi uma festa. Gente que coisa BOA, Ave Maria, foi gostoso DEMAIS. Acho que foi o momento assim esplendoroso, tanto quanto andar na praia. LIBERTAÇÃO. Eu tava andando, eu não tive medo, eu não tive... o que vinha. Eu acho que pela força da terra, que a gente conseguiu, que era as três que eu queria passar... e eu to sentindo isso. To sentindo, TA AQUI... eu acreditar, com todas as incertezas. [IV.1 – P.14 – L. 23-29]	Caminhar (PC8)
então comecei a fazer esta roda, mas depois senti a vontade de expressar a liberdade... aí comecei a fazer esses círculos aí, ultrapassando essa roda aí pra... questão de ver, de	Mandala (PC9)

<p>expressar a liberdade, mas hoje eu tava olhando aqui, comentando até com ela aqui, que eu to vendo um olho, um olho aí, não sei se eu quero que alguém me veja, se eu quero ver alguém, aí não sei... [IV.3 – P.4 – L. 32-38]</p>	
<p>Nesta segunda aqui, [...] aí eu... mas eu gosto muito de planta, então eu fui tentar fazer uma planta, mas não gostei muito da planta... aí comecei a riscar aí né, só pra preencher mesmo, mas... aí, pensei numa florzinha aí também, que eu gosto muito de flores, gosto muito da natureza... mas aí, naquele dia vocês me ajudaram a ver uma casa e hoje realmente eu vejo uma casa aqui, com esta planta presa aí dentro desta casa, e eu realmente, comentando com ela aqui, disse que eu realmente me sinto muito presa em casa... e... presa em vários sentidos, presa é... porque eu não tenho liberdade lá em casa, em ter um espaço meu né, então é tudo junto lá em casa sabe... tava falando pra ela, lá em casa não é tão pequeno não, mas tem quatro quartos mas dorme três num quarto só, eu e minhas duas irmãs... então, tem quartos vazios mas ninguém sabe... tem uns motivo que a gente não conseguiu ainda... então eu não tenho liberdade de chegar, chegar no meu quarto, é dividido... e aí, realmente, eu me sinto presa. [IV.3 – P.4 – L. 40; IV.3 – P.5 – L. 9]</p>	Mandala (PC9)
<p>Então continua essa prisão, presa sabe, nós três nesse quarto, do mesmo jeito e eu venho sentindo necessidade de me libertar disso e ainda não consegui. [IV.3 – P.5 – L. 30-32]</p>	Mandala (PC9)
<p>eu fiz essa mandala, eu desenhei aqui uma águia mas ai depois fiz “eu acho que ninguém vai entender que isso aqui é uma águia”, que eu quero passar pra eles que é uma águia. [IV.2 – P.4 – L. 2-5]</p>	Mandala (PC15)
<p>Foi porque quando eu, geralmente eu levanto, eu sou a primeira que levanto, ai vou ajeitar as fardas, café, leite, vou fazendo as coisas e vou acordando, saio no quarto de todo mundo e vou acordando... e ai quando eu puxei assim o meu armário, lá o meu guarda-roupa, tinha... a primeira coisa que eu vi, que os meus olhos bateram, foi aquele livro do Leonardo Boff “a águia e a galinha”? Pronto, e aí quando eu vim fazer isso aqui... e ai, aquele livro está na minha casa e eu juro pra vocês, eu ainda não li... [IV.2 – P.4 – L. 5-12]</p>	Mandala (PC15)
<p>eu sentia nesse dia aqui e sinto né, que eu quero alçar vôo mesmo, eu preciso, preciso mesmo... mas aí eu coloquei esses nomes: amigos, trabalho, família, aqui assim como se eles tivessem realmente fechando, eu ainda não consigo, não consigo, é muito complicado. [IV.2 – P.4 – L. 13-17]</p>	Mandala (PC15)
<p>a primeira que eu fiz foi essa né, essa enxerida aqui bem... saindo, saindo ela toda enxerida. E aí eu fiz rápido, foi rápido, eu não demorei né, o que veio foi essa aqui, essa borboleta, muita cor. Aí eu deitei um pouquinho, mas também me deu vontade de fazer essa né, que na verdade é essa aqui mostra mais como eu estou ainda, como eu estou me sentindo agora, que eu ainda to enganchadinha nesse casulo, não consigo me desprender... [IV.2 – P.4 – L. 17-23]</p>	Mandala (PC15)
<p>aí na semana seguinte eu tava lendo um artigo de um jornal que falava sobre o livre arbítrio... e sobre o significado que ele é, eu disse “é a minha mandala... a minha mandala”. Eu me lembrei logo da mandala e dizia mais ou menos assim que o livre arbítrio é Deus no homem, é o criado na criatura criadora, é Deus eminente no homem, é por assim se dizer é a abdicação de Deus em favor do homem... e é justamente o que eu vejo na minha mandala [IV.3 – P.3 – L. 38-44]</p>	Mandala (PC16)
<p>que é essa história da gente... nós temos o poder de decidir, se agente quer ficar, se quer seguir, pra onde vai, mas... ao mesmo tempo que a gente tem esse poder, a gente necessita das outras pessoas, a gente gosta de ter as outras pessoas, como eu tava explicando pra ela, esses são os individuais, mas em cada pessoa tem um pouquinho da</p>	Mandala (PC16)

<p>outra, um é laranja mas tem um pouquinho do verde que pertence a outra pessoa... uma é rosa mas tem um pouquinho do azul que pertence a outra pessoa e assim a gente vai construindo a nossa história, a nossa vida... mas sempre também em prol de um bem maior, de algo que a gente busca em Deus [IV.3 – P.3 – L. 45; IV.3 – P.4 – L. 4]</p>	
<p>Eu vejo na segunda mandala uma continuação da primeira, porque quando eu fui explicar a segunda mandala eu disse que era o mundo, mas não o mundo exterior, meu mundo, o que eu quero e pra que eu possa ter esse mundo interior, da forma como eu quero o meu mundo interior, que é sem fronteiras, é... obedecendo os limites de cada pessoa, os meus limites, os mesmos direitos, os deveres e... e unidos, em busca de algo melhor, que seja o amor, que seja a paz, que seja a esperança, que seja fé, que seja Deus... [IV.3 – P.4 – L. 14-21]</p>	Mandala (PC16)
<p>de repente comecei a montar, aí fui montando, fui montando e quando eu estava montando a bola do meio eu comecei a fazer né, como se fosse a barriga de uma mulher, aí veio a minha filha quando tava grávida das gêmeas, aí foi assim, aquela vontade de fazer, e criando, fui criando e por incrível que pareça. É pra mim levar ela é? Vou levar! [IV.1 – P.1 – L.21-26]</p>	Argila (PC1)
<p>Eu vou fazendo... e esse daí não, eu comecei a moldar, eu fui pensando na minha neta... e eu acho que, de dentro de mim, ela olhando aqui pra mim, eu acho que é a vida. Essa barriga aí, é uma, uma... uma pessoa gerando outra vida, eu acho que por isso que veio na minha cabeça... e eu acho que é essa mudança que eu to querendo ter né, me sentindo assim, nascendo de novo. Acho que foi isso, eu tava olhando agora, pensando nisso, tá mais claro. [IV.1 – P.34 – L.19-23]</p>	Argila (PC1)
<p>nesses dias aqui, eu vivi três momentos bons, eu senti mesmo, que foi a caminhada, foi a dança de shiva ontem que eu... eu tenho a impressão que aconteceu alguma coisa comigo ontem. Alguma coisa eu senti diferente de mim, que eu tava na dança aqui, naquele momento que eu fiquei só, e eu senti que algo mudou dentro de mim, eu sentia como se fosse cair, mas uma força me trazia pra me levantar e eu... e eu... uma coisa me puxava e eu puxei pra ficar em pé... e de repente eu me vi em pé e vaila, cadê? Eu to tão firme aqui, fiquei firme, não via mais nada... eu vi que algo aconteceu naquela hora, naquela dança, que eu me entreguei, comecei devagar mas eu me entreguei. [IV.1 – P.32 – L.34-44]</p>	Dança (PC1)
<p>E depois foi no momento de, é... de fazer é... construir e depois desconstruir que eu senti muito forte... é... quando ela tava desfazendo, eu senti assim tudo que era ruim, que eu sentia de peso, de coisa assim, tava saindo, é... jogando fora mesmo. E quando ela reconstituiu, eu me senti... terminou, eu senti que era uma nova pessoa... eu senti na hora sabe? “Não, não sou mais aquela”. [IV.1 – P.32 – L.44-49]</p>	Dança (PC1)
<p>eu to num momento de transformação né, e foi o que eu quis representar um pouco na minha arte né. É... eu queria mostrar transformação e aí eu quis fazer essa mulher né. É... e aí eu quis fazer uma mulher forte porque eu sou forte [risos]... [IV.1 – P.24 – L. 28-32]</p>	Argila (PC11)
<p>aí eu quis fazer essa mulher, e aí foi mais difícil que não saiu assim, o rosto né. Num... assim... porque eu acho que ela ainda tá nesse processo, que eu ainda to me transformando né, que eu to nessa busca que eu ainda sabe, não consigo ver muito bem essa cara né, porque é isso, ela sempre não vai ter uma cara, não vai ter uma coisa fixa. A vida significa que toda hora você pode se transformar né [IV.1 – P.24 – L. 37-42]</p>	Argila (PC11)
<p>E quando eu olhava pra ela eu vejo assim, ela ta cheia de marcas, cheia de cicatrizes, eu tava querendo... botava água pra ver se desmanchava, se ver ela ficava lisa, sem marcas... mas tá cheia de marcas, mas tá bonita... [IV.1 – P.25 – L. 45-48]</p>	Argila (PC11)
<p>eu pensei em desenhar uma flor de girassol mas eu fiz isso daqui, me dá uma sensação de nascimento né... uma flor nascendo. Esse segundo, é esse daqui, me dá uma</p>	Mandala (PC12)

impressão de um catavento, de alguma coisa que gira, então que faz um movimento né. E aqui eu lembro que eu me preocupei muito em centralizar, mas, na verdade, depois eu vi que tava mais pra lá... [IV.2 – P.2 – L. 27-32]	
Eu até falei pra Alana, que eu acho que tudo me parece com a biodança, aqui eu tava nascendo né, aqui o movimento de girar e aqui to um pouco [...] Buscando o centro... [IV.2 – P.2 – L. 38-42]	Mandala (PC12)
Eu tava falando também assim pra Roberta, “Roberta, eu acho que tenho ainda um desejo muito grande dentro de mim de um nascer, precisa ainda alguma coisa nascer dentro de mim pra eu poder rebentar”, como diz o povo assim “rebentar”. [Risos] Há alguma coisa aqui no centro que tá em expansão... vou fazer muita sessão de renascimento por aí, vou procurar... umas sessões de renascimento... [IV.2 – P.1 – L. 38-44]	Mandala (PC14)
É a minha identidade... perder alguns medos, medos, preconceitos, algumas coisas... E... esse rosto aqui, quando eu fui fazer era uma árvore... aí saiu esse rosto, eu desenhei uma pessoa sorrindo, que... num desejo também de ser uma pessoa alegre. Não sei se vocês captam uma pessoa sorrindo aqui? que a minha colega não captou não. [Risos] [IV.2 – P.2 – L. 2-7]	Mandala (PC14)
eu tenho muitas possibilidades, mas que eu tenho que assumir algumas coisas mesmo, criar coragem... [IV.2 – P.2 – L. 14-15]	Mandala (PC14)
Assim... eu to vivendo muitas coisas, como sempre, é uma característica minha. Não sei se tem um vazio dentro de mim e, ao mesmo tempo, tem é muita vontade de viver. Eu ainda to me perguntando, porque eu estou sempre, sempre vivendo mil sentimentos e mil coisas ao mesmo tempo. E aí meu desenho traduz muito isso, muitas cores. [IV.1 – P.20 – L.43-48]	Desenho (PC4)
Tem muitas possibilidades né e aí, o meu desenho, até o que eu fiz na cerâmica foi uma rede, uma teia de aranha. [IV.1 – P.20 – L.49; IV.1 – P.21 – L.2]	Cerâmica (PC4)
Esse desenho aqui saiu sem... eu nem sabia o que eu ia fazer e de repente quando eu vi, vi que ficou uma rede, ficou também com oito caminhos. [IV.1 – P.21 – L.2-4]	Desenho (PC4)
eu também fiz na argila a roda das sete direções que é a direção norte, sul, leste, oeste, pra mãe-Terra, pro universo e pra o coração. [IV.1 – P.21 – L.4-6]	Argila (PC4)
eu quero sair daqui com esta, com este sentimento e to saindo muito com isso né, ouvindo as histórias de vocês e também sentindo a minha, de que eu preciso ficar mais tranquilo ainda me desapegando mais de algumas coisas, perdendo o medo de perder algumas coisas. [IV.1 – P.21 – L. 6-10]	(PC4)
quando a gente tem muitos caminhos não precisa muito de ter medo ou ficar amarrado a certas coisas porque sempre vão ter outros caminhos, vai ter sempre um caminho pra seguir. [IV.1 – P.21 – L. 13-16]	(PC4)
É... eu tava mexendo na argila, partia, via uma imagem, teve uma hora que eu vi duas meninas, teve uma hora que eu via... é... uma pessoa orando, teve uma que, enfim... e até que teve uma hora que eu separei de novo e vi um pé. [IV.1 – P.27 – L. 19-23]	Argila (PC13)
E esse movimento, esse momento da terra, do chão, pra mim foi muito forte eu to com as minhas pernas doídas até agora, porque eu to... eu acho que nesse momento pra mim é mais claro, mas há muito tempo eu to nesse momento de tentar concretizar, de encontrar suporte, sustentação, porque eu sempre tive arte. [IV.1 – P.27 – L. 23-27]	Argila (PC13)
No final eu disse “não, mas eu não posso perder essa asa, de forma nenhuma”. E, pra mim foi um pedido, uma oração. [IV.1 – P.28 – L. 3-5]	Argila (PC13)

TEMA 04 – Natureza	
Unidade de sentido	Participante
foi tão prazeroso ir pra praia, eu já tinha combinado com o Ricardo, antes, mas... eu fiquei tão feliz por ele me convidar e perguntar se eu queria a companhia dele. Ele tava numa serenidade muito forte, então eu me entreguei e em nenhum momento eu me assustei, em nenhum momento eu abri meu olho. Parece que eu estava andando sobre luzes, estava ali, estava sentindo, estava sentindo aquele sol . Por isso eu digo, “eu estou aqui” e eu não sei o que isso vai trazer amanhã pra mim, eu não sei se eu vou entender o que foi que aconteceu, mas eu sei que eu estou aqui, estou vivendo, estou apaixonada e to usufruindo. [IV.1 – P.14 – L. 11-20]	(PC8)
E aí você vê, de repente eu venho pra biodança né, eu que tenho quinze anos de biodança, vivi uma experiência que eu nunca vivi na biodança né, que foi caminhar tanto tempo de olhos fechados. Já fiz várias vivências, desafios da biodança que de repente podia ser mais difícil e ontem eu vivi essa experiência que eu achei assim foi uma das mais marcantes [...] Pra mim, eu acho que foi um dos momentos mais... sei lá... pra dizer assim o quanto eu ainda posso viver na vida né. Quando você pensa que viveu tudo, você não viveu nada ainda, que você tem ainda tantas coisas pra viver na vida né . [IV.1 – P.23 – L. 12-23]	(PC11)
Aí... e eu gostei de ser cuidada, aí quando voltava eu queria cuidar da Ísis e vi assim, o quanto também nós seres humanos já fizemos com essa natureza que é tão grande, tão amorosa com a gente. O quanto a gente já fez, a gente vinha caminhando e tanto na parte da praia quanto aquela parte mais próxima do mar, eu podia deixar livre, a vontade que eu tinha era de soltar e deixar, porque tu estava com a natureza, a gente tava com a natureza e não tinha perigo , mas a partir do momento que a gente veio se aproximando, que vinha pra perto das casas. Aí tinha risco porque... porque tá cheio de lixo, podia furar o seu pé, sabe. Uns carros já tinham deixado suas marcas né. [IV.1 – P.23 – L. 40; IV.1 – P.24 – L. 1]	(PC11)
eu fiquei um bom tempo só no prazer de tá né mexendo a argila né e depois fui vendo a forma, deu vontade de fazer esse buraquinho, aí assim fui deixando os dedos, depois as mãos tavam, pra finalizar é... o restinho da argila que tava nas mãos, fui mexendo e deixando cair no jornal e me veio também a lembrança do meu pai , ele não deixava a gente estragar nada, essa questão mesmo de você não deixar desperdiçar, aí o pouquinho que caiu, eu “ah, vou botar aqui em cima pra ficar... pra finalizar”. [IV.1 – P.3 – L.39-46]	Argila (PC3)
eu consegui ver um fóssil, assim porque eu gosto muito da natureza, da terra, eu acho que quando eu tava construindo me veio essa lembrança da terra né, aí eu achei mais parecido um fóssil , pra mim né. [IV.1 – P.3 – L.49; IV.1 – P.4 – L.2]	Argila (PC3)
quando eu peguei esse papel aqui, a primeira imagem que veio na minha cabeça foi um rio... um rio que eu tomava muito banho nele quando eu era criança, no interior , no sertão mesmo. A gente ia muito tomar banho nesse rio, nesse rio tinha um poço, só que eu não consegui desenhar o poço, só desenhei o rio. Aí veio as imagem daquele matinho que ficava assim na beirada do rio, matinho com umas florzinha amarela, outras... tudo bem misturadinho. [IV.1 – P.10 – L. 7-14]	Desenho (PC7)
E, no mesmo que eu tava vendo esse rio aqui, eu também me vi andando na beirada da praia, naquela vivência de ontem né. Me senti assim muito livre! Bem leve e, ao mesmo tempo, que eu tava caminhando na beirada da praia, a impressão que eu tive que tava assim, caindo um assim... pingos de água né, em cima de mim. Caindo, uns pinginhos de chuva... uma sensação muito boa de liberdade. [IV.1 – P.10 – L. 14-20]	Caminhada (PC7)
Eu sempre quis ser livre, mas sempre tinha alguma coisa que impedia de realmente se	(PC7)

<p>libertar. Eu queria ser, mas sempre teve alguma coisa que impede né, de eu ser livre total. Quando eu tava criando isso aqui foi isso que eu senti, tudo isso aqui: a natureza do rio e apesar das dificuldades que foram muitas eu gostaria de voltar a esse lugar um dia. [IV.1 – P.10 – L. 20-25]</p>	
<p>então eu preferi deixar a forma da terra, eu procurei uma forma da terra, as montanhas que existe que a gente consegue subir. Aqui as entranhas que as montanhas dá, mas que a gente acaba tendo aqui sempre um espaço pro homem, que a natureza oferece. Então foi isso, eu só queria assim que eu tentei buscar aqui, foi encontrar a forma da natureza, em termos de montanhas que a gente consegue subir. Eu ainda não sei, mas tem homem que sobe. O homem chega lá. E o espaço dele aqui junto à natureza, os altos e os baixos. Né, aí tem hora que a terra tá tipo assim uma bandeja, mas o homem, embora na dificuldade daqui, que seja muito fino, mas ele chega. Ela sempre te dá uma forma de como você chegar, te mostra um jeito. E foi isso, e me acreditar, me fez acreditar que nós somos capazes. Então foi isso que eu quis passar por essa aqui, a forma da terra, que existe muitos altos e muitos baixos, mas a gente tem que passar, basta querer. [IV.1 – P.13 – L. 45; IV.1 – P.14 – L. 10]</p>	Argila (PC8)
<p>Meu primeiro foi esse... o sol, um pôr-do-sol, com toda sua fúria quando a gente olha né, que dá vida com seus raios, radiante, necessidade de expansão... [IV.2 – P.9 – L. 47-49]</p>	Mandala (PC8)
<p>o segundo foi esse, ainda falta muito, mas esse sol já brilhava com algum objetivo de harmonia... e a água né. Sol, necessidade de expansão, continua, agora com um pouco mais de clareza, com calma... aqui não, aqui está mais limpo, mas com essa mesma necessidade, mas sabendo que queria brilhar... [IV.2 – P.9 – L. 49; IV.2 – P.10 – L. 4]</p>	Mandala (PC8)
<p>Eu comecei a pegar na argila, amassar e me veio muito forte essa presença desse elefante porque, na semana passada, eu vi uma elefanta, sei lá... salvando um elefantinho bebê de num lago, que ele tinha caído e se ela não tivesse cuidado, ele tinha morrido, que ele era bebê. E eu achei muito interessante aquilo ali, do jeito como ela conseguiu. E na hora, todos os elefantes que tavam ao redor veio ajudar a mãe a tirar o bebê do lago né. Esse negócio ficou muito presente na minha cabeça e na hora só me veio esse elefante. [IV.1 – P.15 – L. 7-15]</p>	Argila (PC9)
<p>Aí eu “mas meu Deus do céu o que é que esse elefante veio fazer nessa praia né, nesse meio aqui?”. Eu não entendi, mas foi o que veio na minha mente... foi o elefante com aquelas, é... a vida do elefantinho, ele saiu, eles ajudando né, levando assim com a tromba. Entendeu? Botando o bichinho pra sair e eu achei muito interessante e aí foi o que veio na minha mente: o elefante. [IV.1 – P.15 – L. 15-21]</p>	Argila (PC9)
<p>É... eu acho que salvar vidas, é...eu também gosto muito da natureza, e juntou uma coisa com a outra e eu achei bem interessante, mas pra cá eu não sei o que tem a ver. Eu acho que com a vida mesmo, vida, a biodança vem de vida né, aí eu juntei uma coisa com a outra, resgata vida, salva vida. [IV.1 – P.15 – L. 21-25]</p>	Argila (PC9)
<p>Em mim... eu sou muito trancada né, vocês já devem ter percebido que eu sou muito fechada. É... silenciosa, eu gosto mais de ouvir, não gosto de expressar o que eu sinto... não tive oportunidade de fazer isso, entendeu? Eu não falo muito de mim não, assim... eu to vendo se por aqui eu consigo falar alguma coisa, talvez quando a Alana [irmã que também integra o grupo] me convidou pra vir fosse esse o objetivo, de eu me abrir mais porque eu sou muito fechada. [IV.1 – P.15 – L. 40-47]</p>	Argila (PC9)
<p>agora aqui, eu quis desenhar uma... uma estrela, eu gosto muito do brilho da estrela, gosto da estrela. Então, não sei o significado realmente, só o meu gostar. Eu quis desenhar as estrela mas foram aparecendo uns coqueirinho também... mas aqui o centro é uma estrela... [IV.3 – P.5 – L. 35-39]</p>	Mandala (PC9)

eu achei legal essa daqui, melhor do que as outras... quando eu terminei de fazer... [IV.3 – P.6 – L. 3-4]	Mandala (PC9)
E... eu fiz isso aqui né, primeiro eu tava pensando assim, eu pensei vou fazer os pontinhos, pensava na questão de caminhar né, fazer caminhada. E depois me veio, quando eu fazia a caminhada de ontem né, depois me veio a questão do sol, do sol né, que clareia tudo né. Então, assim, o sol nos dá oportunidade de clarear os caminhos que a gente vai seguir, as trilhas. Então eu fiquei mais na questão do sol né. Depois eu fiz os pontinhos e lembrei que a figura do sol que clareia, que ilumina, nos dá vida, dá vitalidade. Então, eu acho assim que um momento desse é... é muito... assim, precioso na vida da gente porque, como vocês já falaram, é um momento de você se cuidar pra poder cuidar do outro que tá do seu lado, cuidar da vida né... eu to aprendendo ainda. [IV.1 – P.22 – L. 3-14]	Cerâmica (PC10)
Então, lá até meus copinhos começaram a derramar e tudo, deixei, fui passando o pincel. E quando apareceram essas cores aqui, eu achei interessante... disse “olha aqui, parece que ta parecendo a imagem de um quadro né”... não sei. [IV.1 – P.26 – L. 13-16]	Aquarela (PC12)
E depois, assim, fiquei observando e mostra assim bastante coisa, eu vejo! Pra mim tem pássaros aqui, é... flores, planeta, caminho , assim... tanta coisa sabe, aparece assim um monte de pontos que eu não desenhei, mas na minha visão mostra isso. [IV.1 – P.26 – L. 16-19]	Aquarela (PC12)
ai me veio assim uma imagem de umas pedra, eu acho que eu tinha vivido lá no interior, aquelas rocha assim, umas pedras que tinham lá bem bonita no rio e eu comecei a amassar e pensando naquela pedra lá. Mas, na verdade, eu por alguns lugares aqui, eu me imaginava nas pedras, mas fui fazendo assim e depois me parecia uma fonte de água, sabe. Depois, enfim... eu comecei até pôr essas coisas que sobrava dos meus dedos aqui, como se fosse pedras aqui em cima né. Então pras pessoas eu nem vejo o que vocês podem imaginar, mas a minha cabeça vê isso né. [IV.1 – P.26 – L. 23-31]	Argila (PC12)
quando eu terminei assim, eu achei que era “vou colocar aqui uma pessoa”, ai quando eu fui fazendo me veio na mente um anjo né, um anjo assim deitado . Ai quando eu coloquei, eu fiz isso assim. Na verdade não parece um anjo, mas no momento eu pensei foi nisso né. Acabou dando nisso aqui. [IV.1 – P.26 – L. 32-36]	Argila (PC12)
quando apareceu isso aqui eu imaginava naquela fonte de água, caindo , a água, essas coisas assim. [IV.1 – P.26 – L. 41-42]	Argila (PC12)

TEMA 05 – Sentimento de grupo e de gratidão	
Unidade de sentido	Participante
Como a Viviane diz é bom aqui porque a gente conta e sabe que ninguém vai dizer pra ninguém, vai contar pra ninguém. E é tão bom quando a gente pode desabafar... [choro e fala emocionada] eu estou feliz aqui com vocês . [IV.1 – P.32 – L.01-09]	(PC 1)
E em todo momento que eu tive aqui, de vivência, de tudo... eu me conectava aqui com vocês e com Deus, era sempre louvando a Deus por esse momento, de estar aqui . A caminhada lá da praia, quando eu vinha voltando, eu louvei muito a Deus por aquele momento, por eu estar vivendo aquilo que fazia tempo que eu não vivia e por tá relembando, porque de certa forma eu recordei tudo quando eu passava nas terapias né. E nunca mais eu tinha vivido isso. [IV.1 – P.31 – L.04-10]	(PC 1)
Aí eu penso assim, vaila como eu fui capaz de aprender isso aí porque... com a vela, eu jamais imaginei que se fazia isso com vela. Ah, essas coisas que eu vou aprendendo aos poucos e agradecendo a Deus , louvando a Deus, como eu digo, por ter essa oportunidade, onde muitos podiam ter e não querem né [IV.1 – P.34 – L.23-33]	(PC 1)

<p>não sei se foi o primeiro dia mas no dia que eu vim que tava a Eveline e o Marcos, tipo assim aquilo mexeu comigo [fala com choro]... eu achei tão engraçado eles dois estarem na biodança [pausa para choro]... e achei muito legal, muito bonito... e aí, é. No decorrer desse processo eu venho desenvolvendo uma admiração muito grande por eles dois, às vezes eu não sei porquê. É... [fala com choro] pela sensibilidade, é uma sensibilidade tão grande né que mexe... [IV.1 – P.12 – L.34-40]</p>	(PC2)
<p>eu queria agradecer mesmo sabe porque eles dois pra mim é uma referência muito forte. Eu acho até que a arte é um caminho... pra mim eu vejo, talvez né quando eu vi o desenho dele. IV.1 – P.13 – L.5-8]</p>	(PC2)
<p>como a Viviane diz, eu não preciso ter título acadêmico pra passar, pra ensinar, pra ser alguém né, assim... eu não preciso ter tanto bens materiais. Minha busca não é por isso, é pela vida mesmo, por essa beleza né, é de chegar e fazer a gente mergulhar nesse rio também né. É muito, é muito bom estar aqui com vocês. [IV.1 – P.13 – L.9-14]</p>	(PC2)
<p>Depois eu quero só agradecer a vocês duas porque assim... entrar em contato com a arte-identidade e a biodança [IV.1 – P.21 – L. 16-17]</p>	(PC4)
<p>Aí pensam que eu sou assim, aqui é meu desabafo, quando eu venho pra cá, quando eu encontrei o grupo de biodança. Rapaz ali... é tanto que quando a gente sai ninguém comenta, oh coisa boa, parece assim um padre que a gente vai se confessar né, se confessa mas daqui não sai. Né? Aí é bom, então eu acho gostoso. Se eu vou falar por aí que eu sou frágil aí oh [gesto obsceno]... desculpa [Risos]... Se eu for mostrar por aí que eu sou frágil aí não, tu é doida? [IV.1 – P.9 – L. 32-38]</p>	(PC6)
<p>Então, nesse exato momento eu estou vendo, é um presente divino estar aqui com todos vocês, absorvendo, aprendendo, ensinando. Por que não também ensinando?... né? Obrigado. [IV.1 – P.14 – L. 49; IV.1 – P.15 – L. 1]</p>	(PC8)
<p>eu vim assim primeiro com uma coisa: eu queria viver esse momento com esse grupo porque assim, eu acho que cada grupo, eu gosto sempre de estar com muitas pessoas, assim... e esse grupo é significativo pra mim, eu vivi muitos momentos bons, conheci muita gente interessante, que eu admiro, eu fico olhando assim, a grandeza que tem em cada um, assim... [IV.1 – P.23 – L. 4-9]</p>	(PC11)
<p>mas quando eu me concentro mesmo, eu acho assim... eu acho que tudo é uma coisa sagrada, eu acho muito interessante, muito forte, é... a amizade que a gente tem, o abraço quando a gente dá um ao outro né. Eu acho assim, muito... muito prazeroso. [IV.1 – P.26 – L. 43; IV.1 – P.27 – L. 6]</p>	(PC12)

ANEXOS

ANEXO A - Texto utilizado em círculo de cultura

Permissão para criar

A criatividade é a celebração de nossa própria grandeza, o sentimento de que podemos fazer com que qualquer coisa se torne possível. É uma celebração da vida, minha celebração da vida. É uma afirmação ardente: Estou aqui! Quero a vida! Me amo! Posso ser tudo! Posso fazer tudo!

A criatividade não é só um conceito, mas o ato mesmo: a realização do que é urgente, do que necessita ser afirmado. Não é só expressão de espectro total da experiência e sentimento de unidade de cada pessoa, mas também um ato social, um compartilhar com nossos semelhantes, uma celebração, essa afirmação de viver uma vida plena.

A criatividade é a expressão da presença de Deus em minhas mãos, olhos, cérebro: em todo meu ser. A criação é a afirmação que faz cada indivíduo de sua devoção, de seu transcender a luta diária pela sobrevivência e o peso da mortalidade: um grito de angústia e de celebração.

A criatividade é a ruptura de limites, a afirmação da vida mais além da vida, a vida movendo-se mais além de si mesmo. Devido ao seu próprio sentido de integridade, a vida nos pede que afirmemos nossa natureza intrínseca, nossa essência como seres humanos.

Finalmente, a criatividade é um ato de coragem. Estabelece: estou disposto a mudar e arriscar-me ao ridículo e ao fracasso para poder experimentar este dia com novidade e frescor. Aquele que se atreve a criar, a transpor limites, não só participa de um milagre, mas chega a descobrir que em seu processo de ser, ele é um milagre!

- O processo criativo na terapia gestáltica. Joseph Zinker

ANEXO B – Autorização de Comitê de Ética para a pesquisa

Universidade Federal do Ceará
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. Nº 214/10

Fortaleza, 10 de setembro de 2010

Protocolo COMEPE nº 212/10

Pesquisador responsável: Cândida Maria Farias Câmara

Título do Projeto: “Arte-identidade: A construção de sentidos sobre a vivência da arte”

Levamos ao conhecimento de V.S^a. que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará – COMEPE, dentro das normas que regulamentam a pesquisa em seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e complementares, aprovou o protocolo e o TCLE do projeto supracitado na reunião do dia 09 de setembro de 2010.

Outrossim, informamos, que o pesquisador deverá se comprometer a enviar o relatório final do referido projeto.

Atenciosamente,

Assinatura manuscrita em tinta roxa de Mirian Parente Monteiro.

Dra. Mirian Parente Monteiro
Coordenadora Adjunta do Comitê
de Ética em Pesquisa
COMEPE/UFC